

UNIVERSIDADE ANHEMBI MORUMBI

MARIA DE FÁTIMA LIMA PEREIRA

**AS TRANSFIGURAÇÕES IMAGÉTICAS DE
ELZA SOARES**

**SÃO PAULO
2015**

MARIA DE FÁTIMA LIMA PEREIRA

**AS TRANSFIGURAÇÕES IMAGÉTICAS DE
ELZA SOARES**

Dissertação de Mestrado apresentada à Banca Examinadora, como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre do Programa de Mestrado em Comunicação, área de concentração em Comunicação Contemporânea da Universidade Anhembi Morumbi, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Maria Ignês Carlos Magno.

**SÃO PAULO
2015**

MARIA DE FÁTIMA LIMA PEREIRA

**AS TRANSFIGURAÇÕES IMAGÉTICAS DE
ELZA SOARES**

Dissertação de Mestrado apresentada à Banca Examinadora, como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre do Programa de Mestrado em Comunicação, área de concentração em Comunicação Contemporânea da Universidade Anhembí Morumbi, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Maria Ignês Carlos Magno.

Aprovado em ___/___/___

Prof^a. Dr^a. Maria Ignês Carlos Magno
(Orientadora)

Prof^a. Dr^a. Dinah Aparecida de Mello Aguiar Población

Prof. Dr. Gelson Santana

DEDICATÓRIA

"Sonhar
Mais um sonho impossível
Lutar
Quando é fácil ceder
Vencer o inimigo invencível
Negar quando a regra é vender
Sofrer a tortura implacável
Romper a incabível prisão
Voar num limite improvável
Tocar o inacessível chão
É minha lei, é minha questão
Virar esse mundo
Cravar esse chão
Não me importa saber
Se é terrível demais
Quantas guerras terei que vencer
Por um pouco de paz
E amanhã, se esse chão que eu beijei
For meu leito e perdão
Vou saber que valeu delirar
E morrer de paixão
E assim, seja lá como for
Vai ter fim a infinita aflição
E o mundo vai ver uma flor
Brotar do impossível chão"

Chico Buarque

AGRADECIMENTOS

Mais um sonho se realiza...

Dizem que para uma pessoa se realizar por completo necessita plantar uma árvore, ter um filho (a) e escrever um livro.

Acredito que o realizei, há tempos plantei uma árvore, tive uma filha (Renata) maravilhosa, e escrevi alguns livros, senão sozinha, mas rodeada de um time de amigos (as) e profissionais do mais alto calibre que me ajudaram a escrevê-los.

Porém, descobri mais um sonho que ainda não havia cumprido que é a de participar de um Programa de Mestrado, e certa vez conversando com a Professora Especialista Cristina Duarte Lepore, Coordenadora do Bacharel em Estética da Universidade Anhembi Morumbi, me incentivou muito a buscar informações sobre os Mestrados da nossa Universidade e em especial o Programa de Mestrado do Curso de Comunicação, e assim o fiz, pois foi à pessoa que despertou em mim esta possibilidade e sou muito grata pelo seu apoio, compreensão e oportunidade.

Agradeço à Professora Doutora Maria Ignês Carlos Magno, minha querida e admirada orientadora, pelo exemplo de dedicação, determinação, amabilidade, serenidade, disponibilidade e seriedade com que me orientou, além do que acreditou que esse trabalho seria possível, meu muito obrigada, a senhora é especial.

Ao Professor Doutor Gelson Santana, meu mentor, inspirador, professor que me norteou a trilhar por novas idéias, caminhos e correlações para desenvolvimento deste trabalho, com sua marca pessoal de docência, com excelência acadêmica inigualável, suas preciosas “dicas”, minha gratidão.

Ao Professor Doutor Vicente Gosciola pelas suas importantes orientações desde o momento que entrei no Programa de Mestrado pela sua serenidade e dedicação, meu agradecimento.

Aos Professores Doutores Sheila Schvarzman e Renato Luiz Pucci Jr., modelos de seriedade e rigor, que tanto contribuíram com suas aulas e conselhos, meu agradecimento.

A todos os Professores Doutores sou grata e em especial ao Professor Doutor Rogério Ferraraz que desde o início me incentivou a participar do Mestrado em Comunicação, após algumas reuniões onde me mostrou que eu podia sim trazer o tema saúde e beleza para dentro da comunicação e, assim o fiz, meus agradecimentos.

Não posso deixar de destacar as Professoras Doutoradas Bernadette Lyra e Laura Loguercio Cánepa, após ter sido aprovada para o Mestrado em Comunicação, na qual foram minhas entrevistadoras, suas contribuições e conselhos foram de total relevância, além de acreditarem que eu podia sim desenvolver pesquisa na área de comunicação abordando dentro do audiovisual as questões voltadas à saúde e beleza, minha gratidão.

Meu agradecimento especial à Professora Doutora Dinah Aparecida de Mello Aguiar Población pela sua disponibilidade e preciosas orientações.

Agradeço também o carinho e atenção de todos os professores tanto do Mestrado como dos que compartilho da docência no dia a dia desta Universidade. Não posso deixar de agradecer também o carinho e atenção da Assistente do Programa de Mestrado Sra. Alessandra Gislaine Marota.

Aos meus queridos colegas de Mestrado obrigada pela amizade e em especial à Tania Trindade pelas horas que compartilhamos informações, inquietudes e força para desenvolver cada uma seu trabalho.

Ao Fernando Andina, meu amor e companheiro meu especial agradecimento pela tolerância, carinho, dedicação, pelas horas e horas, semanas e semanas, meses e meses a fio dando todo suporte e me alentando com todo

seu carinho e apoio nos momentos de dificuldade e cansaço, meus mais puros e sinceros agradecimentos.

Agradeço também à minha amiga e secretária Maria José Impastari Rodrigues pela compreensão, paciência, pois ao longo deste tempo foi à pessoa que pacientemente coordenou minha agenda do consultório para que eu pudesse trabalhar neste estudo adequadamente.

Para finalizar destaco agradecimento especial à minha mãe Dolores de Lima Pereira (Lola), minha musa inspiradora e exemplo de profissionalismo, dedicação e paixão pela profissão de Estética que exerce a 45 anos, em memória ao meu pai Alex Carlos Pereira, homem de fibra, determinado, exemplo de ética, seriedade, e uma vida dedicada aos seus deixa muita saudades e, a toda minha família, agradeço imensamente.

À minha filha querida Renata, meu genro Thiago, pela compreensão, apoio e paciência por todo tempo que dedico a esta profissão e em especial a este trabalho, meu muito obrigada.

Por fim agradeço à Universidade Anhembi Morumbi, pela bolsa de estudos oferecida neste período em que desenvolvi e aprimorei meus conhecimentos e espero poder compartilhar com nossos alunos a importância de cada vez mais buscar aperfeiçoamentos nos mais diversos campos do saber.

RESUMO

Este estudo tem como objetivo acenar para a identificação dos processos das transfigurações imagéticas da cantora Elza Soares, ícone da música popular brasileira. A proposta é procurar entender o processo de construção da imagem de uma das cantoras brasileiras e suas mudanças ao longo da sua carreira. Compreender estas transfigurações de imagem me levou a pesquisar como se desenvolveu, se foi uma construção imagética programada, pensada e construída ou se foi um apelo do marketing pessoal, consolidando assim sua imagem ou não por meio destes recursos. No decorrer dos meus estudos, foram levantadas algumas hipóteses com relação aos indivíduos, de como ele percebem e veem seus corpos e imagens, que território é este tão complexo e encantador. De que maneira este corpo está sendo reinventado e como é visto virtualmente no seu real estado físico. Destaco também neste estudo como as mulheres nas mais diferentes décadas se comportaram frente às questões socioculturais e como a beleza e a imagem se propagaram neste cenário e, a inserção propriamente dita da persona Elza Soares a partir da década de 60 no ambiente artístico e cultural e como as transfigurações imagéticas ocorreram neste espaço de tempo até os dias de hoje, como a personagem se reinventou produzindo novas imagens, se refazendo, se atualizando a partir da sua própria transfiguração como se este fosse um elemento norteador do estar na superfície midiática. Espero com esta pesquisa ter contribuído para os estudos tanto na área de comunicação e em especial no audiovisual como para a área de estética da beleza.

Palavras Chave: Comunicação Contemporânea; Elza Soares; Estética da beleza; Imagética; Transfigurações.

ABSTRACT

This study aims to identify the processes of image transfiguration of the singer Elza Soares, icon of Brazilian popular music. The objective is to understand the image transformation process of one of the Brazilian singers and its changes throughout her career. To understand these image transfigurations, it was necessary to do a research to find out how this process was developed, if it was a scheduled imagery construction, designed and built or if it was a personal marketing appeal, consolidating her image or not through these resources. In the course of my studies, are raised some hypotheses regarding individuals and how they perceive and see their own body and images, which territory is this so complex and charming. How this body is being reinvented and is seen as virtually at its actual physical state. I also highlight in this study how women in the different decades behaved in the scope of socio-cultural issues and how the beauty and the image propagated in this scenario and, inserting itself persona Elza Soares from the 60's in the artistic and cultural environment and as the imagery transfiguration occurred in this period of time until the present day, and how the character has reinvented itself producing new images, remaking, upgrading it from its own transfiguration as if it were a guiding element of being in the media surface. I hope with this research have contributed to the studies both in the communication audiovisual areas, as well as for the aesthetics of beauty area,

Key-words: Contemporary Communication; Elza Soares; Aesthetics beauty; Imagery; Transfiguration.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|--|----|
| Figura 01: Mulher de Willendorf..... | 21 |
| Figura 02: A lendária Nerfetiti..... | 22 |
| Figura 03: A Vênus de Milo..... | 23 |
| Figura 04: Renoir: A Banhista..... | 23 |
| Figura 05: Beleza Século XVI- Maria Stuart..... | 24 |
| Figura 06: Beleza Século XVII- As Três Graças de Rubens no século XVII.... | 24 |
| Figura 07: Beleza Século XVIII- Stylist Rose Bertin..... | 24 |
| Figura 08: Beleza Século XIX..... | 25 |
| Figura 09: Beleza Século XX- Audrey Hepburn..... | 25 |
| Figura 10: Atriz Theda Bara, cognominada “A Vamp”..... | 30 |
| Figura 11: Atriz Theda Bara em A Fool There Was..... | 31 |
| Figura 12: Atriz americana Louise Brooks..... | 32 |
| Figura 13: Josephine Baker, a “Vênus de Ébano”..... | 32 |
| Figura 14: Bailarina Anna Pavlova, 1920..... | 34 |
| Figura 15: Massagem facial (1928)..... | 34 |
| Figura 16: Massagem nas costas..... | 35 |
| Figura 17: Greta Garbo em “Anna Christie”..... | 36 |
| Figura 18: Marlene Dietrich em “O Anjo Azul”..... | 36 |
| Figura 19: Banho de luz..... | 37 |
| Figura 20: Janet Wyman apareceu em “Você está Agora no exército”..... | 38 |
| Figura 21: Rita hayworth em “Gilda”..... | 39 |
| Figura 22: Grace kelly..... | 40 |
| Figura 23: Ava Lavinia Gardner..... | 40 |

| | |
|--|----|
| Figura 24: Marylin Monroe..... | 41 |
| Figura 25: Elza Soares aos 12 anos..... | 52 |
| Figura 26: Tipos de Pele segundo Fitzpatrick..... | 53 |
| Figura 27: 1956 – Vamos Cantar – Capa da Revista..... | 54 |
| Figura 28: 1960- Se acaso você chegasse..... | 55 |
| Figura 29: 1961- A Bossa Negra..... | 55 |
| Figura 30: Tropicalia..... | 56 |
| Figura 31: 1962- Romance com Garrincha..... | 62 |
| Figura 32: 1963- Sambossa..... | 63 |
| Figura 33: 1964- Na Roda do Samba..... | 63 |
| Figura 34: 1965- Um Show de Elza..... | 64 |
| Figura 35: 1966- Com a Bola Branca..... | 64 |
| Figura 36: 1967- Elza Miltoninho e Samba..... | 64 |
| Figura 37: 1967- O máximo em samba..... | 66 |
| Figura 38: 1968- Elza Soares, Miltoninho – Volume 2..... | 66 |
| Figura 39: 1968- Elza Soares Bateria Wilson das Neves..... | 66 |
| Figura 40: 1969- Elza Soares, Miltoninho – Volume 3..... | 66 |
| Figura 41: 1970- Samba & Mais Samba..... | 67 |
| Figura 42: 1972- Elza Pede Passagem..... | 67 |
| Figura 43: 1970- Janis Joplin..... | 68 |
| Figura 44: 1970- Janis Joplin..... | 68 |
| Figura 45: Filme Shampoo..... | 69 |
| Figura 46: Vidal Sassoon..... | 69 |
| Figura 47: Zizi Jeanmaire..... | 70 |
| Figura 48: A cantora careca..... | 73 |

| | |
|---|-----|
| Figura 49: 1972- Elza Soares e Roberto Ribeiro..... | 73 |
| Figura 50: 1973- Aquarela Brasileira..... | 73 |
| Figura 51: 1974- Elza Soares – Pranto Livre..... | 74 |
| Figura 52: 1975- Nos Braços do Samba..... | 74 |
| Figura 53: 1976- Lição de Vida..... | 75 |
| Figura 54: Pilão + Raça=Elza..... | 75 |
| Figura 55: 1977- Elza Soares com Garrinchinha..... | 76 |
| Figura 56: 1980- Elza Negra. Negra Elza..... | 77 |
| Figura 57: 1985- Somos todos iguais..... | 77 |
| Figura 58: 1988- Voltei..... | 83 |
| Figura 59: 1996- ao lado de Jair Rodrigues..... | 83 |
| Figura 60: grava com Caetano Veloso a música “Língua”..... | 84 |
| Figura 61: 1997- Trajetória..... | 93 |
| Figura 62: 1999- Carioca da Gema..... | 94 |
| Figura 63: 2002: Do cóccix ao pescoço..... | 94 |
| Figura 64: 2007- Abertura do Pan Americano com Hino Nacional..... | 94 |
| Figura 65: 2008- Beba-me ao vivo..... | 94 |
| Figura 66: 2008- Beba-me ao vivo..... | 96 |
| Figura 67: 2008- Beba-me ao vivo..... | 96 |
| Figura 68: 2009- Elza Soares sofreu..... | 96 |
| Figura 69: 2010- Elza Soares a Vol do Brasil..... | 96 |
| Figura 70: Musical Chico & Caetano- Rede Globo..... | 98 |
| Figura 71: 2011- Documentário Elza Soares- A voz do Brasil..... | 99 |
| Figura 72: 2011- Documentário Elza Soares- A voz do Brasil..... | 99 |
| Figura 73: 2013- Documentário Canal BIS- O Gingado da Nêga..... | 100 |

| | |
|--|-----|
| Figura 74: 2013- Documentário Canal BIS- O Gingado da Nêga..... | 100 |
| Figura 75: 2013- Making of estrelado por Elza Soares..... | 102 |
| Figura 76: 2014- My Name is now..... | 103 |
| Figura 77: 2014- Em temporada no Teatro Rival..... | 104 |
| Figura 78: 2014- A transgressão de Elza Soares..... | 105 |
| Figura 79: 1959- Les 400 coups..... | 123 |
| Figura 80: 1961- Briga, mulher e samba..... | 125 |
| Figura 81: 1962- O vendedor de linguiça..... | 127 |
| Figura 82: 1965- O puritano da Rua Augusta..... | 129 |
| Figura 83: 1973- Um caipira em Bariloche..... | 130 |
| Figura 84: 2003- Lisbela e o prisioneiro..... | 132 |
| Figura 85: 2005- Estrela Solitária..... | 133 |
| Figura 86: 2007- Elza Soares canta Bambino- Filme – Garrincha Estrela Solitária..... | 134 |
| Figura 87: 2011- Estamos juntos..... | 135 |
| Figura 88: 2014- My name is now..... | 136 |

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Tabela e Classificação dos tipos de pele segundo Fitzpatrick.....53

SUMÁRIO

| | |
|--|-----|
| INTRODUÇÃO..... | 16 |
| 1. A ESTÉTICA DA BELEZA NA HISTÓRIA..... | 20 |
| 1.1. A beleza feminina..... | 20 |
| 1.2. Mulher e beleza no cenário sociocultural de 1910 a 1950..... | 29 |
| 2. ELZA SOARES NO CENÁRIO ARTÍSTICO E CULTURAL..... | 46 |
| 2.1. Integração..... | 51 |
| 2.2. Construção da persona..... | 64 |
| 2.3. Passagem do mito através da mídia..... | 78 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 110 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... | 112 |
| ANEXOS A- CRONOLOGIA DA DISCOGRAFIA DE ELZA SOARES..... | 118 |
| ANEXOS B- CRONOLOGIA FÍLMICA E PARTICIPAÇÕES EM TRILHAS SONORAS DE ELZA SOARES..... | 122 |

INTRODUÇÃO

Minha trajetória no programa das disciplinas foi de fundamental contribuição para meu projeto, pois inicialmente a visão de roteiro que previ para elaboração da proposta de pesquisa tinha como objetivo elaborar um estudo midiático com a finalidade de observar, narrar comportamentos, atitudes de transformação e obsessão dos telemidiáticos na busca por novidades nos planos relacionados a técnicas, produtos, procedimentos no campo da estética da beleza. Também estava inicialmente previsto estudo da literatura científica e de divulgação existente sobre a “Eterna Juventude e Beleza”, assim como verificar o comportamento das mulheres numa possível construção de um corpo protagonizado pelos meios midiáticos que podiam levar a uma postura de submissão em relação à sua própria identidade; previ também verificar a relevância desta proposta que era mostrar à sociedade a importância da busca por corretas informações no campo da saúde, dos verdadeiros resultados de tratamentos estéticos e/ou cuidados com a saúde que se aplicariam às questões de caráter individual.

À medida que iniciei o curso meu roteiro inicial e previsto foi se modificando e tomando outro corpo a partir do momento que na primeira disciplina com as “Novas Mídias e Práticas Socioculturais” ministrada pelo Prof. Dr. Vicente Gosciola pude ter uma noção diferenciada de como identificar as convergências, os hibridismos, os intercâmbios e os efeitos nas novas mídias e entre as tecnologias da comunicação além dos processos socioculturais que é um dos aspectos que a disciplina explorou e, pude entender como a comunicação audiovisual se processa com seus inúmeros desdobramentos sociocultural. Pude avaliar como a sociedade contemporânea tem sido marcada como uma era em que o consumismo dita modas e comportamentos, as interfaces socioculturais no princípio do cinema com novas mídias e práticas socioculturais ditam a evolução do audiovisual e, me surpreendeu à medida que fui pesquisando descobrir a quantidade de obras fílmicas que retratam a busca pela eterna juventude, que é era mote da minha pesquisa e projeto e, posso citar algumas obras como: Branca de Neve e os Sete Anões (1938),

Crepúsculo dos Deuses (1951), O Inventor da Mocidade (1952), A Mulher Vespa (1959) entre outras.

Ao mesmo tempo em que começava a compreender como os processos midiáticos do ponto de vista da tecnologia e das novas mídias se processavam mergulhei no conteúdo ministrado pelo Prof. Dr. Gelson Santana com a disciplina “Efeitos das Tecnologias da Comunicação Audiovisual” com molduras, janelas, natureza e espírito e percebi ainda mais como os efeitos tecnológicos da comunicação provoca, através das mídias, a emergência do imaginário que precede a qualquer experiência que possa ser apreendida como real. As imagens propagadas pela cultura de massa exploram, às vezes, o corpo, e essa construção de simulacros atribuem à mulher o símbolo da sexualidade, deslocando o ideário desejado por aquelas que buscam o reconhecimento social e intelectual. Trata-se de uma ilusão de ótica aplicada ao comportamento feminino, estimulando a ideia de que a emancipação está diretamente ligada ao reconhecimento cultural/midiático da beleza física.

Com o semestre em andamento conclui que meu projeto começava a tomar novo formato, novas possibilidades surgiam, principalmente após estudar as disciplinas “Efeitos das Tecnologias da Comunicação Audiovisual” e “Novas Mídias e Práticas Socioculturais” realmente transformou minhas ideias, enquanto inicialmente eu imaginava identificar a influência dos canais midiáticos na busca das mulheres paulistas pela da eterna juventude e analisar os aspectos que o programa da GNT Super Bonita influenciava estas mulheres, conclui que não poderia dar este tipo de encaminhamento ao meu projeto, pois o programa de TV não daria sustentação à linha de pesquisa que começava a traçar como escopo de trabalho e, muito menos pautar meus estudos sobre as mulheres paulistas e sim construir alicerces mais profundos sobre a busca da eterna juventude nos processos midiáticos com foco em algum personagem midiático de peso que somente descobri quando no segundo semestre tive a disciplina “Conceitos Culturais do POP nos meios de Comunicação Massivos”, ministrado pelo Prof. Dr. Gelson Santana que versou sobre: cultura massiva e seus processos de produção de sentido mostraram como inúmeros aspectos da cultura popular, enquadradas pelos meios de comunicação se convertem em pop, comprovou que a cultura pop se confirmou como principal estratégia

do espaço midiático e passou a modelar as próprias mídias e, estudando estes aspectos mais o conceito de espetáculo como a principal força motriz da noção do pop, pensei, porque não juntar os conceitos do popular, do pop, da cultura de massa, do espetáculo com as transformações que a cantora Elza Soares promoveu no personagem que adotou midiaticamente ao longo de toda vida. Minha proposta era refletir sobre as repercussões da chamada cultura de massa aliada à importância do processo da busca pela eterna juventude e beleza imagética e correlação entre estes aspectos, juventude e aceitação popular no que tange à comunicação de massa e sucesso e o quanto influencia o mercado dito popular, porém esta ideia também sofreu alterações e caminhou para novas perspectivas de estudo que finalmente pautou meu trabalho que são: As Transfigurações midiáticas de Elza Soares.

Foi possível perceber a importância de todos os conteúdos e conceitos desenvolvidos entre as disciplinas e como contribuíram para uma nova visão do audiovisual e, em especial de como uma personagem midiática e fortemente popular e pop como Elza Soares encaminhou imageticamente sua carreira profissional.

Para fechar o curso, destaco a disciplina ministrada pelos Professores Doutores Sheila Schavarzman e Renato Luiz Pucci Jr. “Comunicação Audiovisual e Teorias do Contemporâneo” me deram uma importante visão dos conceitos de contemporâneo a partir do estudo de aspectos midiáticos e tecnológicos, com a Modernidade, hiperestímulo e o início do sensacionalismo popular com destaque para o cinema e a invenção da vida moderna; sobre a Teoria Cultura de Massa; como o cinema, a rádio e as revistas constituem um sistema na cultura contemporânea; como os interesses comerciais dos detentores dos veículos de comunicação, que veem a sociedade como um mercado de consumo dos produtos por eles impostos através da indústria cultural dão origem a um processo de massificação da cultura.

A disciplina me fez compreender e articular as noções de modernidade, pós-modernidade e contemporaneidade além dos aspectos históricos e socioculturais.

Com tantas ferramentas e conteúdos disponibilizados ao longo do curso, novas indagações surgiram e me levaram a concluir que o caminho deveria ser outro, e não percorrer o da “Eterna Juventude – Imposições Midiáticas” e sim me envolver nas “Transfigurações Imagéticas de Elza Soares”, e assim o fiz e, para percorrer este estudo procurei compreender como as mulheres construíram sua imagem ao longo das décadas e quais os aspectos socioeconômicos e culturais envolvidos até os dias de hoje e, como Elza Soares entra neste cenário com a música, de personalidade e características marcantes, uma multiplicidade imagética, que veredou não somente pela música assim como pelo cinema, pelas trilhas sonoras de vários filmes, além de centenas de shows e participação em inúmeros documentários.

Com base nestes objetivos tracei um norte para este estudo pautado no levantamento dos conceitos teóricos sobre a beleza na história, sobre aspectos relacionados às diferentes mídias, dados bibliográficos sobre a cantora Elza Soares, sua discografia, participações em filmes, documentários, entrevistas, reportagens e shows.

A partir deste acervo pude direcionar um estudo geral da trajetória artística e principalmente imagética da personagem Elza Soares assim como todo o processo de transfiguração e construção de sua imagem nas capas dos discos ao longo de sua carreira e, quais as possíveis repercussões no ambiente artístico como uma das propostas e sugestões da banca de qualificação.

Como resultado a dissertação ficou estruturada da seguinte maneira: no primeiro capítulo desenvolvi breve história sobre a beleza feminina, em seguida no segundo capítulo destaco a mulher e a beleza no ambiente sócio cultural nas décadas 1910 a 1950 e finalizo o trabalho com o terceiro capítulo com as transfigurações midiáticas de Soares no cenário artístico e cultural seguidas das considerações finais e anexos discográficos e fílmicos.

Enfim, espero com esta pesquisa ter contribuído para as áreas de comunicação e da estética da beleza.

1. A ESTÉTICA DA BELEZA NA HISTÓRIA

1.1. A beleza feminina

Na sociedade contemporânea, o corpo tem se configurado cada vez mais como um dos principais espaços simbólicos na construção dos modos de subjetividade de nossa época. Vários autores têm apontado à dimensão que o corpo passou a ocupar em nossa sociedade. Colocar o corpo em cena não é algo novo. Esta temática vem aparecendo em inúmeras publicações, em diferentes áreas do conhecimento, nos últimos anos e porque não dizer décadas. Neste capítulo pretendo destacar e estudar o corpo contextualizado historicamente e em especial refiro-me às décadas de 50 até os dias de hoje.

Segundo (BRETON, 2003), em “Adeus ao corpo”, destaca:

No fundamento de qualquer prática social, como mediador privilegiado e pivô da presença humana, o corpo está no cruzamento de todas as instâncias da cultura, o ponto de atribuição por excelência do campo simbólico (BRETON, 2003, p.31).

Numa cultura tão comprometida com o valor das imagens, não surpreende que o visível tenha se tornado algo de relevante destaque que, em consequência, tampouco pode resultar estranho que nesta época se multipliquem os questionamentos em torno dos alicerces que sustentam nossas visualidades. Nas últimas décadas, com a expansão dos meios de comunicação audiovisuais e a consolidação dos modos de vida que Guy Debord vislumbrava, em 1967, como a instauração de certa “sociedade do espetáculo”, aprendemos a viver um permanente deslizamento entre-imagens.¹

¹Cabe esclarecer que essa expressão foi cunhada originalmente pelo pesquisador francês Raymond Bellour (1997), em seu livro homônimo, publicado em 1990. O uso do termo que se faz aqui, porém, é relativamente livre, com relação às suas teorias. Havia o cinema, a fotografia, a pintura. Hoje, há cada vez mais imagens. Passagens entre as imagens. Porque tudo passa na televisão. Porque o vídeo forma e transforma todas as imagens. Entre fotografia, cinema e vídeo, o entre imagem é um lugar de passagens. Entre imobilidade e movimento, figuração e desfiguração. E, também, entre pintura e literatura ou linguagem.

E, ainda, em meio a essa proliferação imagética, verifica-se hoje um crescente devir-imagem em termos de subjetividade e corporeidade; isto é, uma incitação à produção do “eu” na esfera do visível.

No seu livro “História da Beleza”: o corpo e a arte de se embelezar, do renascimento aos dias de hoje, Georges Vigarello (2006) procura destacar as mudanças que ocorrem em relação ao corpo e à beleza a partir das “mudanças políticas”, sociais e culturais de cada época. Ele mostra as transformações nos perfis de beleza de acordo com o tempo, as variações da forma, contornos, e posturas do corpo em cada época, os diferentes métodos que foram empregados em nome da beleza, passando por distintos cosméticos, o espartilho, até a era da toxina botulínica e o advento das cirurgias plásticas.

“O corpo desde a Pré-História era uma arma de sobrevivência, a fim de caçar e correr dos predadores, mas nas primeiras civilizações, os treinos e as atividades sempre estiveram voltados às necessidades coletivas, como guerrear”, diz (SANT’ANNA, 2001, p.127).

Figura 1



Fonte - <http://vmulher5.vila.to/interacao/original/13/o-corpo-da-mulher-ao-longo-dos-seculos-2-13-904.jpg>

Figura 1- Mulher de Willendorf: a estátua esculpida há mais de 22 mil anos retrata o corpo ideal da mulher.

Figura 2



Fonte - <http://horafinal.meiaervilha.com.br/ah-mulheres/>

A lendária Nefertiti é destaque no livro *Beleza do Século* de (FAUX, 2000: p.26,27), o autor destaca curiosos hábitos de higiene datados em 1372 a.C.. Menciona aspectos estilizados, a maquiagem com Kajal e pigmentos é bem visível nesta cabeça em madeira policromada.

“A mulher egípcia lavava-se inteiramente toda manhã com uma mistura de água e carbonato de cal, esfregando o corpo com uma pasta de argila proveniente do lodo do Nilo. Estamos num país quente, e tais cuidados servem para combater os danos do clima e, sobretudo, do sol. Pés e cotovelos são esfregados com frequência com uma pedra-pomes de grão fino, que servia também para a esfoliação do corpo. O banho era seguido de uma massagem com óleo vegetal de palma, oliva ou noz, perfumado com uma mistura de ervas aromáticas que possuía a tripla virtude de amaciar a pele, protegê-la do sol e afastar os mosquitos. Algumas vezes, aplicar-se-ia uma máscara de ovo de avestruz batido no leite, argila e óleo, depois engrossada com farinha e resina. Por fim, começava a maquiagem do corpo e do rosto”.

Figura 3



Fonte - <http://horafinal.meiaervilha.com.br/ah-mulheres/>
Vênus de Milo – Símbolo de padrão de beleza negro

A Vênus de Milo deve esse nome ao fato de ter sido descoberta na Ilha Grega de Milos, em 1820. Representa Afrodite, a deusa helênica do amor e da beleza, e conhecido pelos romanos como Vênus. Segundo o mito, Paris, de Tróia, premiara Vênus com uma maçã de ouro, identificando-a como a mulher mais bela do mundo.

Figura 4



Fonte - <http://horafinal.meiaervilha.com.br/ah-mulheres/>
Renoir, A banhista. Período Renascentista. No período renascentista o padrão de beleza da mulher estava extremamente relacionado à riqueza e a vida ociosa dos ricos.

Durante o século XVII, coexistiam os discursos que acreditavam na existência de uma beleza ideal e na valorização de uma beleza natural. Mas, “a ação sobre a beleza poderia então, mais do que antes, ser artificializada” (VIGARELLO, 2006: p. 59) e, assim, as mulheres continuaram fazendo uso do espartilho, de elixires, águas misturadas a perfumes e clister para provocar depuração das impurezas do corpo, uma vez que, através destas práticas, acreditava-se que estariam conservando os humores, produzindo o rejuvenescimento da tez e conservando a beleza do rosto. Assim como também no século XVI. Muitas foram as práticas utilizadas pelas mulheres em busca de corrigir os defeitos e adquirir beleza. Percebe-se, também, que as formas utilizadas pelas mulheres para tornarem-se belas, em muitos casos, eram criticadas pela sociedade moralista, que defendia uma beleza natural, por considerar que ao apertar o corpo com o espartilho, ou fazer uso da maquiagem para disfarçar os defeitos do rosto, estariam enganando os homens em relação a sua “verdadeira beleza”. Em muitos casos, a artificialidade poderia vir a ser aceita, quando a mulher utilizasse artifícios para conseguir um casamento.

Figura 5



Fonte.

http://1.bp.blogspot.com/_B7SmZwrL4E/TI66rMEk9gI/AAAAAAAAALk/8b88nkYky9Q/s1600/Maria_Stuart_unknown_artist_Germany_early17thcent3.JPG

Figura 6



Fonte. <http://www.fashionbubbles.com/files/2008/1/as-tres-gracas.jpg>

Figura 7



Fonte-

http://media.tumblr.com/tumblr_lfm37vAbP91qeye7j.jpg

Figura 5 – Beleza Século XVI- Maria Stuart foi uma das mais famosas rainhas do século XVI, e que teve contra si o ódio e a maldade de soberanos Ímpios.

Figura 6- Beleza Século XVII- As Três Graças de Rubens no séc. XVII.

Figura 7– Beleza Século XVIII. No fim do século XVIII, a phyna decide que suas toilettes seriam cuidadas exclusivamente pela stylist Rose Bertin (claro que esse termo não é da época).

Figura 8



Fonte-<http://sarahistoriams.blogspot.com.br/2011/08/os-diferentes-papeis-da-mulher.html>

Figura 9



Fonte- <http://www.shoppingplazasul.com.br/wp-content/uploads/2014/01/2393.jpg>

Figura 8 – Beleza Século XIX. Os diferentes papéis da mulher brasileira no século XIX.
Figura 9 – Beleza Século XX. Audrey Hepburn foi eleita a mulher mais bonita do século XX, de acordo com o site "Sky News". Audrey Hepburn foi uma atriz e modelo que nasceu na Bélgica, mas foi radicada na Inglaterra e Holanda. Audrey é até hoje uma lenda do cinema e um ícone de estilo e moda.

Esses discursos ressoaram na sociedade brasileira do século XX, quando, nos meados do século, se podia escutar a seguinte composição:

Marina, morena
Marina, você se pintou
Marina, você faça tudo mas faça um favor:
Não pinte este rosto que eu gosto
E que é só meu
Marina você já é bonita com que Deus lhe deu
Me aborreci me zanguei
Já não posso falar
E quando me zango Marina não sei perdoar
Eu já desculpei tanto coisa
Você não arranjava outro igual
Desculpe, Marina morena
Mas eu estou de mal
De mal com você
De mal com você.

(CAYME, 1947: grifo nosso)²

Mistura-se, mais uma vez, nos significados construídos por este samba-canção, a relação entre o artifício e o natural. “Marina você já é bonita com que Deus lhe deu...”, ou seja, a beleza dada por Deus não necessita de retoques, de maquiagem, de disfarces. De acordo com Denise Sant’Anna (1995), o conceito de beleza no Brasil foi tomado como um dom da natureza até meados do século XX.

No entanto, apesar desses discursos de combate à utilização de artifícios para o embelezamento terem ressoado no Brasil, até os anos de 1950, desde o início do século XX, foi criado o instituto de beleza e, naquele momento, pela primeira vez, a beleza tornou-se objeto de comércio e de cuidados no país.

²Estudos voltados às Histórias e Artifícios da Beleza Feminina: A “Batalha” contra o tempo “- Professoras Edna Maria Nóbrega Araújo e Joedna Reis de Meneses, do Departamento de Geo-História da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB- Anais do IV Colóquio Internacional Cidadania Cultural: diálogos de gerações setembro de 2009”. CAYME, cantor e compositor de música popular brasileira, pintor e desenhista brasileiro nascido em Salvador, Bahia, um dos maiores compositores de sucessos de toda a história da música popular brasileira, cujas letras e melodias retratam o mar, a labuta dos pescadores, o dia-a-dia do povo, a graça das mulheres e a divindade dos orixás, constituindo um canto de profundo amor à Bahia. <http://www.dec.ufcg.edu.br/biografias/DorivCay.html> Acesso: 21/04/2015 16h21min

Assim, desde o início do século XX, as mudanças nas diferentes maneiras de pensar a beleza marcaram a sociedade brasileira contemporânea com um conjunto de textualidades que defende a busca pelo belo.

Segundo Lipovetsky (2000, p.130), foi a partir do século XX que os “produtos e práticas de embelezamento deixaram de ser um privilégio de classe. Se há sentido em falar de uma era democrática da beleza, é antes de tudo pela difusão dos cuidados estéticos em todas as camadas sociais.” As práticas de embelezamento deixaram de serem práticas de luxo e se encontram ao alcance de, praticamente, todas as mulheres, uma vez que os produtos de beleza tornaram-se cada dia mais variados e com preços também variáveis.

Segundo (SOARES, 2006), a arte de embelezar surgiu no começo do século XX e se:

“expandiu igualmente o olhar projetado para a beleza. Aparelhos e modeladores se destinam às pernas, às costas, aos seios. O conjunto das superfícies parece revitalizado. Produziu-se uma metamorfose definitiva, discreta, mas decisiva: o corpo “embelezado”, não é apenas dirigido aos cuidados do rosto ou aos movimentos físicos genéricos, ou ainda aos banhos adelgaçadores, e sim a aplicações corretivas precisas, a massagens, a intervenções topológicas variadas. O ideal primeiro se tornou o de um projeto global, uma promessa servida pela técnica e instrumentação: uma ação sobre si”. (SOARES, 2006: p.134).

Neste contexto onde o corpo se torna pólo de preocupação, cuidado e investimento nos parece que a questão do culto ao corpo se mostra como um tema fundamental de discussão em diferentes áreas. Passaram-se os anos e a inserção das tecnologias no nosso dia-a-dia fez com que a estética e a construção do corpo mudassem consideravelmente. A relação com nosso corpo vem sendo radicalmente modificada pelo fácil acesso a diversos recursos ligados à boa forma, criando certa exaltação e supervalorização do corpo.

O indivíduo parece ser responsável por sua aparência física por meio de várias formas e construções corporais hoje presentes no mercado – como dietas, os exercícios físicos, os variados tratamentos de beleza e as cirurgias plásticas. E, assim, o corpo atual, ou seja, aquele que se encontra em consonância com os padrões de beleza contemporânea que associam

juventude, beleza e saúde apresenta-se como um valor fundamental na sociedade ocidental. A ideia é que o culto ao corpo apresenta-se com um possível instrumento de adequação a valores idealizados, ligados à estética, ao comportamento e aos estados de ânimo e, por fim, como meio eficiente de nos conduzir a tão sonhada “felicidade”. O culto ao corpo pode ser entendido como um modo de relação dos indivíduos com seus corpos baseada numa preocupação exacerbada em modelar e aproximar este corpo ao ideal de beleza estabelecido. Na sociedade contemporânea, os enquadramentos nos padrões deste culto ao corpo têm encorajado a procura por diversos procedimentos médicos como solução rápida para algumas insatisfações.

Segundo Kellner sobre o tema destaca:

Nas sociedades de consumo e de domínio da mídia, surgidas depois da Segunda Guerra Mundial, a identidade tem sido cada vez mais vinculada ao modo de ser, à produção de uma imagem, à aparência pessoal. É como se cada um tivesse de ter um jeito, um estilo e uma imagem particulares para ter identidade, embora, paradoxalmente, muitos dos modelos de estilo e aparência provenham da cultura de consumo; portanto, na sociedade de consumo atual, a criação da individualidade passa por grande mediação (KELLNER, 2001, p.297).

Os anos 1950 e 1960 representaram um período de mudanças aceleradas para a história do embelezamento no Brasil:

Modernização das técnicas de produção de perfumes e de cosméticos, ampliação do mercado de produtos industrializados ligados ao conforto e aos cuidados corporais, a batalha da beleza pretende ser, mais do que nunca, uma luta pessoal e cotidiana, que diz respeito não às mulheres da elite, mas também às funcionárias públicas, secretárias, professoras e donas de casa. Desde então, a representação publicitária dessas mulheres se torna mais freqüente e a ênfase em torno do uso de produtos de beleza mais integrada à vida cotidiana nas ruas, dentro de casa, nos locais de trabalho, lojas, etc. Não há mais um momento especial para se fazer bela já que todos os momentos devem ser conjugados com um trabalho sobre si mesmo de conquista da beleza e de prevenção da feiúra. (SANT’ANNA, 2005, p.130).

Portanto, falar de beleza é a um só tempo tratar de alguma coisa muito real, que desperta sentimentos intensos e inspira ações que vão da contemplação reverencial e silenciosa a ousadias de ordem conceitual e/ou material para desfrutá-la e/ou produzi-la, mas também se furta a uma definição objetiva.

Cabe ressaltar e segundo Silibia destaca:

“que tais manifestações artísticas proliferam num contexto histórico bastante peculiar, em que a mídia se tornou um fator fundamental – sobretudo, os meios de comunicação gráficos e audiovisuais; e, mais recentemente, também as redes digitais interativas -, exercendo uma influência inusitada nas vidas individuais e na dinâmica coletiva da sociabilidade. Esse estímulo contribui de modos tão ativos como complexos, para a própria moldagem das configurações corporais e subjetivas. Tornou-se habitual, por exemplo, definir a contemporaneidade como uma era na qual se vivencia um fenômeno original: o “culto ao corpo”. (SILIBIA, 2013, p.125,126).

A preocupação com a beleza foi ganhando força no decorrer dos séculos. Na contemporaneidade, presenciamos a tendência à supervalorização da aparência o que leva os indivíduos a uma busca frenética pela forma e volume corporais ideais (CASTRO, 2003, p.66).

Pensando em todas estas questões, a seguir, destacarei como a construção imagética das mulheres ocorreu através das décadas no ambiente socioeconômico e cultural.

1.2. Mulher e beleza no cenário sociocultural de 1910 a 1950

Segundo FAUX (2000) em 1910, a companhia dos Ballets Russes de Serguei Diaghilev chegava a Paris e trouxe um grupo teatral que promoveu grande impacto na moda da Europa. Numa época dominada por uma estética acadêmica, o público descobriria um mundo feito de cores improváveis. Helena Rubinstein lembra-se disso em sua autobiografia escrita por JAZDZEWSKI, (1998): “A combinação improvável de ouros e púrpuras me excitou para além do imaginável. Eram cores quentes, apaixonadas, muito distantes de meus brancos virginais e de meus verdes impessoais. Depois do balé, fui até meu salão, desmontei minhas cortinas de brocado branco. Pedi que fossem imediatamente substituídas pelos motivos brilhantes e coloridos pelos quais eu acabava de me apaixonar”.

Mas a guerra bloqueou esse impulso, que teria de aguardar os anos loucos para se exprimir. Enquanto isso, o Leste inspirava a moda e a publicidade, e a Europa abria-se à magia do Sul. A revista *Vogue* aponta, em 1911, para a atração que exercem as culturas longínquas: “as mulheres turcas

empregam hena para delinear os olhos. Entre os árabes dos desertos, as mulheres escurecem o canto dos olhos com um pó preto, depois traçam uma linha em volta do olho a fim de fazê-lo parecer maior”. O cinema mudo explorou com felicidade os motivos romanescos desse exotismo. As belas mulheres do deserto, sensuais e tórridas, inspiram a imagem da “vamp” (diminutivo de vampira) como consta na figura 10. Sedutora narcísica e impiedosa para seus pretendentes. Nos Estados Unidos, a primeira delas foi Theda Bara, que aparece, em poses lascivas, como uma criatura lívida de olhos de carvão, com uma pérola no Umbugo, carregada de acessórios de sacerdotisa bárbara, em *A fool there was*, 1915 (FAUX, 2000, p.94,96), como consta na figura 11.

Figura 10



Fonte- <http://i.ytimg.com/vi/L9XK3xYIGxc/hqdefault.jpg>

Figura 10 – A atriz Theda Bara, cognominada “A Vamp” por Hollywood. Sem dúvida, a primeira mulher fatal do cinema.

Figura 11



Fonte - <http://www.silentsaregolden.com/featurefolder7/FTWlogo.jpg>

Ainda em 1914, a guerra selou definitivamente o fim da Belle Époque. Obrigada a assumir o controle da vida cotidiana, familiar e econômica, as mulheres puseram-se a trabalhar. Pode-se vê-las no comando das máquinas das fábricas de guerra, dirigindo bondes ou fazendo a colheita nos campos. Essas novas condições de vida iriam ajudá-las a se libertar dos últimos entraves que limitavam seus movimentos. Na tormenta da guerra, na Inglaterra e França, o espartilho desapareceu definitivamente, as saias de tecidos se encurtaram. O tailleur escuro impôs-se às mulheres, simbolizando sua entrada no mundo até então reservado aos homens.

A austeridade também se aplicava aos cuidados com a pele. A batata, crua ou cozida, em pasta ou ralada, ou ainda misturada com amêndoas, era usada como leite de limpeza, pasta branqueadora ou pomada suavizante contra pruridos, rachaduras de pele e nos lábios...

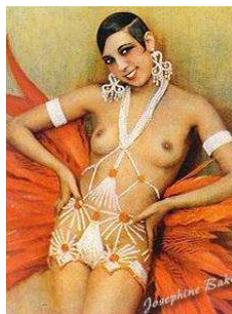
Já na década de 20 FAUX (2000) relata que os costumes caracterizaram-se pela audácia, a busca de embriaguez e a emancipação das mulheres. Todos se lançaram ao que fazia viver mais intensamente, mais depressa; a magia da aviação, a loucura do Charleston e os bólidos conversíveis. André Breton publicou o *Manifesto do surrealismo* e fez o sonho inconsciente entrarem na arte. O estilo *art déco* permeava móveis e objetos, jóias e moda.

Ponta de lança da nova liberdade, um livro provocou escândalo em 1922: *La garçonne*, de Vitor Marguerite. Seu romance seria muito tempo símbolo de um novo tipo de mulher que usava cabelos curtos e fumava em público. A heroína, aspirando à independência e decepcionada com os homens, levava uma vida sem eles, despreocupada com o respeito aos bons costumes. Esse romance, embora não brilhasse por suas características literárias, seria um verdadeiro *Best-Seller*, com mais de um milhão de exemplares vendidos em sete anos. A atriz americana Louise Brooks encarnava esse ideal, tanto na tela como na realidade. Penteadada à *garçonne*, o corte de cabelo reto e a franja curta enquadrando um rosto gracioso de adolescente, Louise Brooks foi revelada a partir de 1928 por Howard Hawks e tornou-se no ano seguinte uma estrela andrógina à qual nenhum dos sexos resiste. Depois de ter rodado cerca de 25 filmes, seu espírito rebelde, sua recusa em curvar-se ao sistema hollywoodiano a afastariam do *star-system*.

Figura 12



Figura 13



Fontes:

<http://filmow.com/louise-brooks-i-a93857/>

<https://twitter.com/JaimeColomaT/status/526030399097806848>

Figura 12- Atriz americana Louise Brooks, insolente *Loulou* de Pabst, lançou a moda de penteado à *garçonne*.

Figura 13- Josephine Baker, a “Vênus de Ébano” americana, primeira atriz negra, fez carreira em Paris.

O jazz revolucionava os Estados Unidos e agitava a Europa. Louis Armstrong gravava seu primeiro disco e, nas novíssimas salas de dança todos se entregavam ao Charleston. No *music-hall*, a partir de 1925, Josephine Baker, a “Vênus de Ébano”, seduzia o público com um erotismo exótico. Vinda do Sul dos Estados Unidos, esnobada pelo público nova-iorquino, a primeira estrela negra iria conhecer o triunfo com sua *Revue nègre* em Paris, despertando um interesse novo pela arte africana. Vestida com um cinto de bananas de verdade, lábios pintados de preto, cabelos muito curtos, cobertos de brilhantina por ideia do cabeleireiro Antoine, sua dança e seu estilo animal e ambíguo fizeram dela, em poucos dias, uma grande vedete.

Com os cabelos curtos, cuja moda instalou-se por um longo tempo, a profissão de cabeleireiro mudou e ganhou um impulso sem precedente. Em 1920 e 1930, vinte e cinco mil salões foram abertos na França! Uma indústria periférica desenvolveu-se, dos produtos para cuidados capilares. Os irmãos Ströher, detentores de patentes de aparelhos de permanente e fundadores da sociedade Wella, fabricavam também produtos que prolongavam o arranjo das mechas e conservavam os cabelos. Seu concorrente, Eugène, especialista em líquidos para permanente, criou os “Clube Eugène”, nas grandes cidades, ligados por contrato à sede; em 1927, Eugène lançou o primeiro creme de tratamento para os cabelos, o Biorene, cujo nome prometia “cabelos sedoso como aos dezesseis anos”.

A cor se popularizou, a L’Oréal lançou a primeira tintura para cabelos brancos e foi novamente um cabeleireiro responsável por essas delicadas alquimias.

FAUX (2000) relata que “tornou-se imperativo para toda mulher bem educada fazer um bom uso do pó, mas também do blush”, indicava em 1921 a revista *Vogue*, que prosseguia com conselhos de maquiagem: após a aplicação de uma base, um pó escuro sobre a parte superior do rosto iluminava os olhos; das bochechas ao queixo aplicava-se um pó claro. Colocava-se um blush nas faces e espalhava-se com um pincel de pêlo de camelo. Em seguida, eram escovados cílios e sobrancelhas. O primeiro curvador de cílios, o Kurlash, fez furor apesar de seu preço elevado e da complexidade de sua manipulação.

A partir de então, o cinema influenciaria constantemente as tendências da maquiagem e do penteado. George Westmore, inicialmente cabeleireiro de Hollywood e especialista em perucas, seria um dos pioneiros da maquiagem cinematográfica e iria impor a presença contínua de um maquiador nas tomadas de cena. Seus cinco filhos sucederiam e dirigiriam os serviços de maquiagem exercendo até a Segunda Guerra Mundial um impacto considerável sobre os critérios de beleza hollywoodianos.

Da ginástica à eletricidade a médica Dra. Nadia Payot chegou da Ucrânia em 1929 com ideias revolucionárias. Sua formação fez com que lançasse um novo olhar para a estética. Seu encontro com a bailarina Anna Pavlova colocou-a no caminho certo: intrigada com o contraste entre a perfeição do corpo da bailarina e o envelhecimento que seu rosto demonstrava, a doutora Payot encontrou um remédio: fazer trabalhar os músculos do rosto e do pescoço. Foi igualmente a medicina que inspirou Jeanne Piaubert. A fisioterapeuta francesa imaginou em 1928 as primeiras aplicações de eletricidade no campo da estética e desenvolveu dois aparelhos destinados à remodelagem do corpo, notadamente ao seu emagrecimento e fortalecimento. Abriu um instituto e pôs este método, batizado de “dermoplastia”. Estas duas pioneiras desenvolveram uma linha de produtos adaptados a seus tratamentos.

Figura 14



Figura 15

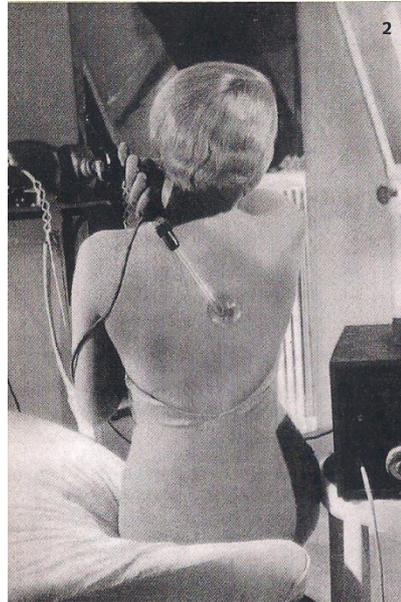


Fonte: Livro Beleza do Século: Faux, Dorothy Schefer. São Paulo. 2000, p.120

Figura 14- Bailarina Anna Pavlova, cerca de 1920;

Figura 15- Massagem facial (1928); O Vibrião, massagem infrasonoro; esfoliação das pernas, do rosto e do corpo.

Figura 16



Fonte: Livro *Beleza do Século: Faux*, Dorothy Schefer. São Paulo. 2000, p.120

A euforia dos anos 20 chegou ao fim com a crise de 1929 (queda da Bolsa de Valores de Nova York). Em geral, os períodos de crise não são caracterizados por ousadias na forma de se vestir. Os anos 30 - ao contrário da década anterior que havia destruído as formas femininas - voltou a valorizar o corpo da mulher, através de uma elegância refinada; as formas eram marcadas, porém naturais. As saias ficaram longas e os cabelos começaram a crescer. **A moda dos anos 30** descobriu o esporte, a vida ao ar livre e os banhos de sol. Os mais abastados iam para lugares à beira-mar para passar as férias. A mulher dessa época devia ser magra, bronzeada e esportiva. O cinema estava no auge e Hollywood, através de suas estrelas, foi um referencial de disseminação de novos costumes. Em 1931, na emergência do cinema falado, uma voz rouca e sensual se destacava: era Greta Garbo em *Anna Christie*.

Dona de um estilo nobre e de uma elegância natural, Garbo, ao contrário de suas companheiras, ignorava esmalte e batom, maquiando ela própria suas pálpebras com maestria. Bastava que aparecesse na tela com um pequeno chapéu tombado sobre o olho para que em seguida todas as mulheres fizessem o mesmo!

Outra heroína vinda igualmente do norte da Europa, Marlene Dietrich, discreta, iria se tornar, nas mãos de seu marido Joseph Von Sternberg, o arquétipo da mulher fatal: testa desbastada com pinça, cabelos claros, sobrancelhas reduzidas e arqueadas sobre olhos imensos, cílios cuidadosamente curvados, dentes do siso retirados para melhor aprofundar as bochechas, regime de emagrecimento, langor preguiçoso e voz profunda fizeram da cantora *O anjo azul* uma aparição de cortar a respiração, em seus suntuosos tubinhos. As duas estrelas contribuíram largamente para manter o mito da mulher fatal dos anos 20.

Figura 17



Figura 18



Fontes:

<https://www.flickr.com/photos/26612863@N00/5009471376/>
Greta Garbo em Anna Christie

<http://blog.clickgratis.co.br>
Marlene Dietrich em O Anjo azul

Segundo FAUX (2000) o bronzeado, ainda reservado aos privilegiados, tornou-se um luxo acessível e de moda. Sinônimo de ócio, de prazer e de esquecimento das dificuldades do cotidiano, iniciou uma longa carreira. Um produto acompanhou essa democratização da pele tostada ao sol: o Ambre Solaire (Âmbar Solar), lançado por Eugène Schueller (L'Oréal).

Paris e Nova York disputavam o domínio no campo da beleza. Embora Paris permanecesse um símbolo de refinamento, prestígio e vanguarda, Nova

York iria aos poucos projetar-se, impondo uma imagem de sedução muito moderna graças às suas estrelas de cinema.

Figura 19



Fonte: Livro Beleza do Século:
Faux, Dorothy Schefer. São Paulo.
2000.p.129

Nos anos 40 a Europa mergulhava na sombra. Fugindo do nazismo, muitos artistas se instalaram em Nova York, que se tornou a nova capital européia, outros se refugiaram, em zona ainda livre, no sul da França.

As mulheres estavam mais magras, a beleza, sinônimo de saúde, era considerada dever nacional. Em toda Europa, as mulheres procuravam alternativas. Os cremes demaquilantes e outros estavam em falta? O leite, a manteiga, a margarina ou qualquer corpo gorduroso presente na cozinha desempenhariam este papel. Para enxugar o excesso, não havia mais algodão: foi substituído por papel de seda ou papel mata-borrão. Na ausência destes dois artigos, as revistas propunham um expediente eficaz: untar o rosto de gordura, pegar um cortador de papel ou uma faca de frutas e passar no rosto como uma lâmina de barbear. Na Inglaterra, a graxa para as botas servia como rímel, o carvão, como sombra de pálpebras, a graxa para sapatos como tintura para sobrancelhas e pétalas de rosa embebidas em álcool produzia um blush líquido digno da era vitoriana; somente o pó não estava em falta.

Como Paris estava isolada, Nova York afirmou-se. Os efeitos da guerra seriam sentidos lá também, mas em grau muito menor. Certamente, as matérias-primas necessárias para a fabricação de perfumes e cosméticos se tornavam raras, e o plástico e o papel substituiriam o metal das caixas de pó e dos tubos de batom. O governo, em 1942 eliminou os cosméticos das listas de “artigos essenciais”, logo revogaria essa decisão, pois as conseqüências sobre

o ânimo das recrutas femininas que participavam do esforço de guerra foram desastrosas.

Fábrica de sonhos, o *star-system* hollywoodiano ingressava nos mais belos anos de sua história. A atividade cinematográfica era estimulada para dar moral às tropas e às populações. As estrelas femininas faziam personagens fortes, abordavam os temas da coragem, da guerra, da dedicação, sobre um fundo romântico. Eu *You're in the Army now*, Janet Wyman daria em seu soldado o mais longo beijo da história do cinema.

Figura 20



Fonte - <http://jesswaid.com/2014/09/04/jane-wyman/>

Janet Wyman apareceu em Você está no Agora Exército (*You're in the Army now*), no qual ela e Regis Toomey tiveram o mais longo beijo na tela na história do cinema: 3 minutos e 5 segundos.

Chamada de “a deusa do amor do século XX”, Rita Hayworth, já célebre durante a guerra, tornou-se uma verdadeira lenda após a filmagem de *Gilda* em 1946.

Figura 21



Fonte - <http://www.theguardian.com/film/2011/jul/16/rita-hayworth-gilda-patterson>
Rita Hayworth em *Gilda*, 1946.

Com o fim da guerra, a mulher dos anos 50 se tornou mais feminina, glamorosa e sofisticada. Era a consolidação do *New Look*, uma das principais revoluções da moda, lançada por Christian Dior em 1947. Metros e metros de tecido eram usados para confeccionar um vestido bem amplo, na altura dos tornozelos, com cintura marcada. Os sapatos eram de salto alto, além das luvas e outros acessórios como peles e jóias. As jovens começaram a trocar as orquestras pela música de Elvis Presley. A beleza era um tema de grande importância, com muitos lançamentos de cosméticos. Spray de cabelo, delineador, sutiãs pontudos são as heranças da década. Era também o auge das tintas para cabelos. Os penteados podiam ser coques ou rabos-de-cavalo, como os de Brigitte Bardot. O corpo da mulher se tornou mais feminino e curvilíneo, valorizando quadris e seios. Marilyn Monroe eternizou o *look* dos anos 50, estabelecendo um padrão de símbolo sexual que atravessa décadas.

Desde 1949. O “olho de gazela”, modelado pela sombra nas pálpebras, o lápis de sobrancelha, o rímel e, sobretudo o delineador, estava na moda. A importância da maquiagem realçava a palidez da pele e a intensidade dos lábios; o blush desapareceu, pois estava na moda o avesso do olhar fatal.

Os anos 50 viram a emergência do *jet set*, que vivia de luxo, prazer e elegância. Um estilo de vida que o público começou a acompanhar ao vivo, graças à televisão que doravante iria transmitir diariamente os pequenos e grandes acontecimentos da alta sociedade.

A atriz Grace Kelly demonstra que o louro pode ser sensato e a sedução rimar com distinção, ela cria o estilo louro-chique e Ava Gardner com sua incrível perfeição física, e seu senso de provocação deu-lhe o primeiro lugar entre as morenas míticas.

Figura 22



Fonte - http://pt.wikipedia.org/wiki/Grace_Kelly
Grace Kelly

Figura 23



Fonte - <http://filmow.com/ava-gardner-a30957/>
Ava Lavinia Gardner

Podemos destacar também o arquétipo dos anos 50 cujos cabelos eram armados com laquê, muito delineador nos olhos e unhas vermelhas.

Lançado pelo cinema e pelas revistas de moda, em particular a revista *Elle* de Hélène Gordon-Lazareff, um estilo diferente afirmava-se paralelamente: o das ingênuas. Encarnadas, na versão chique, por Grace Kelly, Vivian Leigh ou Audrey Hepburn, elas apareciam na versão “garota da rua” sob os traços de June Allyson ou Debbie Reynolds. Sua arma: o frescor e a naturalidade. Sobrancelhas levemente sublinhadas, lábios claros, cabelos emoldurando o rosto, esse modelo de beleza iria coexistir com seu contrário, feito de carne e fogo, e encarnado por mulheres como Rita Hayworth, Ava Gardner ou Gina Lollobrigida.

Entretanto, esses dois estereótipos iriam unir-se com Marilyn Monroe. Estrela entre as estrelas, ela seria o símbolo sexual da década, trazendo, junto com a provocação ingênua, um erotismo devastador e libertador. Sua maquiagem muito estudada, mais natural do que das sereias fatais, porém mais sedutora do que as das “garotas da rua”, era o resultado de três horas de trabalho, base, pó, sombra, rímel, cílios postiços, delineador, um batom rosa coberto de vaselina para dar à boca um volume voluptuoso, criaram uma imagem sem igual.

Figura 24



Fonte - <http://backstagequeens.blogspot.com.br/2014/02/de-norma-jeane-marilyn-monroe.html>
Marilyn Monroe

A década de 50, conhecida como “anos dourados”, foi marcada por grandes transformações. Mesmo no Brasil, distante do epicentro da Segunda Guerra Mundial, o alívio era total com o fim do conflito. É considerada também uma época de transição, pois foi posterior as guerras da primeira metade do século XX e precedeu o período das revoluções comportamentais e tecnológicas da segunda metade do século.

As mulheres costumavam sair de casa perfeitas nos anos 50. Essa foi uma década de glamour e elegância, o que refletia no modo das mulheres de se vestir no dia-a-dia. Depois dos anos espartanos da Segunda Guerra Mundial, elas desejavam um guarda-roupa elegante. Além das roupas, os seus

cabelos e a sua maquiagem também estavam sempre impecáveis. O item de roupa mais comum para uma mulher naquela época era o vestido. Havia uma grande variedade disponível, como o vestido rodado, o colado no corpo, o larguinho no estilo de Coco Chanel e o vestido em forma de "A" criado por Christian Dior.

Surge um novo ideal feminino do pós-guerra, com a cintura bem fina, busto realçado, pernas de fora, ombros expostos em modelos tomara-que-caia (MOUTINHO e VALENÇA, 2000).

Até meados da década de 50, o rádio era o veículo forte de comunicação, principalmente para o anunciante que precisava ter seus produtos massivamente consumidos. Foi em 1950 que a televisão chegou ao Brasil trazido pelo pioneiro Assis Chateaubriand, revolucionando os meios de comunicação. No ano da chegada da televisão os brasileiros amargaram uma grande decepção. No mês de julho, enquanto a TV Tupi fincava suas raízes em São Paulo, era o cinema que registrava um momento histórico do esporte nacional: a seleção brasileira de futebol perdia para o Uruguai em pleno Maracanã lotado por fanáticos torcedores, por dois gols um. A copa do Mundo foi para o Uruguai e os brasileiros elegeram um culpado: o goleiro Barbosa, acusado de falhar no lance decisivo do segundo gol dos visitantes. O episódio foi batizado pela crônica esportiva da época de “maracanaço” (SOLER, 2005).

A imprensa falada ganhou corpo com o rádio, o mundo passou por uma efervescência cultural atingindo o país com uma movimentação tanto no cinema, no teatro quanto na música, a Bossa Nova foi um grande exemplo desse movimento e podemos dizer que ela é a mistura de samba e jazz norte-americano, ficando mundialmente conhecida. A música brasileira se modernizava. Nesse estilo, foi lançado em 1958, o 78 RPM *Chega de Saudade* que constituiu-se no marco que denominou-se Bossa Nova reunindo três expoentes do movimento: João Gilberto, Tom Jobim e Vinícius de Moraes.

Segundo (BRANDÃO e DUARTE, 1990, p.32,33) o início da década de 50 foi fortemente marcado pela presença do samba-canção. Embora tenha surgido efetivamente na década de 40 (com *Ave Maria no morro*, de Herivelto Martins, em 1942), foi só nos anos 50 que esse estilo musical atingiu força total – a partir de *Vingança*, de Lupicínio Rodrigues, em 1951. Com intérpretes como

Adelino Moreira, Jair Amorim, Evaldo Gouveia, Nelson Gonçalves, Jamelão, Cauby Peixoto e a musa do samba-canção, Maysa, entre outros, esse gênero alcança sua época de glória.

Na verdade, o samba-canção foi uma mistura do samba de raiz com os padrões urbanos de consumo. Essa canção de “salão”, como definia Cartola, através de autores como Lupicínio Rodrigues, Dorival Caymmi, João de Barro, começava a receber influências da música romântica norte-americana (de base jazzística), principalmente através de intérpretes como Dick Farney e Lúcio Alves, propiciando a gênese do que seria o movimento bossa-novista.

Com a Bossa Nova iniciou-se uma nova etapa na música popular brasileira, que iria satisfazer um público mais jovem, em sua maioria universitária das classes médias urbanas. Congregando certo número de cantores e instrumentistas muito talentosos, os bossa-novistas foram se multiplicando. Músicos e compositores como João Gilberto, Roberto Menescal, Carlos Lyra, Antonio Carlos Jobim, Vinícius de Moraes, Johnny Alf, Silvia Teles foram os principais responsáveis pelo início de todo movimento.

Ao contrário de Tom Jobim, Vinícius de Moraes e João Gilberto, boa parte dos músicos que ajudaram a criar a Bossa Nova, eram pouco mais do que garotos ao final da década de 50. Roberto Menescal tinha apenas 18 anos quando, em 1956 segundo (ALMEIDA, 1996, p.54), fundou uma academia de violão junto com seu amigo Carlos Lyra, dois anos mais velho. Em pouco tempo a academia alcançou grande sucesso, com a matrícula de diversos alunos, dentro os quais Edu Lobo, Marcos Valle e Nara Leão. O apartamento dos pais de Nara transformou-se em verdadeira filial da academia, tornando-se um ponto de encontro de músicos como Ronaldo Bôscoli, Roberto Menescal, Chico Feitosa, Carlos Lyra e, em alguns momentos, João Gilberto. Em contato com o grupo, o cantor baiano gravaria composições de Carlos Lyra e Ronaldo Bôscoli, no LP *Chega de Saudade*, que, lançado em abril de 1959, incluiu também músicas de seu disco anterior.

Os freqüentadores do apartamento de Nara Leão mantiveram-se afinados até o início de 1960, quando foi anunciado o rompimento de Carlos Lyra com Ronaldo Bôscoli, dividindo o grupo em duas turmas: Sylvinha Telles, os irmãos Castro Neves e Alayde Costa acompanharam Carlos Lyra, enquanto Robert Menescal, Claudete Soares, Sérgio Ricardo e Nara Leão optaram por

Ronaldo Bôscoli. Além das disputas relacionadas à assinatura de contrato com gravadoras, outras questões de origem ideológica parecem ter sido determinantes para essa cisão: Carlos Lyra vinha participando das reuniões que preparavam a fundação do Centro popular de Cultura da União Nacional dos Estudantes, engajando-se no projeto de criação de uma cultura que contribuísse para a conscientização do povo brasileiro.

Nessa década também foi composta e lançada a música Garota de Ipanema, que veio mais tarde se tornar, juntamente com Aquarela do Brasil, a canção brasileira mais conhecida em todo o mundo, tendo várias regravações por artistas internacionais de renome, como Frank Sinatra, Ella Fitzgerald, Stan Getz, entre outros.

A juventude brasileira não tinha somente a Bossa Nova. Jornalistas assustados chamavam a atenção para a euforia e a loucura provocada pelo filme norte-americano *Rock around the clock*, lançado no mercado brasileiro em 1956, com o título *Ao balanço das horas*. Esse filme correspondia aos anseios de jovens adolescentes, recém-urbanizados, no interior de uma sociedade parcialmente entusiasmada com a política desenvolvimentista do governo de Juscelino. A seu modo, esses segmentos juvenis aderiram à influência da cultura norte-americana, extravasando sua ira e energia ao som do rock'n roll. Diretamente dos Estados Unidos, onde o rock'n roll tinha grande penetração através das rádios e disc-jockeys, o Brasil, como outros países, toma contato com o rock'n roll via cinema.

“Rock'n roll foi praticado por grupos de jovens adolescentes das classes médias urbanas no Brasil na década de 60, após o sucesso de Celly Campello com Estúpido Cupido” (1959). Até então, a desvinculação entre o cantor de rock'n roll no Brasil (geralmente mais velho) e o seu público jovem era total, já que as gravadoras da época não investiam em novos valores para esse tipo de música, pois encaravam o rock'n roll como um modismo passageiro da indústria cultural, (BRANDÃO, 1994, p.34,35).

Depois do seu apogeu – entre os anos 1956 e 1958 – o rock'n roll começou a se esvaziar, nos EUA, como meio de expressão e revolta de uma geração. A energia dessa música acabou sendo, cada vez mais, assimilada por uma eficiente indústria cultural que apenas se interessava em expandir o seu mercado para uma música jovem. Surgiram vários modismos em matéria de

dança e ritmos foram lançados: twist, calipso, chá-chá-chá, hully-gully, invadindo as discotecas, recentemente criadas.

Com a chegada da televisão (18 de setembro de 1950), segundo SEVCENKO (1998, p.617) completou o processo iniciado pelo cinema “invadindo e comandando a vida das pessoas”. O cinema nacional também se desenvolveu e a música romântica brasileira animava os bailes de sábado à noite (MOUTINHO e VALENÇA, 2000). Portanto, os anos 50 se caracterizavam por uma profunda modificação na sociedade brasileira (FAUSTO, 2006).

Neste capítulo abordamos aspectos históricos das décadas 10, 20, 30, 40 e 50 relacionados ao cinema e sua influência na moda, música, costumes, hábitos e como a construção da beleza no audiovisual e a promoção do indivíduo se fizeram neste período.

As décadas seguintes serão destaques do próximo capítulo visto que como nosso objeto de estudo é a personagem Elza Soares e sua chegada ao mercado fonográfico e como ocorreram a partir da década 60 preferi estabelecer todas as conexões históricas dedicando um capítulo especialmente à cantora e a todos estes fatos, além de abordar sua construção imagética, inovação visual nos meios massivos de comunicação, sua transfiguração que se perpetuam até os dias de hoje.

2. ELZA SOARES NO CENÁRIO ARTÍSTICO E CULTURAL. TRANSFIGURAÇÕES IMAGÉTICAS.

Contemporaneamente, o conceito de imagem tem sido quase que exclusivamente associado à natureza mediática tais com, imagens televisivas, cinematográficas, publicitárias, jornalísticas e de síntese ou aos seus aspectos visuais p.ex., representações pictóricas, mapas, diagramas. No entanto, o conceito de imagem possui um sentido mais amplo, que não se restringe a cultura de massa ou as suas propriedades visuais.

Estamos e vivemos em um momento onde a imagem é característica da nossa época. Ela tem o poder de comunicar nossa época e imagem e transmitir mensagens. Segundo (SECCHI, 2009, p.230) em “Representações Sociais do Corpo”: O desenvolvimento da imagem corporal é intimamente ligado à estruturação da identidade no seio de um grupo social (TAVARES, 2003). Partindo do conceito de *imagem corporal grupal*, (SCHILDER, 1977) afirma que a preocupação com a dimensão corporal, apresentada pelos indivíduos, interfere de modo fundamental na elaboração da imagem corporal desse indivíduo. Segundo o autor, as experiências e sensações obtidas em ações e reações às relações sociais também contribuem para a estruturação da imagem corporal.

Construir uma imagem sólida e condizente com o que a pessoa quer transmitir é fundamental para qualquer pessoa que almeja o sucesso, e o primeiro passo para se construir uma marca pessoal é o autoconhecimento, porém, quando se trata de Elza Soares não podemos afirmar categoricamente se esta trajetória foi programada e/ou, construída a partir de uma história familiar, pautada em momentos difíceis, de grandes surpresas, decepções, dificuldades e superações. O que sabemos é que Soares se consolidou como uma das maiores artistas do século XX.

De origem humilde, Elza da Conceição Soares Pereira, mais conhecida como Elza Soares, nasceu em 23 de junho de 1937, no Rio de Janeiro. Nasceu na favela da Moça Bonita, em Padre Miguel, que hoje é Vila Vintém, e foi criada no bairro de Água Santa. Elza gostava da escola, mas não demonstrava interesse especial por nenhuma matéria. Em casa, em vez de estudar, gostava

de ouvir Ângela Maria³ no rádio e se entusiasmava, nos fins de semana, vendo o pai e o irmão ao violão, e avô na harmônica (LOUZEIRO, 1997, p.24).

Retomando as questões centrais sobre o estudo das imagens de Elza Soares podemos dizer que a imagem de um indivíduo é resultado de sua identidade que, por sua vez, resulta da personalidade que começa a ser construída assim que a pessoa nasce. À medida que vai crescendo e recebendo diversas influências, tanto internas como externas, o indivíduo vai construindo sua identidade. E essa identidade adquirida reflete em suas ações, em seu comportamento perante outras pessoas, e conseqüentemente se forma e também se modifica.

A sociedade contemporânea tem sido marcada como uma era em que o consumismo dita modas e comportamentos. Dita como devemos nos vestir, maquiar, o quão belas (os) devemos ser e estar.

Segundo *Umberto Eco* o “Belo” junto com “gracioso”, “bonito” ou “sublime”, “maravilhoso”, “soberbo” e expressões similares é um adjetivo que usamos freqüentemente para indicar algo que nos agrada. Parece que, nesse sentido, aquilo que é belo é igual àquilo que é bom e, de fato, em diversas épocas históricas criou-se um laço estreito entre o Belo e o Bom (ECO, 2004, p.8).

³Ângela Maria. Abelim Maria da Cunha. Nasceu em Macaé, RJ, em 1928. Filha de pastor protestante, desde menina cantava em coro de igrejas. Foi tecelã e sonhava com o rádio, embora a família fosse contra. Em 1947, começou a freqüentar programas de calouros. Apresentou-se no *Pescando Estrelas*, de Arnaldo Amaral, no Rádio Clube do Brasil (hoje Mundial), na *Hora do Pato*, de Jorge Curi, na Rádio Nacional, e no programa de calouros de Ary Barroso, na Rádio Tupi. Usava o nome de Ângela Maria para não ser descoberta pelos pais. Era inspetora de lâmpadas na fábrica General Electric e decidiu tentar a carreira artística, abandonando a família, indo morar com a irmã em Bonsucesso. Em 1948, lançou-se como crooner no Dancing Avenida. Cantou *Olhos Verdes* na noite de estréia, grande sucesso de Dalva de Oliveira. Foi apresentada a Gilberto Martins, diretor da Rádio Mayrink Veiga. Em 1951, estreou em disco com *Sou Feliz*, de Augusto Mesquita e Ari Monteiro, e *Quando Alguém Vai Embora*, de Ciro Monteiro e Dias Cruz, na RCA Victor. No ano seguinte, bateu recordes de venda com o samba *Não Tenho Você*. Ganhou o título de Princesa do Rádio e depois de Rainha do Rádio, entre tantos outros. Participou do filme *Rua sem Sol*, de Alex Vianny. Apelidada de Sapoti pelo presidente Getúlio Vargas por “sua cor e voz, doces como sapoti”, tornou-se a cantora mais popular do Brasil (LOUZEIRO, 1997, p.420).

Cabe destacar de que maneira, por exemplo, as mídias colaboram na formação e divulgação dos padrões de beleza e em especial o quanto o cinema pode também ter tido este papel.

A percepção pelo culto à beleza e a busca pela eterna juventude passa a meu ver pelo culto à imagem, pela necessidade de adotar corpos perfeitos, manter-se sempre jovens, numa busca incessante em superar os limites biológicos do próprio corpo.

Pensar a beleza a partir da perspectiva da construção nos remete ao entendimento propagado pelas revistas, pelo cinema e a mídia de um modo geral de um corpo fragmentado; cujas partes constituintes estão sempre passíveis de procedimentos que se convertem em melhorias ou não, segundo os olhares diversos sobre as diferenças.

Desde a década de 50, as transformações no modo de vida das mulheres vêm se processando de maneira mais acelerada. A entrada no mercado de trabalho, o acesso à formação universitária e às novas formas de erotismo organizaram a luta feminina em defesa dos seus direitos. A pílula anticoncepcional e as mudanças nos contratos matrimoniais também foram, aos poucos, organizando a saída da mulher do universo doméstico e do exclusivo cuidado dos filhos, conduzindo-a para o espaço público, antes reservado quase exclusivamente aos homens.

Para algumas pessoas, assim como para as celebridades, por exemplo, a imagem é fundamental e às vezes pode ser determinante para a aceitação do público que ela deseja atingir, e para a solidificação e sucesso de sua carreira. Por serem tão expostos à mídia, cantores, atores, políticos e celebridades em geral, acabam formando uma imagem muitas vezes fora da realidade. São pequenas atitudes que podem transformar em uma grande notícia e formar uma opinião do que a pessoa realmente é ou que deseja ser. Por isso, muitas pessoas públicas contratam especialistas para ajudar a criar estratégias de construção de sua imagem.

Durante minhas pesquisas e incursões nos estudos com relação aos processos imagéticos de importantes personagens, trajetória e construção da imagem me chamou atenção um dos maiores ícones da música pop

contemporânea: Madonna. O estudo mostrou no caso desta cantora americana como conseguiu formular uma identidade imagética que ao mesmo tempo consolidou no espaço pop da música e influenciou de forma contundente o consumo no universo da moda além de provocar uma comunicação visual determinando uma construção de estilos, comportamento e atitudes.⁴

Entretanto, alguns artistas começam cedo sua carreira, e formar uma imagem mesmo antes de construir sua personalidade imagética. É o que pude observar no caso da cantora pop Madonna.

Podemos destacar que os padrões de beleza ao longo das décadas se transformaram e muito. Relembrando na Renascença o padrão de “gordinha” era sinônimo de beleza, na Idade Média, a ideia de fertilidade imposta como contraponto de uma época de matanças ocorridas nas cruzadas, trazia a mulher de quadril largo e ventre avolumado. Foi somente na década de 20 que a possibilidade de outros padrões de beleza foi real. Veio então, o padrão clássico muito bem representado por um mito do cinema: Greta Garbo. Depois essa beleza passou a ser representada pelo rosto da sueca Ingrid Bergman e pela beleza latina da mexicana Maria Félix. Mais tarde vem Audrey Hepburn e muda o padrão, bonita mesmo era mulher magra, esguia. Outro tipo de beleza continuava a despertar paixões e outros sentimentos nos homens de todo o mundo era a beleza agressiva, sensual como a de Edna Purviance. Depois, veio o tipo misterioso e sensual de Rita Hayworth e a beleza agressiva, alegre e muito sensual também de Sofia Loren. No final dos anos 50 surgiram outras mulheres que representaram essa beleza agressiva. A americana Marilyn Monroe marcou os anos 50 com suas curvas acentuadas e coxas fartas. A francesa Brigitte Bardot foi o grande padrão de beleza dos anos 60 e 70. Esta também era formosa com suas curvas e lábios carnudos e consolidou o legado de Monroe. Mas em meados da década de 60, a londrina Twiggy estabeleceu o padrão de beleza esquálido. Já, no final dos anos 60 outro padrão de beleza sensual e agressiva: Raquel Welch, conhecida pelo seu corpo sarado.

⁴NAKAD, Valeska Fonseca- Madonna e os Meios Massivos de Comunicação: Pactos Para a Construção de Uma Persona. Dissertação Mestrado. Escola de Comunicação da Universidade Anhembi Morumbi. São Paulo, 2008. p. 7.

Cabe aqui uma reflexão e pensamento de Kellner sobre o tema:

Nas sociedades de consumo e de predomínio da mídia, surgidas depois da Segunda Guerra Mundial, a identidade tem sido cada vez mais vinculada ao modo de ser, à produção de uma imagem, à aparência pessoal. É como se cada um tivesse de ter um jeito, um estilo e uma imagem particulares para ter identidade, embora, paradoxalmente, muitos dos modelos de estilo e aparência provenham da cultura de consumo; portanto, na sociedade de consumo atual, a criação da individualidade passa por grande mediação”. (KELLNER, 2001, p. 297).

A identidade visual, composta pela imagem, aparência e o estilo, segundo Kellner (2001, p.17), “nos levam a reflexões sobre o papel da imagem e da moda na construção de identidade, bem como o papel da música popular, dos astros e estrelas e da propaganda na cultura contemporânea”.

Segundo (ALTTIMAN; CORREIA, 2009) entre as décadas de 50 a 70, as mulheres viveram sua juventude em meio a arbitrariedades, sendo reprimidas por uma dura organização política (Ditadura Militar de 1964) e defendidas por movimentos revolucionistas que lutavam por sua liberdade. Esta geração segundo (THÉBAUD, 1991) sofreu com a nova construção de gênero vivenciada pela mulher, viveram as transformações que as levaram de sujeitos passivos a donas de sua história. Em meio a este cenário, não sabiam a quem recorrer para resolver os novos problemas surgidos. Desta forma, viram-se obrigadas a criar suas próprias soluções, construindo, assim, uma imagem de mulher mais independente.

Enquanto estudantes segundo MESTRE (2004), estas mulheres viam na educação uma forma de emancipação. A educação oferecida de forma igual entre os gêneros era algo esperado e cobrado pelos pais. A juventude delas foi regida ao som do *rock'n roll* e pelo uso da calça jeans ou minissaias que estampavam o cenário artístico nos cinemas. Neste momento, também surgiam as tecnologias que tornavam o trabalho doméstico menos árduo. Desta forma, as mulheres tinham mais tempo para cuidar de sua beleza, uma forte particularidade dos anos 50.

2.1. Integração

A proposta deste capítulo é tentar entender o processo de construção da imagem de uma das maiores cantoras brasileiras, Elza Soares, e suas mudanças, ao longo de sua carreira. Quero também estudar se as transfigurações de imagem se caracterizam pela construção do marketing pessoal, consolidando assim sua imagem, como fez a cantora pop Madonna e, não podemos afirmar se com Elza tenha ocorrido o mesmo, porque mediante pesquisas isso não fica claro ou, se si criou uma marca pessoal ou não, ou se esta imagem foi sendo construída a partir das necessidades eminentes da cantora relativas ao momento de vida.

O início da carreira de Elza Soares surgiu com o calor da Bossa Nova segundo (LOUZEIRO, 1997) coincidiu com o fim do que ainda restava da mentalidade aristocrática na Cidade Maravilhosa, “capital do país”, como sempre diziam. Os sintomas desse fenômeno estavam, principalmente, nas artes populares e, em especial, na música dos artistas do povo. E, dentro do processo evolutivo para uma sociedade menos preconceituosa, o rádio funcionava como forte indicador de caminhos. No entanto, ficava na faixa do entretenimento, nunca na análise dos fatos, de aprofundamento das questões essenciais, como acontecia na Inglaterra, Alemanha e França. Sua evolução coincidiu, entre nós, com a chegada dos grandes capitais estrangeiros, notadamente de origem norte-americana. Eram as multinacionais desembarcando, no início do governo Vargas. Com os investidores norte-americanos vieram as gravadoras e pelo menos a RCA Victor e a Odeon ficaram famosas. Havia outras, mas ser contratado por uma das duas significava prestígio. Elas concentravam os melhores cantores e intérpretes de todos os gêneros musicais.

Deste momento em diante procuro estudar e entender como o conceito de imagem das transfigurações da persona Elza Soares se formou ao longo de sua carreira e quais repercussões que esta imagem promoveu.

Figura 25



Fonte - <http://aforcaqnuncaseca.blogspot.com.br/2011/06/arrepia.html>
Elza Soares aos 12 anos- 1949

Elza Soares imagem de início de carreira. Bonita, sensual, lindos dentes e muita saúde (LOUZEIRO, 1997, p. 25).

Jovem com fenótipo de pele escura, Elza Soares de estatura mediana para baixa, mulher apresentando traços infantis o que me remete a pensar em uma criança de 12 anos de idade aproximadamente como na Figura 25. Aspectos visuais e étnicos preservados: a textura do cabelo é mais densa, muitas vezes referida como grosso, espesso ou crespo. Pode transmitir uma aparência da pele seca ou fosca. Elza vivenciou todos estes momentos históricos e novamente os destacou e, em particular na década de 50 o rádio era o veículo da comunicação, principalmente para o anunciante que precisava ter seus produtos maciçamente consumidos.

Retomando as características anatômicas de Elza Soares destaco que o nariz possuía narinas e/ou abas abertas com estrutura morfológica achatada. Os lábios são carnudos, grossos e salientes. A testa é alta e reta. Sobrancelhas marcantes e delineadas, porém não desenhadas profissionalmente. Pele negra de tom e cor mais clara o que me remete a pensar segundo a Tabela de Fitzpatrick, a seguir na Tabela 1 que refere aspectos relacionados ao biótipo cutâneos tipo V.

Em 1975, um médico americano, o Dr. Thomas B. Fitzpatrick, da Escola de Medicina de Harvard, criou uma classificação para os tipos de pele descrita na figura 26.

Figura 26



Fonte - <http://pesquisa.artesanalh.com.br/wp-content/uploads/2013/03/FTXPATRICK.bmp>
Tipos de pele segundo Fitzpatrick

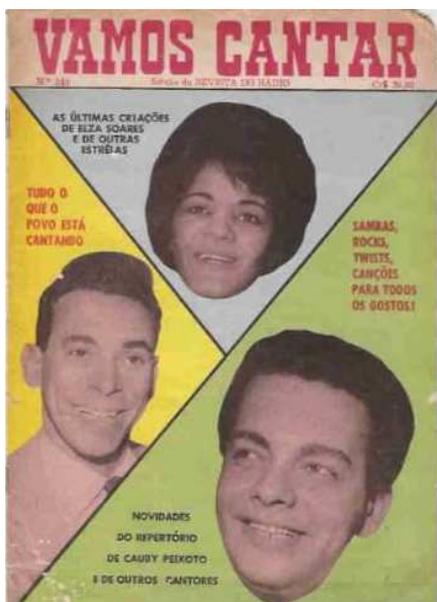
Tabela 1

| Tipo de pele | Descrição |
|--------------|---|
| Tipo I | Pele muito clara, sempre queima, nunca bronzeia. |
| Tipo II | Pele clara, sempre queima e algumas vezes bronzeia. |
| Tipo III | Pele menos clara, algumas vezes queima e sempre bronzeia. |
| Tipo IV | Pele morena clara raramente queima e sempre bronzeia. |
| Tipo V | Pele morena escura, nunca queima e sempre bronzeia. |
| Tipo VI | Pele negra, nunca queima, sempre bronzeia. |

Fonte - Tabela e Classificação dos tipos de pele segundo Fitzpatrick ⁵
http://www.naturale.med.br/depilacao_definitiva_tipos_pele.htm Acesso: 20/11/2014 22h10min

⁵A Classificação está baseada na cor da pele e na reação a exposição solar. Esta classificação é a utilizada hoje para a programação dos tratamentos a laser e luz pulsada, porque ela permite a calibração dos equipamentos em níveis de energia seguros para cada tipo de pele.
http://www.naturale.med.br/depilacao_definitiva_tipos_pele.htm Acesso: 20/11/2014 22h10min

Figura 27



Fonte - http://produto.mercadolivre.com.br/MLB-600982522-vamos-cantar-n-140-cauby-nelson-goncalves-elza-soares-_JM
1956 - Vamos Cantar - N.º 140 - Cauby Nelson Gonçalves Elza Soares.

Nesta capa da Revista Vamos Cantar de 1956 destaco pequenas e parciais alterações na imagem de Elza Soares.

Embora a foto não esteja nítida e clara é evidente observar: que os cabelos penteados e alisados; sobrancelhas mais delineadas; pele manteve-se inalterada quanto à cor; lábios mantiveram-se preservados e com destaque para seu sorriso.

Elza Soares a seguir aparece fulgurantemente, na capa colorida de um disco gravado pela Odeon, LP de 12 polegadas. A música *Se acaso você chegasse*, velho samba de Lupicínio Rodrigues, gravado por Ciro Monteiro em 1940, e que foi, de certa forma, o lançamento do cantor.

Segundo (LOUZEIRO, 2000, p.327. 328) “Elza surgiu no calor da Bossa Nova e foi levada ao Aloysio de Oliveira por uma das musas do movimento: Sylvinha Telles, que cantou no Texa’s Bar e foi lá, também, que encontrou a menina que acabava de descer o morro para a cidade”. Apresentou-a ao grande homem da Odeon e, sem dúvida figura importante da nossa MPB. Nesse tempo a Bossa Nova ainda se estruturava e Aloysio de Oliveira se mantinha atento aos novos talentos. Quando Elza começou a despontar, logo a rotulou como cantora Bossa Negra, em cujo papel ajustou-se com grande competência. Foi Sylvinha,

também, quem tomou a iniciativa de apresentá-la ao *big boss*; lá mesmo no Texa's Bar, ponto de encontro de artistas e músicos.

Figura 28



Figura 29



Fontes:

<http://www.discogs.com/artist/83739-Elza-Soares>
1960- Se acaso você chegasse

<http://www.discogs.com/artist/83739-Elza-Soares>
1961- A Bossa Negra.

Na capa do seu 1º LP de estreia na figura 28, de âmbito nacional e aclamado com a música que dá o título ao LP – “Se acaso você chegasse”.

Sua imagem e aspectos raciais étnicos estão totalmente preservados nas suas características, porém destaque um cuidado com o corte de cabelo e sua atitude e postura mais aberta e confiante.

Elza Soares em “A Bossa Negra” figura 29 mantém os mesmos traços e imagem do 1º LP de estreia em 1960, porém destaque atitude mais aberta, confiante e contagiante.

A década de 60 segundo (FAUX, 2000, p. 174) foi acima de tudo uma tomada de consciência da juventude: insolência, derrisão, liberdade estavam na moda. Foi um período de grande fertilidade da produção cultural brasileira, segundo (COELHO, 1989, p. 159, 176).

Parte desta fertilidade é responsabilidade da Tropicália ou Movimento Tropicalista (1967-69), denominação atribuída a manifestações artísticas

espalhadas por diferentes ramos da produção cultural, como as artes plásticas, com trabalhos de Hélio Oiticica; o cinema, com as obras de Glauber Rocha; ou o teatro, com as peças dirigidas por José Martinez.⁶

Figura 30



Fonte - <http://tropicalia.com.br/identifisignificados/movimento>
Tropicália- identifisignificados – movimento- Um Projeto de Ana Oliveira.
<http://tropicalia.com.br/identifisignificados/movimento> .Acesso 07/02/2015

Durante toda a década de 60, a visão de mundo dos setores “progressistas” da sociedade brasileira foi animada pela ideia da proximidade e da inevitabilidade da “Revolução Brasileira”⁷. Acontecimentos como o Golpe Militar de abril de 64 e o endurecimento do regime em dezembro de 68 não provocaram um abandono desta ideia, ainda que tenham propiciado abalos, em especial o AI-5.

⁶A origem da denominação deste movimento foi uma obra do artista plástico Hélio Oiticica intitulada “Tropicália”. Em seguida, Caetano Veloso compôs uma canção com o mesmo título.
Figura 30- Tropicália- identifisignificados – movimento- Um Projeto de Ana Oliveira. Acesso 07/02/2015, <http://tropicalia.com.br/identifisignificados/movimento>.

⁷Revolução que era, por exemplo, assim caracterizada por Luciano Martins, em artigo redigido em 1963 mas publicado somente após o Golpe de 64: “A Revolução Brasileira, como as revoluções de inúmeros outros países hoje empenhados em esforço de desenvolvimento, corresponde ao processo histórico pelo qual - embora em outras circunstâncias e de formas substancialmente diversas - já passaram todos os países atualmente constituídos em potências mundiais. A Revolução brasileira deve ser compreendida, pois, como a fase histórica que se caracteriza pela orientação dos recursos nacionais e a adaptação das estruturas do país às novas formas de produção, de tecnologia e de progresso de nosso século, tendo em vista a satisfação de determinadas necessidades e aspirações sociais internas e tendo em vista a melhoria da posição relativa do país no conjunto da economia e das decisões mundiais” (Martins, 1965, p.15).

A crença, largamente disseminada da grande maioria da esquerda brasileira nos anos 60, de que o país vivia um período pré-revolucionário, gerou um intenso processo de politização da produção artística, encarada como elemento importante dentro da estratégia revolucionária.

O critério básico da visão da esquerda quanto à arte era o *engajamento*: a obra artística deve ter por referente à “realidade brasileira”, ser o reflexo da situação vivida pelo “povo brasileiro”: do contrário, se for a expressão da subjetividade do artista, por exemplo, será uma obra alienada, que “desvia” o povo da tomada de consciência dos seus interesses, dificultando a sua participação na Revolução.

Ainda segundo (COELHO, 1989) as relações entre a cultura e política foram pensadas pela esquerda brasileira nos anos 60 sob o prisma da instrumentalização política da produção cultural. Um exemplo da ótica de uma das vertentes da esquerda do período é o *Antiprojeto do manifesto do Centro Popular de Cultura da União Nacional dos Estudantes (CPC da UNE)*, de março de 1962. Onde se podia ler que:

“O que distingue os artistas e intelectuais do CPC dos demais grupos e movimentos existentes no país é a clara compreensão de que toda e qualquer manifestação cultural só pode ser adequadamente compreendida quando colocada sob a luz de suas relações com a base material sobre a qual se erigem os processos culturais de superestrutura. (...) Não ignorando as forças propulsoras que, partindo da base econômica, determinam em larga medida nossas idéias e nossa prática, não podemos ser vítimas das ilusões infundadas que convertem as obras dos artistas brasileiros em dóceis instrumentos da dominação, em lugar de serem, como deveriam ser, as armas espirituais da libertação material e cultural do nosso povo. (...) Os membros do CPC optaram por ser parte integrante do povo, destacamentos de seu exército no front cultural.” (Cit. Por HOLLANDA, 1980, p.123 e 127).

Foi esta “Opção Preferencial do Povo” a fonte inspiradora de importantes momentos da produção cultural dos anos 60 – além das atividades do CPC da UNE – como as peças de Gianfrancesco Guarnieri e Augusto Boal no Teatro Arena e as canções de protesto de Geral Vandré.

Na opção tropicalista o foco da preocupação política foi deslocado da área da *Revolução Social* para o eixo da *rebeldia*, da intervenção localizada, da política concebida enquanto problemática cotidiana, ligada à vida, ao corpo, ao desejo, à cultura em sentido amplo” (HOLLANDA & GONÇALVES, 1982, p. 66).

O mais famoso dos confrontos esquerda x tropicalistas deu-se em setembro de 1968 no auditório do TUCA em São Paulo, quando das eliminatórias do Festival Internacional da Canção (FIC) promovido pela TV Globo. Ali Caetano Veloso foi praticamente impedido de cantar “É proibido Proibir”, devido às vaias e gritos de militantes de esquerda situados na platéia, e respondeu com um discurso onde comparou esses militantes com os fascistas do Comando de Caça aos Comunistas (CCC), que haviam espancado os atores da peça “Roda-Viva” de Chico Buarque de Hollanda, afirmando, também, que eles estavam ultrapassados, que iriam “sempre matar amanhã o velhote inimigo que morreu ontem”, e que suas concepções artísticas prenunciavam posições políticas perigosas: “Se vocês em política forem como em estética, estamos feitos” (Veloso, 1975).

O conflito entre a esquerda e os tropicalistas segundo (COELHO, 1989) era qualitativamente diferente do conflito da mesma esquerda com artistas “alienados”, como os músicos da “Jovem Guarda”. Enquanto, as canções da Jovem Guarda falavam de experiências alheias ao universo da esquerda – conflitos sentimentais, passeios automobilísticos, utilizando formas artísticas execradas por ela – o rock, as canções tropicalistas falavam da “realidade brasileira”, tão reclamada pela esquerda, mas ofereciam uma visão diferente dessa realidade, utilizando, com a jovem guarda, formas artísticas consideradas descaracterizadas da cultura brasileira. Para a esquerda, os tropicalistas seriam uma espécie de “agentes do inimigo” infiltrados para destruir por dentro o “movimento revolucionário”.

Irreverente, a Tropicália transformou os critérios de gosto vigentes, não só quanto à música e à política, mas também à moral e ao comportamento, ao corpo, ao sexo e ao vestuário. A contracultura hippie foi assimilada, com

adoção da moda dos cabelos encaracolados e das roupas escandalosamente coloridas.

O movimento, libertário por excelência, durou pouco mais de um ano e acabou reprimido pelo governo militar. Seu fim começou com a prisão de Gil e Caetano, em dezembro de 1968. A cultura do país, porém, já estava marcada para sempre pela descoberta da modernidade e dos trópicos.

Segundo (ALMEIDA, 1996, p. 56,57) destaca que como outros setores da sociedade brasileira, os meios estudantis buscaram aumentar o seu grau de organização ao longo dos anos 60. Com a organização UNE-volante, em 1960, a União Nacional dos Estudantes procurou aumentar a força de penetração do movimento estudantil no território brasileiro, organizando assembléias e eventos político-culturais nos mais diversos pontos do país. No mesmo período, sob a direção de Oduvaldo Vianna Filho⁸, O Teatro de Arena retomava uma antiga proposta do grupo, criando um elenco que se encarregaria de levar teatro ao povo, percorrendo fábricas, favelas, sindicatos, organizações de bairro e escolas. Mesmo assim, na opinião de Oduvaldo Vianna Filho, a “alienação em massa” promovida pela indústria cultural só poderia ser combatida por um movimento capaz de “produzir conscientização em massa, em escala industrial”. Tal objetivo não estaria sendo atingido pela Arena, que, malgrado a rica discussão produzida sobre a necessidade da criação de uma cultura revolucionária, havia se limitado a ser “porta-voz das massas populares num teatro de cento e cinquenta lugares, não colocando diante de si a responsabilidade da divulgação e da massificação”. A necessidade do estabelecimento dessa “indústria de conscientização em massa” norteou a organização do CPC e de seus departamentos: teatro, cinema, literatura, alfabetização, artes plásticas e cultura popular. Para a divulgação de sua produção, o CPC contava com toda a infra-estrutura da UNE: editora de livros e discos, agência de distribuição, gráfica, equipamentos para a montagem de shows musicais e peças de teatro, e um caminhão especialmente transformado em palco para espetáculos ao ar livre.

⁸ Filho de Oduvaldo Viana que também marcou época no teatro brasileiro, Vianinha estreou no teatro em 1955, como ator, na peça "Rua da igreja", com o grupo do Teatro Paulista do Estudante. Com espírito polêmico e sempre muito combativo, Vianna fez parte do Teatro de Arena e estreou como autor em 1959,

ao escrever "Chapetuba Futebol Clube".¹ Participou como ator do filme *Cinco Vezes Favela* de 1962 (Segmento: Escola de Samba, Alegria de Viver). Em 1973, juntamente com Armando Costa, criou e dirigiu na Rede Globo de Televisão uma das séries humorísticas de muito sucesso, que voltaria a ser apresentada na mesma emissora: *A Grande Família*. Acesso: 07/02/2015. http://pt.wikipedia.org/wiki/Oduvaldo_Vianna_Filho 12h50min

No anteprojeto do manifesto do Centro Popular de Cultura, Carlos Estevam Martins⁹ expõe as linhas básicas da arte popular revolucionária buscava pela instituição, diferenciando-a da arte do povo e da arte popular. Caracterizada por uma não separação do artista da massa consumidora, a arte do povo limitava-se a “ordenar os dados mais patentes da consciência popular atrasada”, florescendo “preferência no meio rural ou em áreas urbanas que ainda não atingiram as formas de vida que acompanham a industrialização”.

(ALMEIDA, 1996, p. 58) destaca que arte popular típica dos centros urbanos desenvolvidos caracterizava-se pela passividade da massa de receptores, completamente dissociada de um corpo de artistas empenhados na “produção em massa de obras convencionais cujo objetivo supremo consiste em distrair o espectador em vez de formá-lo, entretê-lo e aturdi-lo em vez de despertá-lo para a reflexão e a consciência de si mesmo”. Contrapondo-se a essas duas tendências da Tropicália e do CPC, a arte popular revolucionária, buscada pelo CPC, pretendia “levar ao povo o significado humano do petróleo e do aço, dos partidos políticos e das associações de classe, dos índices de produção e dos mecanismos financeiros”, preparando-o para sua missão de futuros “combatentes do exército de libertação nacional e popular”.

Encarando a arte nos termos de uma “pedagogia política”, Carlos Estevam Martins sugeria que os artistas do CPC abdicassem do experimentalismo estético, em busca de maior legibilidade para sua produção. Mais importante que a forma era os conteúdos, transmitidos por obras que deveriam caracterizar-se por sua clareza, mantendo-se sempre no nível dos seus consumidores potenciais.

⁹Carlos Estevam Martins (Rio de Janeiro, janeiro de 1934 - outubro de 2009) foi um sociólogo brasileiro. Assistente de Álvaro Vieira Pinto, atuou no ISEB. Foi um dos fundadores, o primeiro diretor e autor do manifesto do Centro Popular de Cultura (CPC) da União Nacional dos Estudantes (UNE), fundado em 1961. Doutor em Ciências Sociais é professor do Departamento de Ciência Política da USP e membro do Cebrap. Acesso: 07/02/2015 http://pt.wikipedia.org/wiki/Carlos_Estevam_Martins

Com uma atividade intensa em diversas áreas culturais, os CPCs constituíram verdadeira escola para diversos artistas, dando-lhes a oportunidade de produzir, editar e divulgar livros, filmes, canções, peças de teatro. A necessidade da submissão dos ideais estéticos aos interesses pedagógicos, no entanto, seria motivo para desligamento de diversos artistas da instituição.

De acordo com de Caetano Veloso, em seu livro *Verdade Tropical*, (1997, p.64), Glauber Rocha, o jovem diretor baiano, tinha se tornado, a essa altura, um verdadeiro líder cultural. Depois de rodar *Barravento* quando ainda morava na Bahia, ele impressionou diretores e críticos europeus com *Deus e o Diabo na Terra do Sol*, filme cheio de selvagem beleza que excitou a todos com a possibilidade de um grande cinema nacional. Não se tratava de uma conquista de padrão de qualidade: essa tinha sido a meta da Vera Cruz, produtora criada pelo empresário paulista Franco Zampari, que construiu um estúdio bem estruturado onde se produziam, até metade dos anos 50, filmes de bom acabamento. Para dirigir o empreendimento, Zampari convidou Alberto Cavalcanti, o cineasta brasileiro que atuara com sucesso na Inglaterra e na França e voltava ao Brasil atendendo a esse convite da elite brasileira para instituir uma indústria cinematográfica de alto nível entre nós. Era uma tentativa de superar o estágio primitivo do cinema comercial brasileiro, representado pelas comédias carnavalescas cariocas conhecida como “chanchadas”, uma fórmula inaugurada com sucesso nos anos 30. O movimento do Cinema Novo, na primeira metade dos anos 60, opôs-se tanto ao academicismo das produções respeitáveis da Vera Cruz quanto ao primarismo das chanchadas. A vitória de prestígio do movimento sobre essas duas tendências não foi atingida sem dificuldade, e não se pode dizer que a desatenção - quase hostilidade - a produções como *O cangaceiro* (Vera Cruz) ou *O homem do Sputnik* (chanchada) não pareçam hoje francamente injustas. Glauber liderou prática e teoricamente o movimento do Cinema Novo. Seu livro *Revisão crítica do cinema brasileiro* argumenta em favor da criação de um cinema superior nascido da miséria brasileira como o neo-realismo nascera da indigência das cidades italianas no imediato pós-guerra. Ali ele conclamava os jovens intelectuais de esquerda que se sentissem atraídos pelo cinema a

inspirarem-se no Nelson Pereira dos Santos¹⁰ de Rio, 40 graus, e naturalmente isso significava desprezar tanto os sensatos que apenas tentavam encenar diante da câmera histórias razoavelmente roteirizadas, quanto os malandros que produziam diversão para um público semianalfabeto.

Figura 31



Fonte- http://www.anosdourados.blog.br/2014_01_01_archive.html
1962- Romance com Garrincha

Neste contexto todo dos anos 60 em que as mudanças políticas, culturais vinham sofrendo grande ebulição segundo (LOUZEIRO, 1997, P.361), depois de algumas tentativas fracassadas no amor, Elza Soares conheceu uma grande paixão: Manuel Francisco dos Santos, Garrincha, um dos maiores ídolos do futebol brasileiro e mundial. Foi uma paixão não compreendida pela crítica e pelos admiradores dos dois ídolos brasileiros.

Elza Soares suportou verdadeiras infâmias lançadas contra ela. Até em casa recebia telefonemas maldosos, onde era acusada de destruir a carreira de Mané Garrincha. E era justamente o oposto. Não era Garrincha quem dava suporte financeiro a Elza, mas sim Elza quem procurava reerguer a carreira de Mané.

¹⁰See more at: <http://tropicalia.com.br/ilumencarnados-seres/tres-tropicicos-da-tropicalia/verdade-tropical/o-novo-cinema-de-glauber-rocha#sthash.U4K1amER.dpuf> Acesso: 25/01/2015 15h00min.

Foi movido pela paixão por Elza que Garrincha jogou o que sabia e o que não sabia, na Copa do mundo do Chile, onde se transformou no maior atleta da competição e deu o título de bicampeão do mundo ao Brasil.

Aquela Copa do Mundo uniu os dois. O destino deles foi desenhado no Chile, enquanto o mundo ficava boquiaberto com a genialidade daquele sujeito de drible fácil, de fala mansa, de vida simples. Conforme o Brasil avançava no Mundial, aumentava a proximidade entre Elza e Garrincha. Até que uma frase dele serviu como laço definitivo. Mané olhou para aquela mulata atrevida, sedutora, e avisou: “Eu vou ganhar a Copa para você”.¹¹

Elza Soares aparece ao lado de Garrincha figura 31 e, nesta imagem destaco as primeiras mudanças na maneira de se vestir, de arrumar seus cabelos. Não posso afirmar se os cabelos sofreram modificações a nível químico quanto a sua forma ou se estaríamos à frente de uma peruca. Também não posso afirmar e não encontrei dados que me confirmam se neste momento e/ou ano a cantora havia passado por alguma cirurgia plástica, o que não acredito que tenha acontecido, em função das imagens seguintes.

Figura 32



Fonte - <http://www.sambaderaiz.net/wp-content/albums/1286/cover.jpg>
1963- Sambossa

Figura 33



Fonte - <http://3.bp.blogspot.com/-pJfE-XY1TY/TVrjSX9pFfI/AAAAAAAAAcc/48m3vxKf4Nw/s400/1964%2B-%2BNa%2BRoda%2BDo%2BSamba%2B-%2BA.jpg>
1964- Na Roda do Samba.

¹¹O bi de Mané: há 50 anos, Garrincha iniciava conquista da Copa (e de Elza). História de amor e de sombras, de alegrias e tristezas, teve Copa do Mundo do Chile como cenário. Meio século depois, restam lembranças e dores
Por Alexandre Alliatti e Marcelo Baltar Rio de Janeiro.
<http://globoesporte.globo.com/futebol/noticia/2012/05/o-bi-de-mane-ha-50-anos-garrincha-iniciava-conquista-da-copa-e-de-elza.html> Acesso em 20 de novembro de 2014.
Figura 16- 1963- Sambossa.

2.2. Construção da persona

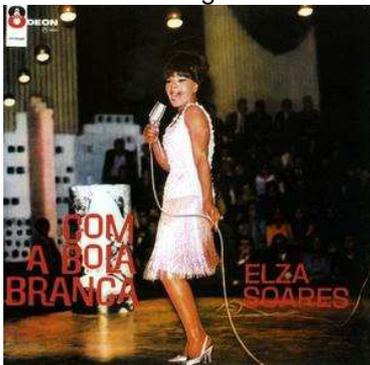
Elza Soares e seu 3º LP. Segundo relatos de (LOUZEIRO, 1997, p. 102), “Elza Soares era bem feitinha de corpo, tinha um sorriso bonito, muita malícia e espontaneidade”, com atitude e imagem comportada, discreta. Pele, face e cabelos ainda sem mudanças significativas com relação às imagens descritas anteriormente.

Figura 34



Fonte - <https://orfaosdoloronix.files.wordpress.com/2012/05/capalpfront.jpg>
1965 – Um Show de Elza

Figura 35



Fonte - http://www.bossa.net/image/E/Elza_Soares/Com_a_Bola_Branca-thumb.jpg
1966 – Com a Bola Branca

Figura 36



Fonte - <http://orfaosdoloronix.files.wordpress.com/2013/09/elza-soares-elza-miltinho-e-samba-1967.jpg>
1967- Elza Miltinho e Samba

Nas figuras 34, 35 e 36 Elza Soares aparece com cabelos muito bem alinhados e arrumados.

Sobrancelhas elevadas e muito bem marcadas conferem um aspecto “*lifting*”-(cirurgia que minimiza rugas de expressão), o que faz com seu olhar seja muito marcante.

Seus olhos muito bem delineados e marcados por um delineador, com um aspecto imitando um olhar de “gatinha”.

Nariz um pouco mais afilado.

Destaco em pesquisa pela web a seguinte informação:

“A cantora brasileira Elza Soares, era absolutamente linda quando jovem. A primeira cirurgia plástica facial foi em 1963, quando tinha apenas 26 anos. Depois disso, a cantora passou por outras cirurgias que, com o tempo, deixaram o rosto da cantora um tanto esticado, sem muita expressão. Elza Soares já admitiu, inclusive, que não suporta ver nenhuma ruga. Quando encontra, vai ao cirurgião e dana [SIC] o bisturi no rosto! “Não me condenem pelas minhas plásticas, façam também”. Dá um bem-estar danado. A velhice seria bonita se eu vivesse num país que respeita as rugas. O Brasil não tolera velhos”, disse em entrevista à revista Claudia”. <http://sovoceaindanaoviu.blogspot.com.br/2012/08/os-10-piores-resultados-de-plasticas.html> Acesso em 20 de novembro de 2014.

Mais magra figura 35, um modo sensual de ser e com um domínio cênico destacável.

Na figura 36 onde aparece com Miltoninho¹² retoma uma imagem com semblante brejeiro, até tímido, mas sua beleza é exuberante.

¹²Milton Santos de Almeida, conhecido como Miltoninho (Rio de Janeiro, 31 de janeiro de 1928 - Rio de Janeiro, 7 de setembro de 2014) foi um cantor brasileiro.

Nas décadas de 40 integrou diversos grupos vocais: Cancioneiros do Luar, Namorados da Lua, Anjos do Inferno (que chegou a viajar aos Estados Unidos acompanhando Carmen Miranda), Quatro Ases e Um Coringa, Milionários do Ritmo. Em 1960 lançou seu primeiro disco solo, "Um Novo Astro", iniciando uma carreira de enorme sucesso no início da década, marcada pela sua voz anasalada, afeita aos sambas de teleco-teco e às canções românticas.

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Miltoninho_\(cantor\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Miltoninho_(cantor)) Acesso em 20 de novembro de 2014. 23h30min

Figura 37



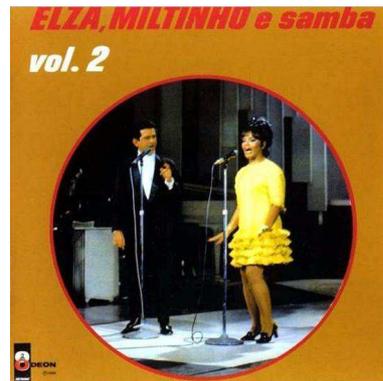
Fonte -
<http://orfaosdoloronix.wordpress.com/2011/08/06/elza-soares-o-maximo-em-samba-1967/>
1967- O máximo em samba

Figura 39



Fonte -
https://orfaosdoloronix.files.wordpress.com/2011/10/elza-soares-baterista-wilson_das_neves.jpg
Wilson das Neves¹³
1968- Elza Soares Baterista: Wilson das Neves¹³

Figura 38



Fonte -
http://3.bp.blogspot.com/_uGKgBqoP67M/TBD3d_tpGrl/AAAAAAAAAgc/n6FLVAcNe3Y/s1600/Elza,+Miltinho+e+Samba+Vol+2.JPG
1968- Elza Soares, Miltinho – Elza, Miltinho e Samba- Volume 2

Figura 40



Fonte -
<https://orfaosdoloronix.files.wordpress.com/2012/04/elza-soares-miltinho-elza-miltinho-e-samba-vol-3-1969.jpg>
1969- Elza Soares, Miltinho-Elza , Miltinho e Samba-Volume 3

¹³Wilson das Neves (Rio de Janeiro - 14 de Junho de 1936) é um baterista, cantor e compositor brasileiro. Estudou música com Joaquim Naegele e logo depois com Darci Barbosa. Aos 14 anos, através do ritmista Edgar Nunes Rocca, o "Bituca", tocou na Escola Flor do Ritmo, no bairro do Méier. Anos mais tarde, deu começo à sua carreira de baterista na orquestra de Perminio Gonçalves.

Entre 1957 e 1968, Wilson das Neves acompanhou a pianista Carolina Cardoso de Menezes, foi membro do Conjunto de Ubirajara Silva, estreou como músico de estúdio na Copacabana Discos, se integrou em conjuntos como o de Steve Bernard e o de Ed Lincoln. Tocou com o flautista Copinha, com o pianista Eumir Deodato no conjunto "Os Catedráticos", e com Eumir e Durval Ferreira, no grupo "Os Gatos". Fez parte da orquestra de Astor Silva, da orquestra da TV Globo e da orquestra da TV Tupi de São Paulo, liderada pelo maestro Cipó. Além disso, gravou com Elza Soares, o disco "Elza Soares - Baterista:Wilson das Neves" e formou seu conjunto, registrando o LP: http://pt.wikipedia.org/wiki/Wilson_das_Neves Acesso em 23 de novembro de 2014. 18h00min

Na figura 37 destaco uma nova roupagem. Com lenço ou turbante na cabeça, com destaque para os brincos.

Um vestido com especial destaque para as mangas cobrindo sua silhueta.

Na figura 38 destaco uma nova roupagem.

O amarelo do seu traje reforça a cor da sua pele, porém observo um tom um pouco mais claro, talvez reforçado pela impecável maquiagem.

Nas figuras 39, 40 e 41 destaco uma nova roupagem, com cor contrastante, reforçando um ar tropical, com tons vibrantes, arrojadados e psicodélicos.

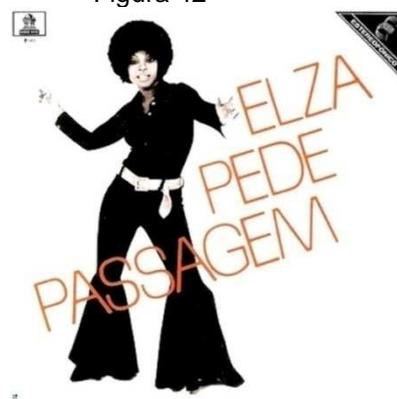
Cabelos arrumados de forma elegante, talvez usando uma de suas perucas, que era também sua marca. Destaco uma maquiagem que a deixa com tom de pele mais clara e olhos sempre delineados. Seu olhar é marca registrada. Semblante suave, alegre e sorriso marcante.

Figura 41



Fonte -
<http://parallelrealitiesstudio.files.wordpress.com/2009/03/maissambas2.jpg>
1970- Sambas & Mais Sambas

Figura 42



Fonte - <http://3.bp.blogspot.com/-533SqAGOCdc/T1ENBNCfW9I/AAAAAAAAAFy/w/A3Bbm3HNcUg/s1600/Elza+Soares+-+Elza+Pede+Passagem+fee.jpg>
1972- Elza Pede Passagem

Na figura 42 é possível perceber um nariz mais afilado, o que me remete a afirmar que se submeteu a alguma cirurgia plástica. O visual de Elza Soares com cabelos *Black Power* que foi moda nos anos 70 foi marcante neste ano no álbum da cantora e deu um ar moderno e atual como consta na figura 42.

Faux (2000, p. 190) relata que desde o fim dos anos 60, o *Black Power* está a caminho. A cantora Miriam Makeba chamou a atenção da imprensa quando fez sua primeira turnê usando seus cabelos naturais, a atriz Cecily Tison fez o mesmo durante uma entrevista na televisão, Angela Davis impôs seu *look* afro como uma reivindicação de uma beleza diferente, mas tão atraente quanto à das Brancas, a modelo Naomi Sims, que publicaria em 1976 um livro sobre beleza negra, foi consagrada top *model* pela revista *Life Magazine* desde 1969, enquanto Beverly Johnson foi, em 1974, a primeira modelo negra a ser capa da *Vogue* americana. Por seu lado de Donyale Luna tornou-se a musa de Paco Rabanne, o primeiro costureiro que fez desfilhar uma mulher negra para alta costura. Ela iria fascinar o mundo ocidental e confirmar orgulhosamente que “*Black is beautiful*”. Mas será preciso esperar os anos 80 para que cheguem ao mercado linhas de produtos específicos para as peles negras, como Gazelle ou Iman Cosmetics.

Destaco também que o visual mais popular e fácil de reproduzir dos anos 70 é o hippie. Além disso, é fácil adaptar peças atuais, já que muitos looks dessa época estão de volta. São calças boca de sino, batas indianas, vestidos, lenços, franjas nas bolsas e cintos, camisetas coloridas ou manchadas, óculos redondinhos e faixas nos cabelos como nas figuras 43 e 44 de Janis Joplin.

Figura 43



Fonte -

<http://www.fashionbubbles.com/files/2008/01/janisjoplin.jpg>

Figura 44



Fonte - <http://www.fashionbubbles.com/historia-da-moda/anos-70/>

Figuras 27- *Ilustração de Janis Joplin, influência hippie e musical.*

<http://www.fashionbubbles.com/files/2008/01/janisjoplin.jpg>. Acesso: 15/02/2015

Figura 28- Janis Joplin no *Woodstock* <http://www.fashionbubbles.com/historia-da-moda/anos-70/> Acesso. 15/02/2015 21h00min

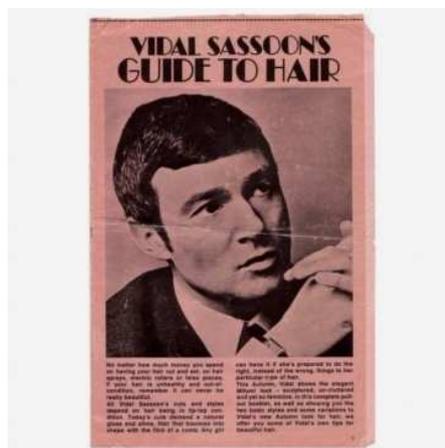
Retomando, (FAUX, 2000, p.178) relata que o musical *Hair* (1969) anunciou triunfalmente a chegada dos anos 70, que quebrariam todos os tabus e se outorgariam todas as liberdades. Os cabelos serão o símbolo, porta-voz de uma nova geração em busca de mudança e de reconhecimento; comprido para os homens, “afro” para os negros, os cabelos deviam acima de tudo ser livres. Novas técnicas apareciam nos penteados, rolos de crina de grossura variável permitiam penteados armados, encrespados, ditos “de alcachofra”, em cabelos molhados. Os cabelos passaram a ser secados manualmente, com escova ou secador, como nos cabeleireiros para homens, o que permitia aumentar o volume, alisar, cachear...essa nova técnica, batizada de *brushing* pela casa Lorca, percorria o mundo, valendo-se do sucesso internacional do filme *Shampoo*¹⁴, de 1975, em que Warren Beatty

Figura 45



Fonte - http://ia.media-imdb.com/images/M/MV5BMTY1MzY0MTk3OF5BMT5BanBnXkFtZTcwNzU5MDEzMQ@@._V1_SY317_CR3,0,214,317_AL_.jpg
Filme Shampoo- 1975

Figura 46



Fonte - <http://www.theblogazine.com/wp-content/uploads/2012/05/20120510-vidal-sassoon-01-2dmblogazine-e1336651282788.jpeg>
Vidal Sassoon- 1928-2012

¹⁴Filme Shampoo- 1975. Um cabeleireiro mulherego e sedutor de Beverly Hills se envolve facilmente com várias mulheres, pois, em virtude da sua profissão, muitos homens o consideram homossexual. Ele tenta convencer um rico empresário que está tendo um caso com uma de suas amantes a lhe fornecer capital para montar um salão de beleza. Ao mesmo tempo, ele é pressionado pela noiva para se casar o mais rápido possível, o que pode prejudicar seus planos. [http://pt.wikipedia.org/wiki/Shampoo_\(filme\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Shampoo_(filme))
Acesso: 15/02/201

encenava a vida dissoluta de um cabeleireiro de Hollywood, inspirado, segundo alguns, em Gene Chacove, personagem daqueles anos. Na mesma época, a influência de Vidal Sassoon¹⁵ afirmava-se.

Após ter lançado a moda dos cortes a navalha, criando verdadeiras esculturas de cabelos (Zizi Jeanmaire) como na figura 47, ele não cessaria de inovar e permaneceria sendo uma figura de destaque dos anos 70.

Figura 47



Fonte - <http://www.studio26.fr/Pages-Artistes-FR/ZiziJEANMAIRE-FR.html>

A moda dos anos 70 foi proferida pela iconografia psicodélica da droga, da música e da cultura que irradiava nos jovens desde São Francisco. A ordem do dia era gastar pouco e isso influenciava toda a estética da moda com xales antigos, uniformes vintage e peças de lojas de caridade ganhavam adaptações com técnicas de tie-dye, crochês, bordados e miçangas exóticas que vinham direto da Índia, junto com o aroma de patchouli.

¹⁵Ontem, o mundo recebeu a notícia de que o homem que revolucionou a forma como os cabelos das mulheres foi cortado, Vidal Sassoon, havia falecido. "Famoso para o bob clássico e sua corte de cinco pontos, ele foi liberando as mulheres dos anos 60 com seu estilo 'lavar e vestir'. Ele tem sido chamado de Chanel de cabelo, uma estrela do rock, um artista e um artesão que "mudou o mundo com um par de tesouras." A fama nascido de cabeleireiro de Londres começou o dia em que ele fez um corte para Nancy Kwan. O icônico bob, que foi capturado em um retrato de Terrence Donovan e transmitido para o mundo através de Vogue, foi o ponto de partida que levou todos os dias mulheres, modelos e estrelas de cinema ao seu salão de beleza na Bond Street. Como qualquer bom "costureiro", Sassoon não tinha medo de correr riscos, experimentar e personalizar seus cortes para melhor atender características de seus modelos. "Minha idéia era cortar forma no cabelo, para usá-lo como tecido e tirar tudo o que era supérfluo", disse ele em uma entrevista com o Los Angeles Times, em 1993. <http://www.theblogazine.com/2012/05/vidal-sassoon-1928-%E2%80%932012/> Acesso: 15/02/2015

Figura 31- Zizi Jeanmaire (nascido em 29 de abril de 1924) é um dançarino de balé francês e viúva do renomado dançarino e coreógrafo Roland Petit. Ela tornou-se famoso na década de 1950 depois de jogar o papel-título no balé Carmen, produzido em Londres, em 1949, e passou a aparecer em vários filmes de Hollywood.

Um dos “mantras” dos anos 70, “Turn on, tune in and drop out” (“se liga, sintoniza e desencana”), foi proferido em 1964 por Timothy Leary, professor de Harvard que ficou famoso por defender os benefícios terapêuticos e espirituais do LSD – droga que teve seu auge junto com o Flower Power.

Apesar de ser a moda dos anos 70, o Flower Power teve seu apogeu em 1967, quando uma nova geração de estilistas fez do “Verão do Amor” uma estação com as cores do arco-íris, estampas curvilíneas e psicodélicas, trajes étnicos orientais e até mesmo inspirações dos índios americanos.

Estilistas como Yves Saint Laurent, Emilio Pucci, Valentino, Zandra Rhodes e Bill Gibb até tentaram abraçar a estética hippie, mas nada era possível substituir o ar de “faça você mesmo”, tão essencial ao estilo. O espírito comercial conseguiu impregnar a cultura hippie só no final dos anos 70, principalmente por conta do crescimento do mercado jeans e da roupa esportiva.¹⁶

A década de 70 o milagre Brasileiro¹⁷ desencadeia uma atividade econômica acelerada e um mercado de consumo excitado que foram fundamentais segundo BARROS, para a efervescência das representações da moda no Brasil dos anos 70.

No início desse período, vemos o ufanismo alimentado pela vitória na Copa do Mundo, o “Brasil ame-o ou deixe-o”, o consumismo e a euforia que não demoraram a entrar em choque com a censura e perseguições políticas.

Nesta década, a Rede Globo se consolida. Quarenta por cento das casas já tinha televisão fazendo com que o Brasil se tornasse um dos mais dinâmicos mercados de TV do terceiro mundo, de acordo com dados citados por BARROS.

¹⁶<http://www.fashionbubbles.com/historia-da-moda/anos-70/> Acesso:15/02/2015

¹⁷<http://www.fashionbubbles.com/historia-da-moda/anos-70/> Acesso: 15/02/2015

BARROS, Edgard Luiz de. Anos 70-Identidade brasileira na moda.
<http://www.fashionbubbles.com/historia-da-moda/anos-70/> Acesso:15/02/2015 22h10min

Ainda no início dos anos 70 Elza Soares segundo depoimentos do maestro Rildo Hora¹⁸ no livro de LOUZEIRO (1997, p. 332, 333) cita o seguinte:

“E Elza não poderia estar melhor. Acho que a juventude dela decorre de uma transcendência qualquer, coisa que só os espíritas e os poetas poderiam explicar. É uma mulher espiritualizada. Um facho aceso. Luz e musicalidade. Alto- astral. Dona de uma cabeça muito forte. Ela se insere no pequeno grupo dos que nasceram para se fazer acompanhar pelas multidões. No que diz respeito à voz, não chega a ser soprano, diz RILDO, mas tem uma tonalidade, alta para a média das cantoras brasileiras, que lhe permite fazer duetos com cantores. Curioso, também, é que canta com facilidade em falsete. Aí, então, faz o que quer com aquela garganta. Para tirar som com ela o camarada tem que ter muita experiência, porque senão pode se enganar. Mas, se houver engano, não têm problema: ela canta no tom que o maestro quiser”.

LOUZEIRO cita (1997. p.391,392) que ao contrário do que muitos pensam, Elza não fez cem cirurgias plásticas nem chegou a ter 2 mil perucas. Modificou o rosto apenas seis vezes e sempre manteve umas dez perucas à mão. Depois que desrespeitou um sonho premonitório lá em Roma, na fase ainda boa, ou seja, meados de 1971. Sonhou com um gênio do mal chamado Alaúrdes. Lia um exemplar do *Jornal dos Sports* e fumava sentado em um banco de praça, ao lado de um barril de pólvora. Que devia Elza fazer? Não se aproximar do fogo. Mas esqueceu e, preparando o almoço, um bife escapuliu da ponta do garfo, caiu dentro da gordura quente, os respingos atingiram-lhe o rosto. Ficou com bolhas horríveis, algumas no couro cabeludo. Fez a primeira plástica e, logo depois uma outra, de correção. Mais adiante, arrumou o nariz e mandou dar um toque nas pálpebras, que não seguiam a linha exótica do seu rosto. A respeito das perucas conta uma novidade: costuma misturar os cabelos artificiais com os que Deus lhe deu.

¹⁸Maestro Rildo Alexandre Barreto da Hora (Caruaru, 20 de abril de 1939) é um gaitista, violonista, cantor, compositor, arranjador, maestro e produtor musical brasileiro. http://pt.wikipedia.org/wiki/Rildo_Hora
Acesso: 15/02/2015

E garante: não é a cantora careca do Ionesco¹⁹. Muito ao contrário. Pertence à ordem das cabeludinhas. Graças às perucas vem economizando tempo e dinheiro esses anos todos.

Figura 48



Fonte - http://3.bp.blogspot.com/-jALz0o4E4Tc/TuThIA8vnII/AAAAAAAAAKIs/IUzo1uYZJzo/s320/IMG_5217.JPG

Figura 49

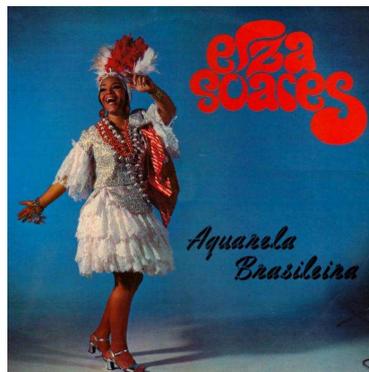


Fonte -

<https://orfaosdoloronix.files.wordpress.com/2012/05/elza-soares-roberto-ribeiro-sangue-suor-e-rac3a7a.jpg>

1972 – Elza Soares e Roberto Ribeiro – Sangue Suor e Raça

Figura 50



Fonte -

http://www.israbox.com/uploads/posts/2013-08/1376658721_folder.jpg

1973- Aquarela Brasileira

¹⁹A Cantora Careca" é um dos textos mais conhecidos de Eugène Ionesco. Escrita em 1954, ela foi apresentada pela primeira vez na França. A peça trata da história de duas famílias burguesas decadentes do início do século. Representada pelas famílias Smith e Martin, o tema central do texto é a incomunicabilidade humana. Tendo como pano de fundo o pós-guerra, o dramaturgo mostra sua tese sobre a decadência de valores e a hipocrisia das relações na alta sociedade. Eugène Ionesco, nascido na Romênia, viveu durante muitos anos na França e Inglaterra. Considerado um dos mais expressivos autores do Teatro do Absurdo, através da estética teatral ligada aos movimentos do pós-guerra, critica os erros humanos e os absurdos do comportamento do ser social. http://www2.uol.com.br/jornalasemana/sao/0312_1.htm Acesso: 15/02/2015

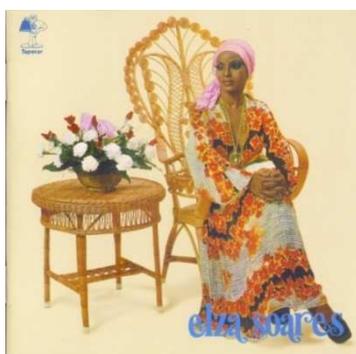
Figura 48- Cantando de Cabeça Feita- No final da década de 70, início dos anos 80, Elza desceu alguns círculos do inferno. A separação de Garrincha, a morte do seu filho Juninho, sua carreira esfacelada. (LOUZEIRO, 1997, p.313).

No álbum Samba e Suor figura 49 a cantora manteve seus cabelos *Black Power* e continuou dando um ar moderno e atual para aquele momento. Reforço os olhos e aspecto amendoado marcantes da cantora, e as feições suaves, juntamente com seu parceiro Roberto Ribeiro.²⁰

No álbum figura 50 o destaque é para um traje com menção ao folclore brasileiro.

A imagem mantém-se como nas anteriores, porém a alegria está estampada. Neste momento não há nenhuma alteração específica facial.

Figura 51



Fonte -
<http://smg.photobucket.com/user/Flabbergast/media/folder-183.jpg.html>
1974- Elza Soares- Pranto Livre

Figura 52



Fonte -
<http://www.sambaderaiz.net/wp-content/albums/1321/cover.jpg>
1975- Nos Braços do Samba

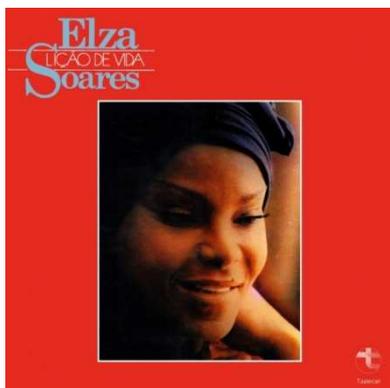
No álbum figura 51 o destaque ainda é para um traje com menção ao regionalismo brasileiro. Com maquiagem marcante e olhos como sempre bem destacados. A fronte bem esticada. Turbante na cabeça, lábios carnudos.

Na figura 52 a vestimenta me parece de uma menina “marota”.

²⁰Dermeval Miranda Maciel, mais conhecido como Roberto Ribeiro (Campos dos Goytacazes, 20 de julho de 1940 — Rio de Janeiro, 8 de janeiro de 1996) foi um cantor e puxador de samba-enredo brasileiro. Sambista do Império Serrano, Roberto Ribeiro construiu uma respeitável carreira de intérprete e compositor desde a segunda metade da década de 1960. De voz bem timbrada e enxuto fraseado, seu repertório incluíam sambas de todos os tipos, como afoxés, ijexás, maracatus e outros ritmos africanos. Tem mais de 20 discos gravados, com sucessos populares como as canções "Acreditar", "Estrela de Madureira", "Todo Menino É um Rei", "Vazio", "Malandros Maneiros", "Fala Brasil" e "Amor de Verdade".

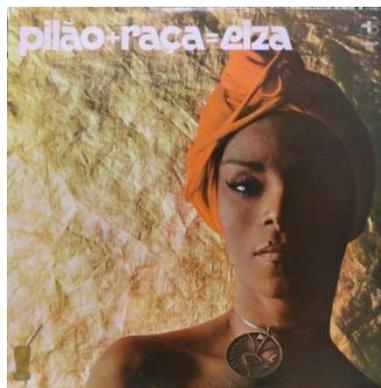
Cabelos Black Power, olhos marcantes, pele se mantém no mesmo tom. Mais magra. Nariz afilado, lábios carnudos.

Figura 53



Fonte - <http://orfaosdoloronix.files.wordpress.com/2012/11/elza-soares-licao-de-vida-1976.jpg>
1976- Lição de Vida

Figura 54



Fonte - http://mlb-s1-p.mlstatic.com/elza-soares-pilo-raca-elza-enrdo-pirracalp-tapecar-1977-1649-MLB4762853193_082013-F.jpg
1977- Pilão + Raça= Elza

Nas figuras 53 e 54 o olhar como sempre muito marcantes sobrancelhas delineadas e elevadas. Novamente turbante na cabeça. Não há nesse momento nenhum indício que a cantora tenha se submetido a alguma cirurgia plástica. Maquiagem suave. Há algo em sua imagem nem masculino, nem feminino e sim com certa ambiguidade.

A imagem 54 Elza Soares aparece com aspectos muito mais afilados da face, nariz, mais magra. Pescoço possui evidência e destaque.

Figura 55



Fonte- <http://extra.globo.com/incoming/13686105-673-0e2/w448/elza-garrinchinha.jpg>
1977- Elza Soares com Garrincha, em 1977: Menino morreu aos nove anos, num acidente.

Imagem destacando sua felicidade com seu filho Garrincha. Cabelos *Black Power*. Pele com cor preservada, não há nenhum indício de clareamento. Olhos novamente marcantes e puxados. Sobrancelhas elevadas e bem demarcadas. Nariz afilado.

Destaque para a aliança de matrimônio.

A polêmica relação com o jogador virou repertório da cantora. De acordo com Beto Xavier, no livro *O Futebol no País da Música*, da Panda Book, Elza gravou duas músicas que de certa forma contam sua trajetória amorosa: *Eu sou a outra*, de Ricardo Galeno, e *Amor Impossível*, de João Roberto Kelly. O craque, também, também relevou seu lado musical, Elza gravou dois sambas escritos por Mané Garrincha: *Receita de balanço* e *Pé redondo*. Beto Xavier traz, em sua obra, a letra do primeiro samba feita pelo jogador:

“Receita de balanço é de fato um belo samba”. Simples e dinâmico, que faz justiça ao título: Vamos balançar

Cantando
Vamos balançar
Sambando
Vamos Balançar
E deixando a tristeza da vida pra lá” (p.156)

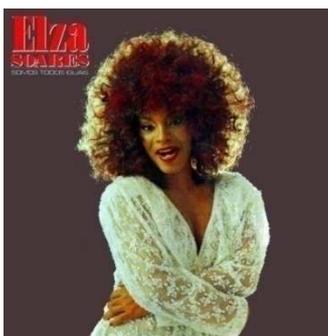
A cantora pagou um alto preço por seu amor a Garrincha: a vendagem de seus discos caiu drasticamente, shows eram cancelados por questões de segurança, ninguém a contratava. Além disso, o *Anjo das Pernas Tortas* (como foi chamado por Vinícius de Moraes) enfrentou as ameaças por parte do Botafogo que não aceitava seu relacionamento e muitos problemas com dinheiro, durante as várias tentativas de retornar ao seu melhor futebol. Tiveram um filho: Manuel Garrincha dos Santos Júnior. Mas nem o bebê pode mantê-los juntos. No dia 30 de agosto de 1977, transtornado pela bebida, Garrincha agrediu Elza e ela o abandonou. Essa não era a primeira briga dos dois por causa do álcool, mas seria a última. Garrincha, o craque das pernas tortas, que passou por zagueiros do mundo inteiro, não conseguiu driblar o vício da bebida. E em 1983, o jogador morreu em decorrência do alcoolismo. Em 1986, outra tragédia em sua vida: Seu filho morreu em um acidente de carro aos nove anos de idade, ao ir visitar o túmulo do pai em Magé. Ela não aguentou a perda desse filho, estava derrotada, pensava em acabar com sua vida, até que saiu do Brasil e ficaram nove anos morando fora, fazendo turnês com shows na Europa e EUA.

Figura 56



Fonte-http://mlb-s1-p.mlstatic.com/13921-MLB3083063584_082012-Y.jpg
1980- Elza Negra, Negra Elza

Figura 57



Fonte-
http://2.bp.blogspot.com/_hR4uppZy3gw/TL2DweikBAI/AAAAAAAAARio/y6hczzyIplg/s1600/ElzaSoaresSomosTodosIguais.jpg
1985- Somos Todos Iguais

Cabelos devidamente guardados por um turbante na Figura 56. Muito bem maquiada, lábios bem delineados com batom vermelho. Nariz afilado.

Seu olhar me remete a uma etnia oriental e cada vez mais este traço se destaca, com acentuada marcação nas sobrancelhas. Pinta no lábio com destaque em negro.

Imagem muito mais ousada na figura 57, descontraída, magra. Cabelos *Black Power* com evidente destaque e volumoso. Pele com cor preservada, muito bem maquiada. Olhos marcantes e puxados. Sobrancelhas elevadas e bem demarcadas. Nariz afilado. Sempre impecavelmente bela. Vivía um novo momento em sua vida, com um novo namorado Glaucus Xavier, jovem saxofonista. O disco seria lançado pela Som Livre. Ela gravou salsa, bossa nova, blues, jazz e samba.

2.3. Passagem do mito através da mídia

Na opinião de muitos, principalmente daqueles que viveram os revolucionários anos 60, a chegada dos anos 80 segundo (BRANDÃO; DUARTE, 1990, p. 95, 99) acabou confirmando as tendências conservadoras e consumistas desencadeadas pela indústria cultural na década anterior.

Entretanto, não podemos deixar de reconhecer que, apesar do consumismo e dos discursos conservadores, o jovem da década de 80 continuou a levantar e a definir algumas bandeiras significativas como, por exemplo, a preservação do meio ambiente e o desarmamento nuclear.

Na área cultural, principalmente em relação à música e ao cinema, a tecnologia se fez devido ao próprio processo de informatização vivido pela sociedade durante os anos 80, tornando possível a reciclagem de estilos e linguagens das décadas anteriores. Essa informatização e reciclagem, no entanto, não possibilitaram o surgimento de novos movimentos contraculturais, o que evidencia a tendência conservadora da década.

O avanço tecnológico das sociedades pós-industriais e de certos bolsões industrializados (como São Paulo, Rio de Janeiro, Cidade do México) de países periféricos está influenciando, cada vez mais, a população desses centros urbanos.

É inegável que hoje a tecnologia atinge os mais variados campos do conhecimento humano, coma utilização de computadores na medicina, no

sistema financeiro, nos transportes e nas telecomunicações. Dessa forma, criou-se uma cultura cosmopolita fortemente influenciada por esse e outros avanços tecnológicos que acabariam atingindo a juventude no seu modo de produzir e consumir cultura, em particular no campo da música.

Quando o rock´in roll surgiu, os instrumentos elétricos já existiam. Porém, foi com esse novo ritmo que os aparelhos eletrônicos se desenvolveram, principalmente com a informatização dos instrumentos musicais.

Nos anos 80, o desenvolvimento tecnológico acabou permitindo uma reciclagem de ritmos do passado pela criação de “instrumentos computadorizados” – seqüenciadores, samplers e MIDIs -, que gravam, armazenam e inventam qualquer som desejado. Com isso, tais “instrumentos” possibilitaram aos músicos criar e recriar qualquer tipo de linguagem musical, como também, se apropriar de qualquer trecho de músicas já editadas.

A “música negra” (*Black Music*), valendo-se também das novas tecnologias, acabou expandindo o seu raio de influência no cenário da música pop da década de 80, com a revitalização de ritmos como o *funk* (onde o maior exemplo é o cantor e compositor Prince e o reggae com cantores e bandas como Yellowmen, Alpha Blondy, UB 40). Surge também o *hip hop – funk* eletrônico com ênfase em efeitos de gravação (como o África Banbataa, Mantronix, Run DMC, Kurtis Blow, Public Enemy, entre outros). Mas foi a redescoberta do som africano pelo mercado mundial, em meados da década, que possibilitou à música negra abrir novos caminhos para a música jovem.

No mundo da arte, segundo (BRANDÃO; DUARTE, 1990, p. 102), a tecnologia não só se fez presente no campo da música, mas também nas artes plásticas, na vídeo arte, na arte computadorizada.

Com relação à música popular brasileira, no transcorrer da década de 80, viveu principalmente do aparecimento de novos e geralmente meteóricos grupos de música jovem, devido, em parte, à queda de produção, tanto em criatividade quanto em qualidade, da maioria dos astros consagrados de nossa música, perdendo parte de sua identificação com o público jovem brasileiro. Chico Buarque, Milton Nascimento, Gilberto Gil, Caetano Veloso, entre outros, ao que parece, só produziam e inovavam sob o regime de restrição pública.

No entanto, cabe registrar que os novos ritmos africanos atingiram também o Brasil e, de certa forma, acabaram influenciando alguns desses nomes como Gilberto Gil, Caetano Veloso, Djavan, Martinho da Vila, Jorge Bem, Luiz Melodia e outros. Mas foi com os grupos baianos (Gerônimo, Olodum, Araketu, Banda Reflexu's, Chiclete com Banana) que os modernos ritmos africanos se fizeram mais presentes, misturados aos ritmos caribenhos e brasileiros.

O início da década de 80 marcava a estreia de Elza na CBS, com o lançamento do LP *Elza Negra, Negra Elza* figura 40. Casada com Gérson Alves, cantor, compositor e produtor desde 1974, após separação de Garrincha. Intermediou desde então a carreira de Elza e passou a figurar como incógnita na vida dela. Segundo a cantora ele planejava viver à sua sombra, aproveitar o seu prestígio. Certa noite, ao voltar pra casa, já muito tarde, não encontrou a *baby sitter* e muito menos Gérson. Desapareceram, deixando a criança sozinha. Elza se sentiu infeliz e desamparada. No dia seguinte, falando a uma repórter, na Tapeçar, sobre o LP *Pilão + Raça = Elza*, que terminou sendo um fracasso, disse:

“Quem não tem intimidade com a derrota não vive. Há momentos na vida em que você precisa se perder para se encontrar. Ao deixar Mané eu me perdi e estou tentando me achar. A ferida que tenho no peito é recente e dói. Pensei que, ao lado de Gérson, poderia sofrer menos. Mas é como dizia mamãe: não se deve trocar o velho amor pelo novo. Eu precisei arriscar e não me arrependo. Quando entender que é melhor viver sozinha do que mal acompanhada, seguirei o ditado popular. Seja como for, viverei para meu filho. Farei o possível para que seja a criança mais feliz do mundo e tão alegre quanto o pai”. (LOUZEIRO, 1997, p. 279).

O LP *Elza Negra, Negra Elza* circulou, tendo relativa aceitação. Gérson começou a insistir com as entrevistas que ele próprio arranjava, muitas vezes em radiozinhos lá muito longe, fora do centro do Rio e que, pela estrutura que apresentavam, mais pareciam serviços de alto-falantes. Muitos desentendimentos aconteceram que culminou com a separação de Gérson e temendo represálias, Elza começou a pensar na viagem aos Estados Unidos que planejava fazer por um ano, começando por Miami, depois Nova York e

Chicago. Neste período Elza encontrou Garrincha e comentou com ele que poderiam junto ir à Miami, pois lá havia uma clínica que operava milagres em matéria de tratamento de alcoólatras. Mané demonstrou interesse, mas argumentou estar em absoluta miséria. Elza estava disposta a reconciliar-se e sonhando com a possibilidade de Garrincha ter uma vida fora do Brasil e que pudessem ficar juntos nos Estados Unidos, conseguiria trabalho no Japão ou Canadá. Mané se livraria do alcoolismo. Poderia ser instrutor de futebol em qualquer lugar do mundo. Quem não o conhecia? Reabriu o samburá de fantasias, imaginou o mito recuperado, o rosto desinchado, as mãos sem tremer. Foi para a sala de espera, a voz de uma jovem, no alto-falante, lembrando que se tratava da última chamada. Disse adeus, sem saber que se tratava da despedida definitiva. Garrincha morreu na Casa de Saúde Dr. Eiras, às 6 horas do dia 20 de janeiro de 1983. (LOUZEIRO, 1997, p. 284).

Foi lento o surgimento de Elza Soares. No dia 21 de janeiro de 1985, preparava-se para uma série de pequenos shows na elegante casa noturna de São Paulo Radar Tantã. A volta tornou-se possível porque, no final de 1984, quase em desespero, decidira procurar Caetano, que estava hospedado no Hotel São Paulo, enfrentando olhares desconfiados dos porteiros. Parecia uma tiete à caça de autógrafo. Quando o encontro aconteceu, reverteu a expectativa do pessoal do hotel e até mesmo do secretário do cantor-compositor. Declarou-se assexuada, já não sentia emoção por nada, nem pelo palco. A resposta do amigo serviu para que parasse e pensasse: - Seu vestido é lindo!

Depois, chamou-a de exagero de talento, o nome do espetáculo que fazia na Tantã, e convidou-a para um trabalho conjunto. Semanas mais tarde, recebeu um recado: “Caetano quer falar com você”. E o que ele queria? Sua participação em uma das faixas do seu disco intitulado *Velô*. Após ter ouvido *Língua* apenas duas vezes, Elza entrou no estúdio. E adorou a experiência.

O ano de 1985 parecia marcar uma nova fase de Elza Soares. O nome de Elza passou a circular novamente na mídia e, em pouco tempo, sua agenda estava repleta de compromissos.

Retomando as questões do corpo e a mídia na vida de Elza Soares. O recorte temático aqui é abordar o corpo e suas transformações ao longo do

tempo e como nós percebemos midiaticamente estas modificações e como isto pode gerar produto de consumo.

Pensando um pouco na tirania da aparência o que se espera de um corpo e em especial de um corpo feminino. Podemos ter uma concepção de corpo que talvez não caiba a nenhum de nós vistos como não midiáticos. Esta tirania da aparência é uma constante em todas as mídias.

Então que se espera de um corpo e em especial o feminino? Que ele seja belo, mas não somente um corpo jovem, magro, sarado, saudável, ou seja, ele tem que ter todo um conjunto de atributos e, para alguns, ser rica, feliz, sedutora e erotizada. O que podemos destacar que a imagem projetada midiaticamente deixa de ser real para ser imagética.

Segundo Kellner (2001, p. 299-300) um exemplo a ser destacado, no quesito beleza, moda e cosméticos referidos no filme *Uma linda mulher (Pretty Woman)* põe em cena o papel fundamental da imagem na construção da identidade nas sociedades contemporâneas. Uma prostituta saída da classe operária (interpretada por Julia Roberts) fica conhecendo um príncipe encantado executivo (interpretado por Richard Gere) e transforma-se: de deselegante mulher de rua a ser uma elegantíssima beldade. O filme ilustra o processo de autotransformação através da moda, dos cosméticos, da dicção e do de ser, bem como o grau de mediação da identidade pela imagem e pela aparência na cultura contemporânea. O resultado da transformação da personagem de Roberts é, portanto, uma nova personalidade, uma nova identidade, o que capacita a prender o seu homem e a tornar-se um sucesso no mercado da imagem como identidade. A mensagem do filme, portanto, é que quem quiser transformar-se em novo eu, transformar a própria identidade, ser bem sucedido, precisará dar atenção à imagem, à aparência, à moda.

Retomando os estudos sobre Elza Soares no quesito imagem o que fica muito claro é que embora houvesse um cuidado especial com relação à sua imagem, Elza Soares não se valia dela para despontar, não era um recurso de que se valia para se destacar midiaticamente. O que ressaltado é como as pessoas viam a cantora e, frequentemente, as comparações aconteciam, porém costumavam dizer que “Elza é a Billie Holiday brasileira” (LOUZEIRO,

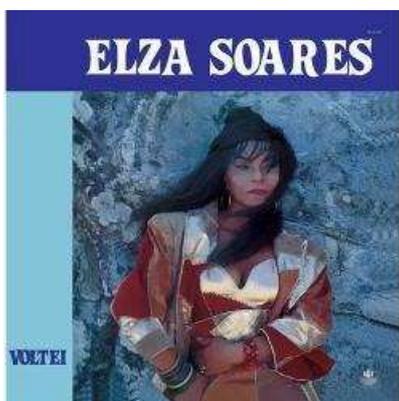
1997, p. 311), não pela sua imagem e sim pela sua voz. Acho que está mais próxima da Lena Horne, mulher de palco. Ainda como destaque “Elza expressava a coisa rasgada, quente, furiosamente autêntica, muitas vezes até chocante”.

Segundo Roberto Moura, crítico e musicólogo, “Elza Soares talvez seja uma das três maiores estilistas da música brasileira, e eu uso a palavra estilista, propositalmente, para definir uma pessoa que criou sua própria marca. Existe a intérprete da voz pura, da nota muito bem colocada, alguma coisa no padrão de uma Ângela Maria ou Elis Regina, mas há, ao lado dessas intérpretes, a estilista, não necessariamente apolínea, não necessariamente bonita na forma, mas que se torna tocante pela originalidade como recurso” (LOUZEIRO, 1997, p. 320).

É de impressionar tal comentário:

“Cantando, é como se Elza fizesse uma grande catarse. Quando entra no palco, deixa atrás das cortinas toda aquela vida sofrida, todo aquele carma. Sinceramente, por mais que me esforce, não sei que força interior encontra para operar essa transmutação. Trata-se de um dado impressionante. É bem provável que seja seu mecanismo de defesa. Se levasse suas dores e sua agonia pessoal para o palco, talvez não suportasse. Então, o próprio organismo, com muita sabedoria, encontrou essa saída pelo lado artístico”. (LOUZEIRO, 1997, p. 321)

Figura 58



Fonte-http://mlb-s1-p.mlstatic.com/cd-elza-soares-pilo-raca-elza-voltei-2-em-1-14421-MLB3073832355_082012-O.jpg
1988- Voltei

Figura 59



Fonte-<http://lulacerda.ig.com.br/wp-content/gallery/exposicao-cristina-granato/22-a-039-elza-soares-e-jair-rodrigues-grav-disco-casa-de-samba-gravd-polygram-marco-1996.jpg>
ao lado de Jair Rodrigues



Esta imagem marca volta de Elza Soares aos palcos juntamente com Caetano Veloso e retomada da sua vida após tantos momentos difíceis.

Fonte:

<http://memoriaglobo.globo.com/lumis/portal/file/fileDownload.jsp?fileId=8A70B4943F5790E6013F5D407B8242A4&transform=globoGalleryFull&inline=1>

1986- Grava com Caetano Veloso a música intitulada *Língua*.

Cabelos lisos com evidente destaque oriental figura 58. Pele com cor preservada, muito bem maquiada. Olhos marcantes e puxados. Sobrancelhas elevadas e bem demarcadas. Nariz afilado.

Na Figura 59 os cabelos penteados e enrolados de modo bem natural. Pele com cor preservada, muito bem maquiada.

Olhos marcantes e puxados. Sobrancelhas elevadas e bem demarcadas. Nariz afilado. Sorriso e dentes perfeitos. Aqui ainda não destaco nenhum ato cirúrgico significativo. Ao lado do cantor Jair Rodrigues.²¹

²¹Nascido em Igarapava, o cantor foi criado no município de Nova Europa, também interior paulista. Durante a juventude, teve várias profissões, entre as quais engraxate, mecânico e pedreiro, até participar de um programa de calouros da Rádio Cultura e se classificar em primeiro lugar. A carreira musical de Jair Rodrigues começou quando ele se tornou *crooner* no meio dos anos 50 na cidade de São Carlos, lá chegando em 1954 e participando da noite são-carlense, que era intensa na época, também com participações na Rádio São Carlos como calouro e com apresentações, vivendo intensamente nessa cidade até o fim da década. Em 1958 Jair Rodrigues prestou o serviço militar no Tiro de Guerra de São Carlos, como Soldado Atirador nº 134, que na época era denominado TG 02-043.

No início da década de 60, ele foi tentar o sucesso na capital do estado e acabou por participar de programas de calouros na televisão. Em 1965, Elis Regina e Jair Rodrigues fizeram muito sucesso com sua parceria em *O Fino da Bossa*, programa da TV Record.

Em 1966, o cantor participou e venceu o Festival da Canção de 1966 com a canção *Disparada*, de Geraldo Vandré e Théo de Barros, empatando com a música "A Banda", de Chico Buarque. Conhecido por cantar sambas, Jair surpreendeu o público com uma linda interpretação da canção. *Disparada*. A partir daquele momento, sua carreira decolou e seu talento assegurou décadas de sucesso ao cantor. Nesse período, o artista realizou turnês por Europa, Estados Unidos e Japão.

Em 1971, gravou o samba-enredo *Festa para um Rei Negro*, da Acadêmicos do Salgueiro, do Rio de Janeiro. Jair interpretou ainda sucessos sertanejos como *O Menino da Porteira*, *Boi da Cara Preta* e *Majestade o Sabiá*. Nas décadas seguintes, sua produção diminuiu de volume. Entretanto, Jair Rodrigues continuaria conhecido por sua grande energia e sua alegria contagiante.

Jair Rodrigues morreu repentinamente no dia 8 de maio de 2014 na sauna de sua casa, em Cotia, na Grande São Paulo em decorrência de um infarto agudo do miocárdio. O cantor era casado com Claudine Mello, com quem teve os filhos Jair Oliveira e Luciana Mello, ambos cantores. O corpo do cantor foi sepultado no dia 9 de maio de 2014 no Cemitério Getsêmani em São Paulo.

O final da década de 80 foi de grande sofrimento para Elza Soares, que passou a cantar no ritmo da saudade e da dor: do filho que se foi, de Mané que virou lembrança.

Os anos 90 quem dá o tom são as *top-models*. Segundo FAUX (2000, p. 204, 210) sobre uma frase famosa da modelo profissional Linda Evangelista: “Não saio da cama por menos de 60 mil francos”. Belas, ricas e célebres, Cindy Crawford, Stéphanie Seymour, Tatjana Patitz e Naomi Campbell são as deusas do início da década. Agitam uma época que as estrelas de cinema não fazem mais sonhar. Em seu filme *Top-models*, o fotógrafo Peter Lindbergh immortaliza as divas, com imagens sépia de glamour muito hollywoodiano. As mudanças visuais de Linda Evangelista alimentam a crônica, ela oscila entre louro e o ruivo, o corte *garçonne* e os cabelos de sereia, com uma velocidade espantosa. Nos jornais, as modelos passam das páginas de moda para a coluna social. Sabe-se tudo sobre elas.

Mas Kate Moss, a nova sensação das passarelas, anuncia uma mudança de época. Menos cintilante, mais decadente... Lolita magricela, suas formas nascentes e seu rosto de criança perdida despertam u desejo confuso. Com seus 44 quilos e 1,70 m de altura, subverte os cânones da beleza. A tendência provoca escândalo. Atrás de Kate, emerge uma geração de modelos magérrimas.

Essas garotas-palito combinam perfeitamente com a tendência *grunge*²² que ocupa o primeiro plano do cenário musical. Não adotam a maquiagem escorrida e os cabelos sujos de Courtney Love, mas todas usam uma tatuagem, novo emblema da feminilidade. As mais lúdicas mandam gravar uma borboleta ou uma joaninha no ombro ou na curva dos quadris. As mais radicais como a manequim Eve, raspam a cabeça para deixar aparecer melhor o dragão tatuado no crânio. Em breve será a moda das tatuagens removíveis, com desenhos de hena nas mãos e nos pés, decalques para a pele, apliques indianos colados ao longo das sobrancelhas, como fazem Madonna ou Gwen Stefani, a cantora de *No Doubt*.

²²Grunge (às vezes chamado de Seattle Sound ou Som de Seattle) é um subgênero do rock alternativo que surgiu no final da década de 1980 no estado americano de Washington, principalmente em Seattle, inspirado pelo hardcore punk, pelo heavy metal e pelo indie rock. As letras das bandas nomeadas grunge geralmente caracterizam-se por altas doses de angústia e sarcasmo, entrando em temas como alienação social, apatia, confinamento e desejo de liberdade. A estética grunge é despojada em comparação a outras formas de rock, e muitos músicos grunges se destacaram por sua aparência desleixada e por rejeitarem a teatralidade em suas performances. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Grunge> Acesso: 17/02/2015 16h37min.

A moda é lúdica e étnica. De Estée Lauder a Agnès B., todas as marcas oferecem decalques. Decora-se e enfeita-se a pele. O corpo torna-se um novo campo de expressão. A ponto de submeter-se ao uso do *piercing*. De Londres a Paris, passando pelas praias de Goa, onde dançam milhares de *ravers*, a geração *tecno* manda perfurar a língua, o nariz, o umbigo ou o supercílio.

A globalização está em marcha. Graças à internet e aos avanços dos meios comunicação, os efeitos da moda desconhecem fronteiras e diferenças culturais.

Cada vez mais os maquiadores deste período passam horas para realizar essa beleza do quase nada. Para entendê-lo, as revistas enviam seus repórteres às cabines, esses novos laboratórios da beleza. A moda está na moda, os maquiadores e os cabeleireiros tornam-se estrelas como haviam sido os estilistas. Aliás, dez anos depois da linha MAC, os *make-up artists* François Nars ou Bobbi Brown lançam suas próprias linhas de cosméticos. Embalagem despojada, portanto ultra profissional. Eficácia máxima.

Mas, se a maquiagem quer se fazer esquecer, a cosmetologia é cada vez mais eficiente. Em apenas quinze anos, passou da pré-história à tecnologia de ponta. Das linhas mais sofisticadas, Lancôme, Clinique, Estée Lauder, YSL, Chanel, Dior, às mais acessíveis, como L'Oréal de Paris, voa-se de progresso em progresso. Como Avène e seu Ysthéal, o mundo inteiro lança-se à vitamina A ácida e ao retinol, temível arma contra a idade. Nos passos de Estée Lauder e de seu famoso Fruitition, explora-se a ação exfoliadora dos ácidos de frutas AHA, acertando o passo com a Clarins, primeira a utilizar, em 1990, um complexo antipoluição. Em 1995, consegue-se finalmente estabilizar a vitamina C num creme da Helena Rubinstein parece como a pioneira com seu Force C.

Ressaltar também o sinal dos tempos: a aeróbica deu lugar à ioga. O *jogging* é ultrapassado pelas massagens shiatsu e pela reflexologia. Destaco também a voga da thalassoterapia (terapia que se beneficia do clima marítimo, bem como da água do mar e da areia embebida por ela).

Corporalmente nesse meio tempo, bocas e seios diminuem, as estrelas confessam cada vez mais seus *liftings* e suas injeções de colágeno. O *peeling*, o alisamento ou o *feeling* tornam-se quase produtos para o conforto da pele. Os filósofos se debruçam sobre o fenômeno e falam do “dever de ser jovem”.

Os médicos dizem que suas pacientes querem aparentar a idade que sentem ter. E todos se perguntam se o terceiro milênio será o da juventude eterna.

Durante o século XX, as mulheres obtiveram maior ascensão social, poder de decisão, enriquecimento e autonomia com relação aos seus desejos e atividades profissionais (SCHWARTZ, 2013). Compreenderam a necessidade de se empoderar, para obter liberdade, no tocante a conquista do que desejam para as suas vidas. Desejos são manifestações que refletem as construções históricas, culturais e mentais dos indivíduos em sociedade. Estão sempre em movimento, modificando-se e mantendo características do passado no presente.

Na década de 90, procurava-se compreender, as interferências da cultura e das mentalidades nas construções de feminino e do masculino no decorrer da história. Perceber as continuidades e descontinuidades no tempo presente, ou seja, a estrutura que permanece na “longa duração” da história até a contemporaneidade e as relações de poder implícitas e explícitas na vida cotidiana. O poder disseminado como prática social constante e pulverizado na sociedade em esferas de exercício, por (SOUZA, SABATINE, MAGALHÃES, 2011). Feminilidade e a masculinidade são elementos indissociáveis, que se constroem como antagônicos e complementares.

O século XX, marcado por grandes transformações tecnológicas e mentais, propiciou essas novas possibilidades de vida para as mulheres e a criação de organizações institucionais de âmbito nacional e internacional que ajudaram as mulheres em suas conquistas e direitos. A década de 90 foi palco de mudanças significativas na política de comércio exterior brasileira. O período se caracterizou por um processo de abertura comercial abrangente, que se iniciou no governo Collor e se estendeu até o governo Fernando Henrique. A integração comercial brasileira vem ocorrendo no contexto de uma nova ordem mundial, a globalização, baseada nos moldes do chamado “Novo Regionalismo”²³,

²³Novo Regionalismo- O mundo em que vivemos está regionalizado. Com o mercado interno da União Europeia (UE), o NAFTA (North America Free Trade Agreement), a APEC (Asia-Pacific Economic Cooperation), ou o MERCOSUR (Southern Common Market), para nomear apenas alguns, a economia política global está dividida em regiões.[1] E é aqui que entra o fenômeno que se denominou de “novo

regionalismo”, um fenômeno que ainda se está a desenvolver e que começou a emergir em meados da década de 80, em contraste com o “velho regionalismo” que começou na década de 50 e foi desvanecendo na década de 70.[2] É importante notar que o “velho regionalismo” tem que ser encarado à luz de um contexto específico marcado pela bipolaridade do período da Guerra Fria. <http://rascunhosdomundo.blogspot.com.br/2012/12/novo-regionalismo.html> Acesso: 17/02/2015 10h39min

que se caracteriza principalmente pela integração de países através de acordos bilaterais e multilaterais (zonas de livre comércio, uniões aduaneiras e mercados comuns).

A volta a democracia trouxe consigo a liberdade de expressão e o direito de contestar publicamente o governo vigente. Exemplo disto foram as manifestações que pediam impeachment do então presidente Fernando Collor de Mello, 1992. A partir dos governos de Fernando Henrique Cardoso, percebe-se que houve a consolidação dos direitos democráticos e a estatização política brasileira.

Na economia, muito embora até o governo Collor tenhamos vivido momentos de alta instabilidade com inflação galopante e, sucessivos planos econômicos fracassados (cujo objetivo era a estabilização) segundo (MOURA, 1990, p. 50-58), em 1994, com o plano Real o cenário mudou. A instalação desse novo plano estabeleceu um panorama marcado pela estabilização inflacionária, cujos reflexos permitiriam à população brasileira aumentar seu poder de compra, gerando, assim, uma sensação de bem estar.

Dessa forma, conclui-se que a década de 90 foi marcada por um processo de estabilização da democracia e da economia no Brasil. Diferentemente do período precedente, as condições que se apresentavam à população no âmbito político-econômico não ofereciam a estas motivações de contestação. Os protestos foram substituídos por uma passividade política decorrente da tranquilidade deste momento histórico; as dificuldades continuaram a existir, porém as liberdades democráticas estavam garantidas.

Confúcio (filósofo chinês e músico, que viveu entre 551-479 a.C.), já destacava que para se saber como um povo está sendo governado é preciso conhecer sua música. Da mesma forma Helena Bomeny, atesta o papel da música enquanto “expressão maior e mais pura da manifestação da cultura”. Além disso, a música demonstra-se capaz de ser um elemento formador de nossa identidade enquanto nação, grupo ou povo.

A partir da década de 90, verificamos uma pluralidade musical compatível com as “múltiplas identidades brasileiras veiculadas pelos meios de comunicação” segundo (SANDRONI, 2004, p.31).

Cobra-se muito da década de 90 uma música típica da MPB dos anos 70, com temas de protesto, engajada politicamente, em contraponto ao “lixo musical” desta década: axé, pagode, rap. Criticada por sua superficialidade, não se percebe que esta é reflexo de seu momento político, caracterizado por uma situação de afirmação das liberdades individuais e da democracia. No único momento na década de 90, em que houve oportunidade de mobilização política de massa – Impeachment do Presidente Fernando Collor de Mello, no ano de 1992 – esta acontece. Expressão disto é a música In(dig)nação da banda Skank, ainda em processo de emergência neste período, que foi apropriada como hino das manifestações pró-impeachment e da campanha do candidato à prefeitura de Belo Horizonte, Patrus Ananias (PT) segundo BARROS em seu artigo²⁴. Esta canção fala sobre a inação do povo brasileiro frente às injustiças, sendo uma crítica à passividade da sociedade. Entretanto foi utilizada em sentido contrário, ao invés, de uma “indigna inação”, toma o sentido de “indignação” ou de “indigna nação”.

A presença de multinacionais é outro fator que contribui para a fragmentação da música dos anos 90, devido a sua intensa atuação nas tendências do mercado fonográfico brasileiro. Essas multinacionais (como a Sony, BMG, Warner, Universal e Emi), a fim de impor o pop/rock internacional e vendo na música brasileira, marcado por sua extrema qualidade, um perigo para consolidação de seu objetivo, passa a investir na chamada música de má qualidade. Trata-se de uma estratégia mercadológica, pois, como na década de 70 não foram felizes na tentativa de estabelecer a hegemonia do pop internacional, perdendo com isto muito dinheiro, posteriormente “*foram criando os monstrinhos sustentados pelo jabá*”, fragmentando a música e pagando jabá para os meios de comunicação tocarem-nas até a exaustão. Isso tudo sendo possibilitado pelas vantagens fiscais da União, isentando Warner, EMI, BMG, Sony e Universal de uma quantia significativa de ICMS. Ou seja, o problema não estava no retorno financeiro que traria a música brasileira, e sim a barreira que esta trazia à hegemonia do pop/rock segundo Torres em seu livro “A pirataria de CDs e o flagelo do jabá”.

²⁴BARROS, Cleyton Souza de Barros; DORNELAS, Juliana Gomes; SILVA, Maíra Carvalho Carneiro. O artigo visa estabelecer uma breve análise da música brasileira nos anos 90, enfocando mercado fonográfico, e tentando apreender o motivo desta década ser considerada de baixa qualidade musical para a música nacional. Por entre Fragmentações e Resistências: A Música Brasileira nos Anos 90. <http://www.ufjf.br/virtu/files/2010/03/artigo-1ª8.pdf> . Acesso: 18/02/2015.

Dessa forma o mercado fonográfico assumiu a sua nuance de segmentação. Graças às estratégias de marketing utilizadas pelas empresas fonográficas, a música dita de “má qualidade” chega a ponto de saturar os nossos meios de comunicação, através da superexposição nos programas populares televisivos (principalmente Planeta Xuxa, Faustão e Domingo Legal), assim como nas emissoras de rádio.

Como podemos perceber a partir de todo este cenário, a década de 90 é marcada por uma multiplicidade musical, que abarca desde Tiririca e É o Tchan, Marisa Monte e Nação Zumbi. Este quadro reflete a sociedade em suas diversas instâncias, o que possibilitou uma variedade de gostos musicais e uma liberdade de se poder escolher qualquer um destes, independente de sua classe social ou tendência ideológica.

Ao longo da década podemos destacar diferentes estilos musicais desde o Axé Music, Bandas como Araketu, Banda Eva, Banda Beijo. Em 1995 desponta a “*bunda music*”, esta categoria é marcada por letras libidinosas, de duplo sentido, que cultuavam a sensualidade e a estética corporal. O pagode teve seu momento de auge, na década de 90, sendo uma adaptação do samba de raiz ao pop, incorporando neste, novas características em relação ao tradicional samba, novos integrantes, usando roupa da moda, com coreografias especiais e podemos relacionar os seguintes grupos: Katinguelê, Só para Contrariar, Raça Negra, Negritude Jr., dentre outros. Com letras fáceis, românticas, invadiram a mídia. Na segunda metade da década, há uma volta do samba de raiz (que havia dado origem ao pagode), com Zeca pagodinho, Dudu Nobre, Martinho da Vila, Beth Carvalho, Jorge Aragão, que descobriram a Velha Guarda da mangueira, e outros nomes do chamado “puro sangue”.²⁵

O sertanejo tem suas raízes vinculadas a música caipira do interior de Goiás, Sul de Minas, estado de São Paulo e sudeste do Mato Grosso do Sul, característico de pequenos sítiantes. Eram músicas que contavam histórias

e/ou eventos do cotidiano. A partir do momento que a música caipira entrou no mercado, começou a sofrer modificações.

²⁵ ESSINGER, Sílvio. Pagode. Disponível em www.cliquemusic.com.br Acesso: 19/02/2015

Na década de 90 a música sertaneja passa a incorporar os elementos da música urbana de massa e as exigências fonográficas, se caracterizando por suas temáticas românticas e melodramáticas, com seus cantores vestidos com roupas de grife, utilizando-se não mais da viola, mas de instrumentos eletrônicos, teclados, contra baixo elétrico, se aproximando das baladas românticas da jovem guarda e da *Country Music*. Como expoentes, destacamos: Chitãozinho e Xororó, Leandro e Leonardo, Zezé de Camargo e Luciano, dentre outros. Este estilo foi caracterizado como “sertanejo pop”, “sertanejo romântico”, ou “neo sertanejo”, que foi modernizado a fim de garantir a vendagem de seus discos.²⁶

Retomando os estudos de imagens de Elza Soares e sobre o corpo na mídia destaco uma reflexão feita pelo filósofo (GIL, 2000):

“Que corpo podemos nós ter hoje? Que corpo “natural”, humano, para uma alma que se tornou completamente artificial, antinatural, destruidora da natureza? Pomos à prova os limites da nossa “naturalidade”, procuramos pontos de referência por parte e é por isso que acolhemos todas as espécies de monstros”. (2000, p. 169).

A sociedade contemporânea tem sido marcada como uma era em que o consumismo dita modas e comportamentos. Dita como devemos nos vestir, maquiar, o quão belas (os) devemos ser e estar.

Como demonstra (MORENO, 2008, p. 29, 30 e 31), sobre a influência da mídia na beleza diz: “Já o século XX, traz a necessidade de unificar os gostos e padrões, para dar vazão à nova forma de produção”. A mídia vem ao encontro dessa nova necessidade, pasteurizando e propagandeando modelos, produtos e estilos e vida. O cinema leva aos quatro cantos do mundo o *American Way of life*, transformando no modelo a que todos aspiram.

²⁶ ZAN, José Roberto. Territorialização e novos hibridismos na música sertaneja. Anais do V Congresso latino-americano da Associação Internacional para o Estudo da Música popular. Disponível em: www.hist.puc.cl/historia/iaspmla.html. Acesso: 19/02/2015

A beleza não escapa da mesma lógica. Os rostos ampliados na tela do cinema, livres de qualquer imperfeição, elevam o grau de exigência da própria aparência. O loiro platinado, que ganha destaque e luminosidade nos filmes preto e branco, passa a ser o novo ideal.

É inegável a influência da mídia hoje, particularmente da TV, na transformação da subjetividade da população. Os modelos de valor, beleza, felicidade, são introjetados desde a mais tenra infância e passam a ser modelos aspiracionais. É com Frozen, Gisela Bündchen ou Anita que as meninas e mulheres querem se parecer hoje. Afinal estas personagens são referência de como a sociedade nos vê, nos quer e nos valoriza.

Assim, vamos sendo sutil e eficazmente colonizadas. Não à força, não com repressão, mas com a produção dessa infinidade de imagens que seduzem, ocupam e moldam nosso imaginário. Por um lado, a beleza deve ser individualizada, refletir o bem estar interior e a personalidade. Por outro, somos bombardeados por imagens e modelos de beleza das capas de revistas, da TV, do cinema e, lentamente invadem nosso subconsciente e vão ocupando o lugar de referência.

Em se tratando de beleza e naturalidade há um depoimento sobre Elza Soares segundo (LOUZEIRO, 1997. p. 333) que diz o seguinte: “Elza não poderia estar melhor. Acho que a juventude dela decorre de uma transparência qualquer, coisa que só os espíritas e os poetas poderiam explicar. É uma mulher espiritualizada. Um facho aceso. Luz e musicalidade. Alto-astral. Dona de uma cabeça muito forte. Ela se insere no pequeno grupo dos que nasceram para se fazer acompanhar pelas multidões”. “Para Soares, envelhecer é a pior das doenças, pois nem em sonho deseja ser ultrapassada” (LOUZEIRO, 1997. p. 372).

De volta ao Brasil, gravou em 1997 o CD *Trajatória*²⁷, só de sambas, com músicas de Zeca Pagodinho, Guinga e Aldir Blanc, Chico Buarque, Moça da Portela, Nei Lopes e outros.

Nesse mesmo ano, saiu o livro *Cantando para não enlouquecer*, biografia escrita por José Louzeiro (Editora Globo).²⁸

Figura 61



Fonte-http://mlb-s2-p.mlstatic.com/cd-elza-soares-trajetoria-1997-14405_MLB3925248278_032013-O.jpg
1997- Trajetória

²⁷"Trajetória" flagra o mesmo talento em estado bruto exibido nas últimas quase quatro décadas, de uma cantora de voz inigualável que sempre fez questão de agir como gata selvagem, maltratando cordas vocais com sublimes e agressivos vocalizes jazzísticos. A voz de Elza, ainda que atritada pelo tempo e pela fúria de cantar, reaparece vigorosa e expõe o que ninguém pode ignorar: a matriz definida por ela é referência obrigatória a qualquer cantora de raça que passe pelo Brasil. A título de exemplo, em ordem aproximadamente cronológica: sem Elza não existiriam Wanderléa, Clara Nunes, Beth Carvalho, Baby Consuelo, Lady Zu, Frenéticas, Sandra de Sá, Angela Ro Ro, Virgínia Rosa, Cássia Eller, Daúde. Elza surgiu, em 60, para conduzir o trânsito do suingue do samba e da bossa negra -que ela inventou- ao pop de qualquer cor. Por isso Baby Consuelo é a melhor tradução -branca- de Elza Soares. Por isso Fernanda Abreu, cantando "Escurinho" e gritando "fui!" em "Kátia Flávia" - requintes recolhidos da professora-, reencarna Elza nos anos 90. Mas, a quem pensasse que fossem necessárias sucessoras, eis que ela ressurgiu em "Trajetória". Se os arranjos pendem ao convencional, o CD ainda assim esbanja voz e inteligência de repertório. Passeia sôfrega por samba-exaltação ("Rio de Janeiro"), fundo de quintal ("Sinhá Mandaçaia", em dueto com Zeca Pagodinho), samba de morro ("Lá no Alto da Colina"), bossa negra ("Liberdade para Amar", co-escrita por ela), MPB (dorida leitura de "O Meu Guri", de Chico Buarque). Ainda reata laços com sua estirpe, cantando "Bom-Dia", do repertório de um de seus ídolos, Dalva de Oliveira (o outro é Angela Maria), e a delicada "Chuvvas de Verão", de Fernando Lobo. Passa de leve pela própria história, retomando "Boato", sucesso de 60. Nada supera, no entanto, os -numerosos- momentos de dor do CD. Nascem prontos para ficar na história sambas desesperados como "Trajetória" e "Estou Lhe Devendo um Sorriso". O recado é tão simples quanto radical: a MPB ainda tem espaço para a pureza, o samba vai muito bem, obrigado. Que Elza nunca mais abandone seu país, que as gravadoras nunca mais a abandonem. (PAS). <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1997/9/02/ilustrada/22.html> .Acesso 21/03/2015

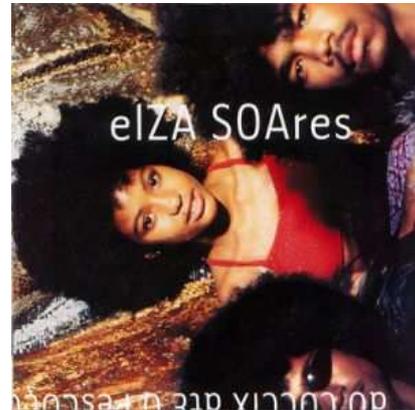
²⁸ <http://www.mpbnet.com.br/musicos/elza.soares/> Acesso: 21/03/2015 23h00min

Figura 62



Fonte-
<http://www.livrariascuritiba.com.br/Bas-eCD/7897181226618/capa.jpg>
1999- Carioca da Gema

Figura 63



Fonte-
http://3.bp.blogspot.com/_8dv0S3dnNk/TILoqYmVWPI/AAAAAACqs/wG47s07_kAw/s1600/do+coccix+at%C3%A9+o+pesco%C3%A7o.jpg
2002- Do Coccix ao Pescoço

Nas figuras 61 e 62 cabelos penteados e enrolados de modo bem natural. Pele com cor preservada, muito bem maquiada. Mantém todas as características de pele. Exuberante, sensual.

Figura 64



Fonte-2007- Abertura com o Hino Nacional na voz de Elza Soares Pan
<http://www.youtube.com/watch?v=dMIc2Tze5lk>
2007- Abertura do Pan com o Hino Nacional na voz de Elza Soares

Figura 65



Fonte-http://1.bp.blogspot.com/-BhNFyhMQ7v4/Ta0c4_QGRbl/AAAAAq8/u-ggZf_AjOE/s400/beba-me.JPG
2008- Beba-me ao vivo

Nas Figuras 62, 64 e 65 Elza Soares mantém todos os traços como nas imagens anteriores, ressaltando somente que na Figura 64 um semblante com aspectos da face mais arredondada e imagem plenamente midiaticizada, o que me remeteria a pensar em algum procedimento do tipo preenchimento. Já na figura 63 a cantora preferiu fazer uso de imagem quando ainda jovem.

Segundo (VIGIDAL, 2014) em Esquina Musical destaca:

“Você já ouviu a voz que toma corpo? Da favela vem magra, faminta, intacta e assim permanece. Carrega a cabeça uma lata d’água e nas mãos uma prece, que se estende aos quadris da mulata assanhada, sobe pelas paredes. E alcança no céu um Ary Barroso e um Louis Armstrong. É a mistura sem jeito, sem tato, aos barrancos, mancando ao sapato um tamanco de barro, suor e pilão. Chame de bossa negra, suingue, jazz, funk ou samba na avenida. Ela apenas destila o que chama de corpo é a voz que arrepiá: Elza Soares da vida, patrimônio mal resolvido num país de descidas, sucata e música aborígene” <http://www.esquinamusical.com.br/elza-soares-voz-que-toma-corpo/> Acesso: 21/03/2015 00h30min.

Frente a estes depoimentos quero refletir segundo uma análise dos elementos rituais na intenção social, em “A elaboração da Face” de (GOFFMAN, 1980. p.76) o seguinte:

“Toda pessoa vive em um mundo de encontros sociais, que a põe em contato, seja este face a face ou mediado, com outros participantes. Em cada um desses contatos, ela tende a pôr em ação o que é, às vezes, chamando uma *linha* – isto é, um padrão de atos verbais e não verbais através dos quais expressa sua visão da situação e, através disso, sua avaliação dos participantes, especialmente de si mesma. Havendo ou não tido a intenção de fazê-lo, a pessoa acabará descobrindo ter seguido uma linha. Os outros participantes suporão que ela, mais ou menos voluntariamente, tomou uma posição, de tal forma que, para lidar com a resposta dos outros a si mesma, tal pessoa deve levar em consideração a impressão que possivelmente formaram dela”.

No caso de Elza Soares há uma singularidade e uma naturalidade expressas que fazem parte do caráter e personalidade da cantora. Nos estudos que venho fazendo ao longo deste trabalho o que percebo é um cuidado significativo com sua aparência, porém há uma liberdade na construção desta imagem que a faz ser ímpar. Não há uma preocupação com uma construção

pré-programada nem refinamento da imagem ou da autoimagem, mas sim o que me chama atenção é que Soares dá vazão ao belo corpo que possui e em especial suas belas pernas e indiscutivelmente sua voz, o que a faz ser única.

Nas figuras seguintes 66 e 67 novamente o cuidado com os cabelos, maquiagem, seu olhar são os destaques além, de sua maquiagem que de alguma forma valorizam sua negritude exuberante e marcante.

Figura 66



Figura 67



Fonte-<http://naoexistepecado.blogspot.com.br/>
2008- Beba-me ao vivo

Figura 68



Fonte-
<http://www.youtube.com/watch?v=JKdBf8mLoqM>
2009- Elza Soares Sofreu

Figura 69



Fonte-
http://www.youtube.com/watch?v=q9X_hBOyqPs
2010- Pesquisas "Elza Soares a Voz do Brasil"
(Título provisório) direção Elizabete Martins Campos.

Na figura 68 Elza Soares participa de uma entrevista da Rede Globo do Rio de Janeiro no programa “Café da Manhã” em Bom Dia Rio em 2009 com a Jornalista Ana Luiza Guimarães fala sobre uma brasileira que lutou muito para cuidar dos filhos, trabalhou muito para ser respeitada, a vida dela é marcada pelo amor a música, pelo luta contra o preconceito racial e pela capacidade de estar sempre recomeçando. Fala sobre seu casamento aos 12 anos, nove filhos e como conciliou a vida de artista e mãe. Como criança fala das brincadeiras com as pipas, bolinhas de gude, amarelinha que era a forma como brincava na realidade com suas crianças. Falou sobre seu filho João Carlos, que estava muito doente e necessitava levantar “grana” e foi cantar pela primeira vez no Programa de Ari Barroso. Fala também da primeira música que cantou e gravou que foi uma versão da música americana “*Mack the Knife*”, comenta também do seu primeiro sucesso “Se acaso você chegasse”, fala sobre o convite que teve para ser madrinha da seleção do mundo da Copa de 62 no Chile e de ter sido acompanhada por Louis Armstrong (trompetista). Comenta sobre Garrincha, seu amor por ele e a discriminação sofrida. Fala também a respeito de sua carreira, sobre altos e baixos; sobre sua vontade em desistir, pois não tinha onde cantar quis desistir da carreira, foi para São Paulo e viu através de um anúncio que Caetano Veloso faria um show, foi para o Hotel dele, bateu à sua porta e comunicou que não cantaria mais, desistindo de sua carreira, quando Caetano lhe disse não faça isso, volte para o Rio de Janeiro, pois tenho uma surpresa pra você que era o Show “Língua” (1986, figura 70) e, foi cantar com Caetano reafirmando sua bela voz no show (foi um sucesso) e Caetano lhe disse: “nunca mais pense em abandonar sua carreira”. Comenta também outro momento marcante que foi o convite para cantar o Hino Nacional nos Jogos Pan-americanos do Rio, recém-saída do hospital após uma delicada operação na coluna e teve um coro de 90.000 pessoas lhe acompanhando. Fala do agradecimento a Deus e da importância do perdão.

Figura 70



Fonte- 1986- <https://www.facebook.com/ELZASOARESoficial/photos/pb.294115957326904.-2207520000.1427752582./863792923692535/?type=1&theater>
Musical Chico & Caetano produzido pela Rede Globo- divide o palco com Caetano na música “Língua”

No Documentário “Elza Soares – A voz do Brasil” - *Documentary directed by* Izabel Jaguaribe e Ernesto Baldan ilustradas com as Figuras 69, 70 e 71 destaque: logo na abertura do documentário Elza Soares surge estourando plástico bolha, uma forma de acalmar-se como menciona em inúmeras entrevistas e, em uma sessão de acupuntura. Na entrevista menciona como começou sua carreira em seguida, a cantora acompanha a construção do carro alegórico que a levará no carnaval do Rio de Janeiro e momentos de parceria em show com Sr. Jorge.

Segundo (JAGUARIBE, BALDAN, 2009) citam na página da Petrobrás em Projetos patrocinados o seguinte:

“A soberania de um país se faz pela cultura. No Brasil a música popular se sobressai e há muito conquistou o mundo. No cenário da MPB, é impossível não se lembrar de Elza Soares. Além de sua voz marcante e o talento para interpretar, possui talento para viver. Elza é uma força da natureza. É a ponte de ligação entre a tradição e o novo, o samba de morro e o do asfalto, as raízes e as antenas. Vamos explorar essa diversidade através de um amplo repertório musical e de encontros com grandes nomes de nossa música, como Caetano Veloso, Jorge Ben Jor, Paulinho da Viola e Maria Bethânia”.

<http://www.hotsitespetrobras.com.br/cultura/projetos/21/473>

Acesso: 27/03/2015

Figura 71

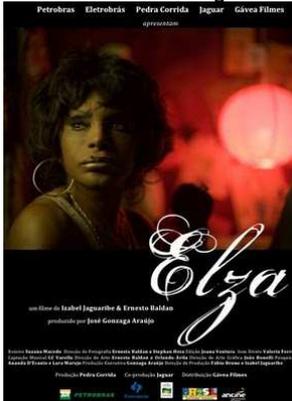


Figura 72



Fonte-
<http://sambaboysindublin.blogspot.com.br/2011/01/documentary-about-elza-soares.html>
2011- Elza Soares Documentary directed by Izabel Jaguaribe

Fonte-
<http://sambaboysindublin.blogspot.com.br/2011/01/documentary-about-elza-soares.html>
2011- Elza Soares Documentary directed by Izabel Jaguaribe

Ainda sobre o documentário “A Voz do Brasil” destaque mais relatos:

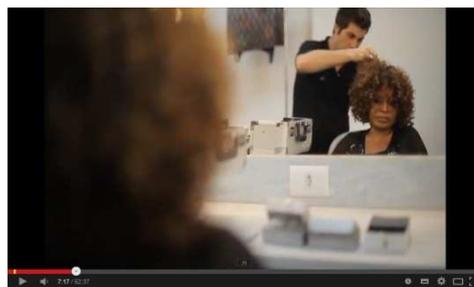
“Salvador é a primeira praça do Brasil, onde o filme estreou comercialmente”. Em Dezembro, o filme estava disponível em duas sessões diárias no Cine XIV e o Museu do cinema. Elza Soares (nascida 23 de junho de 1937) é uma cantora de samba brasileira. Ela foi casada com o jogador de futebol brasileiro Garrincha. Ela é um dos maiores cantores de samba Brasil, Elza não é apenas um ícone cultural brasileiro, mas um símbolo de resistência e coragem. Nascida e criada em uma favela do Rio de Janeiro, Soares participou de um concurso de canto apresentado pelo renomado músico brasileiro Ary Barroso, e recebeu as maiores notas. No final dos anos 1950, Soares passou um ano em turnê com Mercedes Batista Argentina. Soares tornou-se popular com seu primeiro single "Se Acaso Você Chegasse", em que ela apresentou o Scat à la Louis Armstrong, adicionando um pouco de jazz ao samba. Ela mudou-se para São Paulo, onde se apresentou em teatros e casas noturnas. Sua voz rouca se tornou sua marca registrada. Depois de terminar seu segundo LP, A Bossa Negra, Elza foi ao Chile representando o Brasil na Copa do Mundo 1962 de Futebol. Seu público fascinado saída e *over-the-edge* estilo no Brasil e no exterior. Ela começou a namorar bossa nova performer Milton Banana, mas em 1962 ela conheceu o grande amor de sua vida: Garrincha, um dos melhores jogadores de futebol da história do Brasil. Eles começaram um caso que duraria quase vinte anos. No entanto, o caso e o casamento subsequente iria destruir a vida de ambos, uma vez que

Garrincha era casada com oito filhos. Sua união se transformou em um grande escândalo, e Elza sofreu abusos, ameaças de morte, perseguição, e até mesmo tentativas em sua vida. O documentário de Isabel e Ernesto Baldan Jaguaribe retrata a carreira de Elza Soares famoso por suas interpretações, mostrando encontros inesquecíveis entre ela e outros artistas importantes, como Caetano Veloso, Maria Bethânia, Paulinho da Viola e Jorge Ben Jor. Para a diretora Izabel Jaguaribe "Elza tem voz única, que combina o poder de divas do jazz americano do swing brasileiro", elogia. "A idéia central do filme é explorar a rica personalidade de Elza Soares, através dos personagens em que se multiplica e os papéis que eles escolhem para jogar". Pesquisa realizada: SAMBABOYS - <http://sambaboysindublin.blogspot.com.br/2011/01/documentary-about-elza-soares.html> Acesso: 15/11/14 11:20

Figura 73



Figura 74



Fonte- <http://www.youtube.com/watch?v=5EqOwNuKE78>
2013- Documentário Canal BIS- O Gingado da Nêga

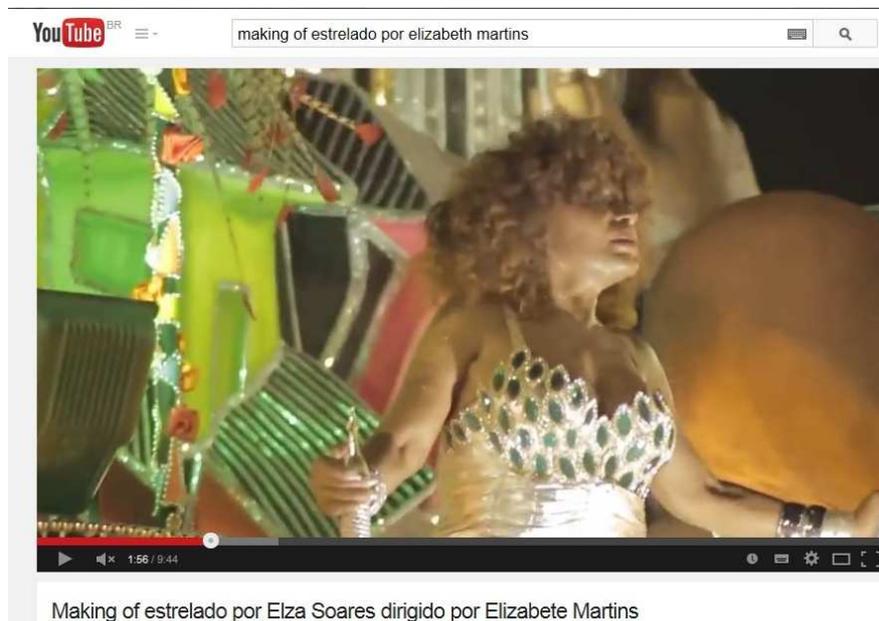
Nas figuras 73 e 74 retiradas do Documentário Canal BIS – Elza Soares – O Gingado da Nêga, produzido em 2013 conta a trajetória de Elza Soares e destaca:

“O Bis Docs conta a história de um dos grandes nomes da música popular brasileira. "Elza Soares - O Gingado da Nêga" percorre a história da cantora, em depoimentos em que ela mesma fala sobre sua trajetória. O filme aborda a carreira de Elza, que teve início ainda na década de 1950 no show de calouros apresentado por Ary Barroso, de seu casamento com o ídolo do futebol nacional, Garrincha, e de seus ídolos na música, que a inspiraram a seguir seu desejo de cantar. Pedro Bial é um dos grandes fãs da cantora e tem grande relevância ao longo do documentário, que conta ainda com Lobão, Jorge Aragão, Negra Lee, entre outros. Soul Filmes- <http://canalbis.globo.com/programas/bis-docs/materias/no-bis-docs-o-gingado-da-nega-conta-a-trajetoria-de-elza-soares.html> Acesso: 27/03/2015 21h23min.

Na figura 73 Elza Soares faz seu show sentada numa cadeira após sua cirurgia de coluna e, segundo informações do portal da UOL (DIAS, 2014) destaca:

“No início deste ano, Elza Soares estava deitada em uma maca a caminho da mesa de cirurgia, após anos sofrendo de dores na coluna e com dificuldades de locomoção. Foi a segunda tentativa cirúrgica de aplacar a fratura causada pela queda de cima de um palco, em 1999, agravada pelo uso do salto 15 e o gingado característico da paciente. Ao cogitar possíveis consequências da operação --perder os movimentos ou a fala, por exemplo-- prometeu a si mesma: "Se eu sair desse hospital vou atrás do Lupicínio Rodrigues". O compositor gaúcho, cujo centenário se comemora neste 2014, foi autor do primeiro sucesso da cantora, "Se Acaso Você Chegasse", em 1960. Ele aparece emoldurado ao lado de Elza no palco do novo show dela, "Elza Canta Lupicínio", e norteia o repertório com as canções que popularizaram o termo "dor de cotovelo". Elza entra e sai do espetáculo com passos e movimentos curtos, sempre amparada por um ajudante. No centro do palco, senta-se em uma poltrona e dança nos limites do assento. Não há chororô. Com oito pinos nas costas, ela mantém a mesma média de 15 shows por mês, que se desdobram em outros dois espetáculos: "A Voz e a Máquina", em que duela com batidas eletrônicas de dois DJs; e a releitura de seu álbum clássico, "A Bossa Negra" (1961). "Me cansa ficar parada", ela diz, contando nos dedos mais um mês de recuperação, enquanto conversa com o UOL em um hotel em São Paulo, horas antes de sua apresentação no Sesc Santana, na zona norte de São Paulo. No palco, fala do fatídico 7 a 1 que a seleção brasileira levou na semifinal da Copa do Mundo contra a Alemanha: "Parecia que os jogadores estavam com assaduras". Madrinha da Seleção de 1962 e ex-mulher de Mané Garrincha, ela também reclama sobre a torcida brasileira. "Teve muita gente [na Copa], mas o povo que gosta de futebol, o povo de verdade, não participou. Futebol virou elite". E prevê uma goleada, sabe-se lá de quem, nas próximas eleições presidenciais. "O povo mais inocente que tem é o brasileiro. No quarto de hotel, Elza não usa os enfeites brilhantes e a transparência dos vestidos de gala que traja no palco, mas não dispensa a maquiagem mais leve e os óculos escuros. A pele negra da carioca não mostra as rugas de seus 77 anos, e a cabeleira -- ou peruquinha, como ela chama-- [SIC] fica entre o cacheado e o *black power*. A cantora, que em uma de suas primeiras aparições disse que tinha vindo do "planeta fome", também veio do "planeta racismo": "Escrever 'somos todos macacos' é fácil. Mas e dizer: 'Somos todos negros'? Ninguém consegue falar isso". Por DIAS <http://musica.uol.com.br/noticias/redacao/2014/07/11/madrinha-de-62-elza-soares-aponta-erro-na-selecao-vice-elite.htm> 11/07/2014. 11h34

Figura 75



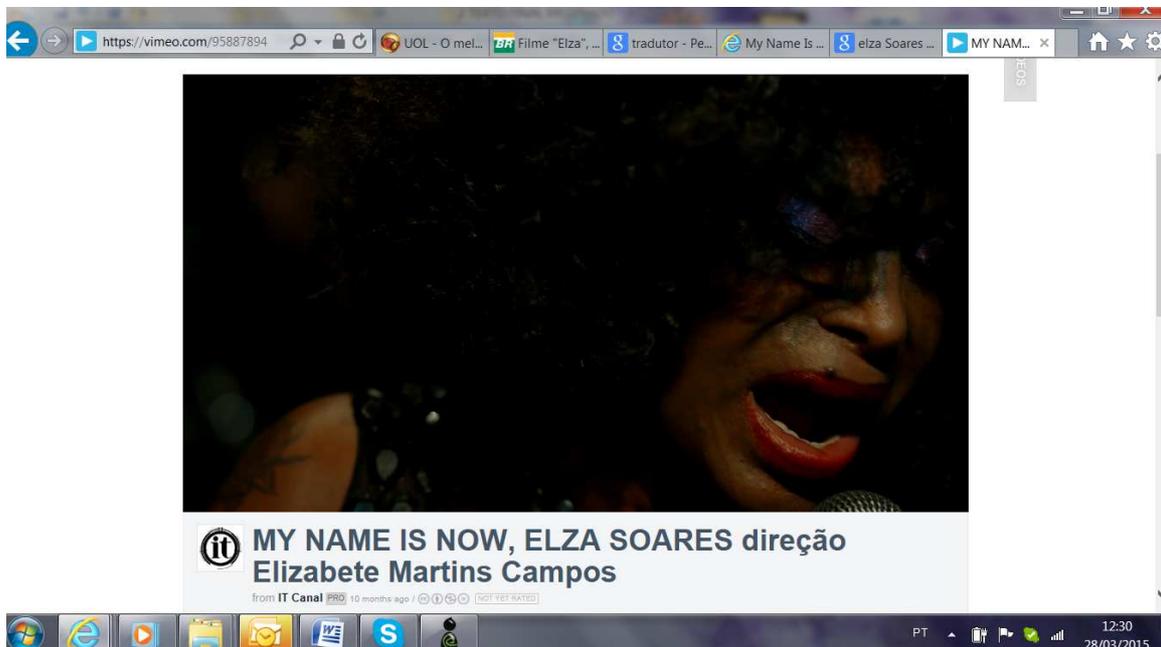
Fonte -<http://www.youtube.com/watch?v=HrRMX7VFbhY>
2013- *Making of estrelado por Elza Soares* dirigido por Elizabete
Martins Campos

No *Making of estrelado por Elza Soares* sob a direção e roteiro de CAMPOS (2013) na figura 75 destaco depoimentos de amigos e em especial Chico Buarque de Holanda que relembra tê-la conhecido na Itália em um show que Elza Soares fez quando foi morar no país por volta dos anos 69 e 70.

Elza Soares inicia o documentário com a seguinte frase: “Através da música é que me faço forte” e me pergunto: “quem sou eu, como sou, porque sou, nenhum de nós sabe quem é, difícil você saber quem você é, é muito difícil, eu sou assim, mas alguém de fora vai dizer você não é assim, é muito difícil, não sei quem sou ainda, também não faço muito força não, perguntam mas, não tenho vontade de saber quem sou, deixa seguir assim...”

Em 2014 (CAMPOS, 2014) lançou o documentário *MY NAME IS NOW* estrelado pela voz do Brasil de Elza Soares que não trata da vida de Elza Soares mas sim da vida de todos nós.

Figura 76



Fonte- <https://vimeo.com/95887894>

No site do documentário há uma abordagem sobre o desenvolvimento do trabalho interessante e, o transcrevo a seguir (CAMPOS, 2014):

“MY NAME IS NOW de ELIZABETE MARTINS CAMPOS participa da mostra competitiva Première Brasil”

“Ary Barroso pergunta a Elza Soares de que planeta ela veio e a resposta vem tão rascante quanto a voz da cantora: do planeta fome. Mas parece que Ary Barroso já sabia que Elza não era deste mundo. No Filme, Elza Soares é do planeta voz, criatividade, ousadia, rebeldia, a cor e som da terra, incorporada de ancestralidade brasileira. Foi a coragem, espontaneidade, irreverência e competência de Elza Soares, que comoveu a diretora Elizabete Martins Campos, após um show e entrevista feita com a cantora em 2008. A cineasta iniciou a jornada logo depois do primeiro contato com a artista e passou seis anos pesquisando e filmando intensamente o dia a dia da cantora. O projeto foi a possibilidade de experimentar um processo de produção e criação cinematográfica. Vi em Elza Soares elementos fílmicos que permitiam ir além do registro biográfico, como a sua incrível capacidade de improvisação, performance, sua história de arte e vida que refletem o Brasil de ontem e de

hoje. Isto possibilitou, por meio do cinema, gerar impressões sobre questões pontuais que me instigam como preconceito, crenças, feminismo, amor, superação, arte. O Filme é um ritual, Elza transcende musicalidade junto ao tempo, através dos elementos terra, água, sol, fogo e ar. Ela uma legítima filha do Brasil, comenta a diretora, sobre seu primeiro longa. A aproximação entre a documentarista e a personagem permitiu uma intimidade única em cena. “Tive uma conexão espiritual com a Elizabete e com a toda equipe, diz Elza Soares

Sou negra, índia. Sou samba, jazz, blues, funk, rock in roll, bossa, rap, soul, choro, sou punk. Sou claro. Sou escuro. Sou o sagrado. Sou o profano. Bendita. Maldita. Sou tudo. Sou nada.

Elza Soares, em My Name is Now é orgânico, expansivo e forte.

“Quantas Elzas existem por aí? Mas, eu resisto a dor, a pancada, o desafio, as humilhações, entendeu? Ah, será que você também acreditava que eu chegaria onde cheguei? Será que para chegar ao ponto em que cheguei? Como lutei, como lutei, pra chegar aqui. Negra, mulher, pobre”, Elza Soares.

O longa-metragem é uma realização da IT Filmes, Comunicação e Entretenimento, aprovado pela Agência Nacional de Cinema – ANCINE e conta com o patrocínio via dedução de impostos das empresas BMG, Halliburton e Cemig, por meio do projeto Filme em Minas. Agora, o Filme busca parceiros para a etapa de distribuição em salas de cinema”.

Figura 77



Fonte- <http://extra.globo.com/tv-e-lazer/em-temporada-no-rival-apos-cirurgia-na-coluna-elza-soares-avisa-estou-mais-gostosa-do-que-nunca-13686106.html#ixzz3JdSKWbnT>
2014- Em temporada no Rival após cirurgia na coluna. Elza Soares avisa: “estou mais gostosa do que nunca”

Em entrevista à repórter Luisa Souto do Jornal Extra (versão online, de 24/08/2014) Elza Soares destaca a temporada no Rival após cirurgia na coluna, e avisa: “estou mais gostosa do que nunca”:

“A vaidade, marcada por seu vício em plásticas, segue pulsante. Durante as fotos para esta matéria, pediu ao fotógrafo que usasse bastante *Photoshop*. “Vou melhorar logo para ir ao Pitanguy (Ivo, famoso cirurgião plástico). Tá na hora”, diz, olhando-se no espelho: — Em casa não uso nem batom, para conservar minha pele, que é linda. Mas gosto de maquiagem e continuo me vestindo muito bem. Você tem que estar sempre inteira, linda e maravilhosa. O dia em que estiver ruguenta, vão te achar uma coitada. Para quem é casada, é importante ter cuidado com o corpo. Eu malho muito. Aliás, quero ligar para a (cantora) Anitta para dizer que ela ficou linda depois da plástica. Elza não faz ideia da quantidade de plásticas que fez. E não acha as intervenções fora do tom: — Tudo que é demais mata, enjoa. Até doce de coco. Mas faço dentro do limite, para conservar”. <http://extra.globo.com/tv-e-lazer/em-temporada-no-rival-apos-cirurgia-na-coluna-elza-soares-avisa-estou-mais-gostosa-do-que-nunca-13686106.html>
Acesso em: 20/11/2014 às 18h00

Figura 78



Fonte- <https://bitchpop.wordpress.com/2014/11/03/a-transgressao-de-elza-soares/>
A Transgressão de Elza Soares

Na Figura 78 em “A Transgressão de Elza Soares” onde a cantora tem uma participação com o rapper Emicida²⁹ na música Nega do Cabelo Duro há uma importante menção de (ENGLER, 2014) a respeito deste momento:

“Talvez ela não se dê conta, mas a mera existência de Elza Soares já é em si uma transgressão. Mulher. Negra. Nascida na favela. “Destruidora de lares”. Mãe. Viúva. Sensual aos 77 anos. Moderna. A primeira vez que vi um show seu, em 2007, mal conhecia seu trabalho, mas já fiquei impressionada com a vivacidade e intensidade daquela mulher, que não parava de dançar e rebolar, descumprindo orientações médicas. Na segunda vez, nem 12 pinos na coluna seguraram esta que faz jus ao clichê de força da natureza –“mas o resto está tudo no lugar”, fez questão de assegurar à platéia do Cine Jóia na última quinta (30). Elza é moderna e cantou “com computador” – dois DJs soltando as bases para ela brincar com a voz e transformar em pancadão [SIC] “Chega de Saudade” e outros clássicos da canção e do samba. Elza mostra que o rap e o funk são descendentes do samba e não podem renegá-lo. Elza recebe com carinho os herdeiros de sua arte, mesmo os não tão óbvios, como Emicida, com quem fez versões memoráveis de “Volta por Cima” e “Nega do cabelo Duro”. Elza não abre mão da vaidade e da sensualidade. Reafirma o sexo mesmo contra os preconceitos que diriam que ela já passou da idade. Beija todos na boca. Faz comentários maliciosos. Elza é um modelo de mulher a seguir. Elza ensina que não existe idade para fazer política, se posicionar, lutar contra a desigualdade. Elza é transgressora. (apenas para aconselhar que não percam uma próxima oportunidade de ver esta mulher ao vivo)”. <https://bitchpop.wordpress.com/2014/11/03/a-transgressao-de-elza-soares/> Acesso: 30/03/2015 14h47min.

Cabe neste momento destacar a multiplicidade e a versatilidade de Elza Soares nas diversas interpretações que fez da música ao longo de sua vida, tornando-se a cantora mais pop das pops cantoras brasileiras além de suas participações no cenário cinematográfico. Nos ANEXOS A e B relaciono toda cronologia discográfica e fílmica de Elza Soares.

²⁹Leandro Roque de Oliveira, mais conhecido pelo seu nome artístico Emicida é um rapper, repórter e produtor musical brasileiro. É considerado uma das maiores revelações do hip hop do Brasil nos últimos anos. https://www.google.com.br/?gws_rd=ssl#q=Emicida Acesso: 30/03/2015 às 14h39min.

Elza Soares nunca participou de grupos ou guetos musicais, nunca se identificou com nenhum movimento musical e em um depoimento a MACHADO ela destaca:

“Se você está falando de guetos, eu não gosto deles, fujo. Bossa nova, baianos, pagode, não tenho identificação total com nenhum desses movimentos musicais. Desde o começo de minha carreira estou sempre escapando. Eu não quero perder minha identidade e me tornar um rótulo. Então busco muito, quero uma coisa que ainda não encontrei dentro da música, e ainda vou descobrir. Eu estudo sax alto, por exemplo. Comecei a ter aulas com o grande Moacir Santos na época em que morei em Los Angeles. Mas agora parei, por causa da queda, assim como parei com a ginástica e outras coisas”
<http://www.revistatropico.com.br/tropico/html/textos/430,1>.
shl Acesso: 31/03/2015 às 12h05.

Ainda em entrevista com (MACHADO) a cantora afirma:

“Sou muito teimosa, e não admito que duvidem que eu faça as coisas que quero fazer. Adoro desafios e sempre coloco uma meta além do ponto em que estou no momento. Eu não gosto do feio, e não gosto de televisão, que é muito difícil eu ver. Só um filme ou uma reportagem”.
<http://www.revistatropico.com.br/tropico/html/textos/430,1>.
shl Acesso: 31/03/2015 às 13h44min

LOUZEIRO em 1997 (p. 337) menciona:

“Considero lamentável que um artista de seu porte, referindo-se a Elza Soares, e de sua grandiosa representatividade não possua uma produção fonográfica a sua altura. Do início de sua carreira até hoje, os trabalhos são esparsos, alguns não conseguem manter o mesmo padrão de qualidade e ela quase não grava mais, o que é compreensível. Elza, com boa mídia e bem produzida, não há quem a segure. Aproveito para ressaltar a fidelidade de Elza ao samba. Ela faz suas viagens musicais, mas o samba é sua vertente, sua paixão, sua fonte inspiradora, sua raiz”.

Refletindo sobre o que o autor comenta acima, em meados de 1997, Elza Soares em meus estudos realmente se dedicou ao samba, porém de lá pra cá repaginou, deu um novo formato, um novo significado, uma nova maneira de sentir e interpretar a música e diferenciou-se, como no exemplo ao cantar com o rapper Emicida em 2014, o que fez da canção Nega do Cabelo Duro, uma nova versão, um novo desabrochar melódico e de fato procede à

transgressão em que Elza Soares mergulha, pois é capaz de reinventar-se a cada momento.

Retomando as questões pungentes com relação à imagem da cantora, motivo deste estudo, além dos diversos papéis e momentos vividos por Soares, a construção e a criação artísticas das diversas capas dos seus discos apresentadas ao longo deste trabalho, procurei estabelecer um estudo entre o que de visual ela transmite assim como a relação com o audiovisual e, foram formas de transmissão midiáticas instantâneas vividas naturalmente desde a mais tenra idade. A codificação destas imagens no que refere à beleza da cantora cada vez mais elaborada, a fez conhecida e foi apelidada de a cantora da voz rouca e coxas apetitosas (LOUZEIRO, 1997, p. 336).

Portanto, o corpo é a existência concreta e palpável do indivíduo. Sua imagem é o que de fato imagetivamente se percebe, se nota e é a visão imediata que produzimos ao interlocutor.

Segundo (NATALIE, 2006, p. 65), a imagem corporal está extremamente ligada com o que se pensa e sente de si mesmo e, Elza Soares aborda justamente esta questão sobre o que pensa de si mesma em entrevista ao Jornal Extra (versão online, de 24/08/2014) quando diz ao entrevistador: “Elza não faz idéia da quantidade de plásticas que fez. E não acha as intervenções fora do tom: - Tudo que é demais mata, enjoa. Até doce de coco”. É como um conjunto de representações mentais e corporais acumuladas ao longo do tempo de vida. Para a construção destas imagens são considerados aspectos visuais, impressões táteis, experiências dolorosas e prazerosas permeadas por significados afetivos culturais, relacionais e cognitivos presentes na história de vida da pessoa.

O estudo sobre o corpo e o uso que fazemos dele é o espaço físico que abriga o indivíduo. Importante lembrar que o corpo é construído historicamente, e existe uma percepção e significado de cada momento para cada época ao longo da história.

Território construído por liberdades e interdições, e revelador de sociedades inteiras, o corpo é a primeira forma de visibilidade humana. O

sentido agudo de sua presença invade lugares, exige compreensão, determina funcionamentos sociais, cria disciplinamento e desperta inúmeros interesses de diversas áreas do conhecimento. Sua materialidade polissêmica pode ser tomada como síntese dos sonhos, de realizações de desejos. Seus múltiplos sentidos, assim, pedem múltiplos olhares, teorias, interações de saberes, para que dele se fale. Pois o corpo, mesmo remexido e revirado do avesso, minuciosamente perscrutado em seu interior e exterior, recortado e transformado em partes que vão viver em outros corpos, ou em um receptáculo de muitos e múltiplos objetos/materiais que nele se incorporam, ou ainda sofrendo todo tipo de mutilação/intervenção desejada ou imposta, parece guardar a possibilidade de ser um território de preservação do humano factível que esconde uma réstia de mistério sobre sua existência (SOARES, 2004).

Portanto a comunicação midiática que Elza Soares estabeleceu através das imagens apresentadas ao longo de sua carreira foram inúmeras, personagens construídas através dos tempos, descreveram o momento em que estava vivendo, com estilos que marcaram época. Dentro das minhas pesquisas não encontrei indícios relacionados ao universo do consumo e da comunicação em massa preconizada pela cantora, um mundo de sedução e de movimento incessante. Há destaque para sua imagem de personalidade marcante e, há também um culto à beleza, pois Soares sempre protagonizou e valorizou o estar bem e o bem estar, além de cultuar e cuidar da sua beleza e esta foi às várias maneiras que se apresentou midiaticamente, porém a sua obra realmente passou pelo culto à voz, à inovação, aos desafios, e dificuldades que a vida lhe pregou, porém cada vez mais Elza Soares mostra o quanto ela se reinventa, o quanto se recria, o quanto transgride, transfigura e transforma, e isto faz com que ela tenha marca própria, brilho próprio e continue superando além dos padrões estéticos explorados pela mídia de forma geral.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fatores históricos levaram os indivíduos a se relacionarem com seu corpo e sua imagem das mais diversas formas e circunstâncias, crenças, significados, sociabilização cultural, padrões culturais de beleza da época que moldaram a maneira como cada um enxerga sua própria aparência.

Ao estudar a persona Elza Soares levanto algumas hipóteses com relação ao indivíduo de como ele percebe e vê o corpo e sua imagem propriamente dita, que território é este tão complexo e encantador. De que maneira este corpo está sendo reinventado e como é visto virtualmente no seu real estado físico.

Ao percorrer a trajetória da cantora Elza Soares, me surpreendeu com olhos de pesquisadora como todo processo de sua carreira se sucedeu, o quão foi interessante percorrer e entender como a construção de sua imagem pautada no visual se desenvolveu qual o impacto midiático e quais foram às repercussões deste processo de construção desta imagem.

É inegável a influência da mídia hoje, particularmente da TV, na formação da subjetividade da população. Os modelos de valor, beleza, felicidade são introjetados desde a mais tenra infância e passam a ser modelos aspiracionais. É com a Frozen, Gisele Bündchen ou Anita que as meninas e mulheres querem se parecer hoje. Afinal estas personagens são referência de como a sociedade nos vê, nos quer e nos valoriza, porém no caso de nossa persona Elza Soares, o modelo de construção imagética programada, pré-determinada, mutante e com real intenção de criar novas personagens a fim de criar um produto que seduzisse o consumidor, não ocorreu.

Embora almejasse um corpo perfeito, cuidadosa até hoje com sua imagem, e porque não dizer com sua beleza, estas questões não foram relevantes e nem tiveram tanta importância ao longo de sua trajetória como cantora, e ainda hoje aos seus 77 anos Elza Soares é considerada diva da música, sedutora, dona de lindas pernas e capaz de despertar nos homens certa inquietude.

Em 2000 ganhou o título de cantora do milênio, conferido pela BBC de Londres e que lhe rendeu também um prêmio em dinheiro. Londres aplaude a cantora desde os anos 70, e foi para lá participar de um grande show organizado pela emissora inglesa, que também premiou vozes de outros países, entre elas a de Tina Turner.

Ao longo deste estudo pude acompanhar a construção de uma carreira e de imagem sólidas, com propósitos embora cheio de percalços, não houve uma formatação planejada de sua imagem, porém ela foi sendo construída à medida que os anos foram passando e a maturidade trouxe as transformações e transfigurações que vão além de sua própria imagem. Podemos generalizar alguns conceitos teóricos como os de Hollanda, Breton, Coelho, Essinger, Kellner, Morin, Santana dentre outros sobre que a cultura midiática articula-se através de símbolos e de um imaginário que é permeado por questões mitológicas e arcaicas, levando os indivíduos a protagonizar ou incorporar um cenário midiático segundo desejo de um público. Não é o caso de Elza Soares que lida com este imaginário de uma forma criativa, surpreendente e entrega ao público o alimento que de fato ela tem pra dar, que é a excelência musical, sua criatividade vocal, sua beleza quer interior como exterior com uma marca precisa que é sua marca quando diz: "MY NAME IS NOW" e, encerro minhas considerações com a fala da própria Elza Soares de como enxerga a vida, quando diz: "nada do passado, nada do futuro. O que vale é o agora"!

Ainda há muito que pesquisar, este estudo inicial foi muito rico pra mim, é só o começo de um longo caminho de investigação e o tema propriamente dito me surpreendeu, pelo o quanto de material esta personagem me fez estudar e o quanto ainda pode promover e alavancar relevante contribuição nas áreas de comunicação e estética da beleza.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALMEIDA, Claudio Aguiar. **Cultura e sociedade no Brasil: 1940-1968. Discutindo a História do Brasil.** Atal Editora. 1996, p.54-58.

ALMEIDA, Milton Santos. **Sobre Miltoninho.**
[http://pt.wikipedia.org/wiki/Miltinho_\(cantor\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Miltinho_(cantor)) Acesso em 20 de novembro de 2014.

ALTTIMAN, M.B.; CORRÊA, S. **O movimento de saúde e direitos reprodutivos no Brasil; revisando percursos.** In: Galvão L., Diaz J.. Saúde Sexual e Reprodutiva no Brasil Dilemas e Desafios. São Paulo. 2009, p.33.

ALBIN, Cravo. **Dicionário da música popular brasileira.** Instituto Cultural Cravo Albin. ©2002-20015 <http://www.dicionariompb.com.br/elza-soares/discografia> Acesso 03/04/2015 14h49min.

ARAÚJO, Edna Maria Nóbrega; MENESES, Joedna Reis. **Histórias e artifícios da beleza feminina: a “Batalha” contra o tempo.** Anais do IV Colóquio Internacional Cidadania Cultural: diálogos de gerações 22,23 e 24 de setembro de 2009. Disponível em: http://pos-graduacao.uepb.edu.br/ppgli/?wpfb_dl=146 Acesso em : 02 nov. 2014 18h00

BARROS, Edgard Luiz de. **Anos 70 – Identidade brasileira na moda.** <http://www.fashionbubbles.com/historia-da-moda/anos-70/> Acesso:15/02/2015 22h10min.

BASTOS, L. A. M. **Corpo e subjetividade na medicina.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

BELLOUR, Raymond. **Entre- imagens.** São Paulo. Editora Papyrus.1997.

BOMENY, Helena. **Os dezessete e setecentos.** In: Decantando a República, v. 02: inventário histórico e político da canção popular moderna brasileira. Berenice Cavalcanti, Heloísa Maria Murgel Starling, José Eisenberg, (organizadores). Rio de Janeiro. Nova Fronteira: São Paulo: Fundação Perseu Abramo 2004, p.135.

BRANDÃO, Antonio Carlos; DUARTE, Milton Fernandes. **Movimentos culturais de juventude.** São Paulo. Editora Moderna. 1990, p.32-35, 95,99,102,105,106.

BRETON, David Le- **Adeus ao corpo. Antropologia e sociedade.** Editora Papyrus. 2003. p.31.

CAMPOS, Elizabete Martins Campos. **My name is now.**
<http://itcanal.com.br/mynameisnow/longa-metragem-sobre-elza-soares-estreia-no-festival-do-rio/> Acesso; 28/03/2015. 12h58min.

CASTRO, Ana Lúcia de. **Culto ao corpo e sociedade**. São Paulo. FAPESP/Annablume, 2003. p.66.

CAYME, Dorival- <http://www.dec.ufcg.edu.br/biografias/DorivCay.html> Acesso: 21/04/2015 16:21

COELHO, Cláudio N.P. . **A Tropicália: cultura e política nos anos 60***. Tempo Social; ver. Social. USP. Volume 1 (1).
http://www.fflch.usp.br/sociologia/tempocial/site/images/stories/edicoes/v012/a_tropicalia.pdf Acesso 07/02/2015 15h22min.

COELHO, Claudio N.P. **Tropicalia: culture and politics in the 1980's**. Rev. Sociol. USP, São Paulo, 1 (2) , 2. Sem. 1989, p.159-176.

COLOMBO, Patrícia. “**Cantar ainda é remédio bom, dia Elza Soares**”.
<http://rollingstone.uol.com.br/noticia/cantar-ainda-e-remedio-bom-diz-elza-soares/#imagem0> Matéria 24/09 de 2010. Acesso 31/03/2015 18h30min.

DANTAS, Jurema Barros. **Um ensaio sobre o culto ao corpo na contemporaneidade**. Universidade Veiga de Almeida – UVA, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. Estudos e Pesquisa em Psicologia. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/8342/6136>. Acesso em: 02 nov. 2014 22h30min.

DIAS, Thiago. <http://musica.uol.com.br/noticias/redacao/2014/07/11/madrinha-de-62-elza-soares-aponta-erro-na-selecao-virou-elite.htm> 11/07/2014. 11h34min.

ECO, Umberto. **A História da beleza**. Tradução Eliana Aguiar. Rio de Janeiro. Record, 2004. p.8.

ENGLER, Natalia. **A transgressão de Elza Soares**.
<https://bitchpop.wordpress.com/2014/11/03/a-transgressao-de-elza-soares/>
Acesso: 30/03/2015 14h56min.

ESSINGER, Sílvio. **Pagode**. Disponível em www.cliquemusic.com.br Acesso: 19/02/2015 12h50min

EXENBERGER, Mauricio. Filme: **O vendedor de lingüiça**.
<http://www.epipoca.com.br/filmes/comentarios/11058/o-vendedor-de-linguica/0/117028> Acesso: 03/04/2015 17h39min.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2006.

FAUX, Dorothy Schefer. **Beleza do Século**. Tradução de Paulo Neves. Cosac & Naify Edições, 2000. 400 p.

FITZPATRICK, Thomas B.; WOLFF, Klaus; FREEDBERG, E. A.. **Tratado de dermatologia**. Editora Revinter. 5ª Edição. 2005.

GIL, José. “**Metafenomenologia da monstruosidade: o devir-monstro**”. In: Silva, Tomaz T. **Pedagogias dos monstros: os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras**: Belo Horizonte: Autêntica, 2000. P. 165-195.

- GOFFMAN, Erving. **A Elaboração da face - Uma análise dos elementos rituais da interação social.** In.: FIGUEIRA, S. (Org.). *Psicanálise e Ciências Sociais.* Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980, p. 76.
- HOLLANDA, Heloísa Buarque de. **Impressões de viagem. CPC, vanguarda e desbunde: 1960/1970.** São Paulo, Brasiliense, 1980, p. 123-127.
- HOLLANDA, Heloísa Buarque de & GONÇALVES, Marcos A. **Cultura e participação nos anos 60.** São Paulo. Brasiliense, (Col. Tudo é História nº 41), 1982, p. 66.
- In: BRASIL, André; LISSOVSKY, Maurício; MORETTIN, Eduardo (Org.). **Visualidades hoje. Os corpos visíveis na contemporaneidade: Da purificação midiática à explicação artística.** Brasília e Salvador: Compós-EDUFBA, 2013; p. 119-136. Disponível em: <http://www.paulasibilia.com/#!/capitulos/c681> Acesso em: 02 nov. 2014 23h30min.
- In: BRASIL, André; LISSOVSKY, Maurício; MORETTIN, Eduardo (Org.). **Visualidades hoje. Os corpos visíveis na contemporaneidade: Da purificação midiática à explicação artística.** Brasília e Salvador: Compós-EDUFBA, 2013; p. 119-136.
- JAGUARIBE, Izabel; BALDAN, Ernesto- **Documentário – A voz do Brasil - Petrobás/Cultura- Projetos patrocinados.** 2009.
<http://www.hotsitespetrobras.com.br/cultura/projetos/21/473> Acesso: 27/03/2015 00h30min.
- JAZDZEWSKI, Catherine. Helena Rubinstein, Paris. **Mémoire de la beauté.** Éditions Assouline, 1998.
- JOLY, M. **Introduction à l'analyse de l'image.** Paris: Nathan Université.1994.
- KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia.** Bauru; São Paulo: SP EDUSC, 2001.454 p.
- LIPOVETSKY, Gilles. **A era do vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo.** São Paulo: Manole, 2000, p.130.
- LOUZEIRO, José. Elza Soares – **Cantando para não enlouquecer.** Editora Globo. São Paulo. 1997, 426 p.
- MACHADO, Álvaro- **Elza Soares solta o verbo.**
<http://www.revistatropico.com.br/tropico/html/textos/430,1.shl> Acesso: 31/03/2015 11h59min.
- MARGUERITTE, Victor. **La garçonnette.** Editora Flammarion. 1992.
- MARTINS, Luciano. Aspectos políticos da revolução brasileira. *Revista da Civilização Brasileira.* Rio de Janeiro, nº2, 1965.

MESTRE, Marilza Bertassoni. **Mulheres do século XX: memórias de trajetórias de vida, suas representações (1936-2000)**. Tese [Doutorado] Curitiba: Universidade Estadual de Campinas; 2004. Acesso: 01/02/2015. Disponível em: http://dspace.c3sl.ufpr.br/dspace/bitstream/handle/1884/2290/marilsa_final.pdf?sequence=1

MORENO, Rachel. **A beleza impossível – mulher, mídia e consumo**. São Paulo: Editora Ágora, 2008. P.29, 30 e 31.

MOREIRA, Sylvio Allan Rocha Moreira. **Uma interpretação intencionalista da imagem: Percepção e comunicação visuais humanas**. Tese apresentada ao Programa de Pos-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento (PPGTPC/UFGA), para a obtenção do título de Doutor em Teoria e Pesquisa do Comportamento. Universidade Federal do Pará Núcleo de Teoria e Pesquisa do Comportamento Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento. Belém-Pará 2012. http://www.ufpa.br/ppgtpc/dmdocuments/DOCTORADO/tese_doutorado_sylvio.pdf Acesso em: 15 nov. 2014 00h50min.

MORIN, Edgard. **Cultura de massa do século XX: o espírito do tempo. Neurose**. Forense-Universitário. Rio de Janeiro. 1984.

MOURA, Alkimar R. **Rumo à entropia: a política econômica, de Geisel a Collor**. In: LAMOUNIER Bolívar (org.). **De Geisel a Collor: o balanço da transição**. São Paulo. Editora Sumaré LTDA., 1990,p.50-58.

MOUTINHO, Maria Rita; VALENÇA, Máslova Teixeira. **A moda do século XX**. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2000.

NAKAD, Valeska Fonseca- **Madonna e os Meios Massivos de Comunicação: Pactos Para a Construção de Uma Persona**. Trabalho de defesa de Mestrado. Escola de Comunicação da Universidade Anhembi Morumbi. 2008, p.7.

NATALIE, Kathia. **Diante do espelho**. Revista mente e cérebro. Editora de aniversário, nº 164 stembro de 2006, p.65.

PALOMINO, Erika - **A moda**. São Paulo: Publifolha, 2002.

REIS, Jéssica Gleyce dos (UEP- PIBIC); CAVALCANTE, Renata Kelly (UEPB- PIBIC); ARAÚJO, Nóbrega, Edna Maria . **Folheando Páginas: A busca da beleza nos enunciados das revistas femininas**. Apresentado no III Seminário Nacional de Gêneros e Práticas Culturais- Olhares diversos sobre as diferenças- - João Pessoa Paraíba - outubro de 2011. <http://www.seminariogeneroufpb.org/3/06/16.pdf> 2h30min.

SCALZO, Marília - **Trinta anos de moda no Brasil: uma breve história**. São Paulo: Editora Livre, Almanaque Folha, 2009.

SAMBABOYS

<http://sambaboysindublin.blogspot.com.br/2011/01/documentary-about-elza-soares.html> Acesso: 15/11/14

SANDRONI, Carlos. Adeus à MPB. In: **Decantando a República**, v. 01: inventário histórico e político da canção popular moderna brasileira. Berenice Cavalcanti, Heloísa Maria Murgel Starling, José Eisenberg, (organizadores). Rio de Janeiro: Nova Fronteira: São Paulo: Fundação Persel Abramo, 2004, p.31.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. **Políticas do corpo**. São Paulo. Estação Liberdade, 1995. p. 121.

SANT'ANNA, Denise B. de (org.). **Políticas do Corpo - Elementos para uma história das práticas corporais**. São Paulo: Estação Liberdade, 2005.p.130.

_____ **Corpo de passagem: ensaios sobre a subjetividade contemporânea**. São Paulo: Estação Liberdade, 2001, p.127.

SCHILDER, P. **A imagem do corpo**. Buenos Aires. Paidós. 1977.

SCHWARTZ, Rosana. **Importância das categorias de análise gênero e cotidiano para o consumo feminino**. Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Comunicação, Consumo e Diferenças, do 3º Encontro de GTS COMUNICOM, realizado nos dias 10 e 11 de outubro de 2013, São Paulo.

SECCHI, Kenny. **Percepção da Imagem Corporal e Representações Sociais do Corpo**. Psicologia: Teoria e Pesquisa – Abril – Junho. 2009. Vol. 25, n.2, p.230. Universidade do Planalto Catarinense, Faculdades Integradas UNIVEST, Brigido Vizeu Camargo, Universidade Federal de SantaCatarina, Raquel Bohn Bertoldo, Université Paris Descartes, 2009. p.230.

SEVCENKO, Nicolau. **A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio**. In: NOVAIS, Fernando A. (Coord.); SEVCENKO, Nicolau (org. vol.). **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p.513-619.

SIBILIA, Paula. **Os corpos visíveis na contemporaneidade da purificação midiática à explicação artística**. Casa da Ciência da UFRJ/Garamond, 2013, p.125-126.

SOARES, Carmen Lúcia (org.). **Corpo e história**. 3ª Edição. São Paulo: Editora Autores Associados, 2006.p.134.

SOLER, Mario Novelino Alondo. **Quem pauta a pauta: Rotinas produtivas do tem notícias primeira edição**- Dissertação de Mestrado em Comunicação da Universidade Estadual Paulista "Julio de Mesquita Filho" *Campus* Bauru, linha de pesquisa "Produção de Sentido na Comunicação Midiática", como requisito para obtenção do Título de Mestre em Comunicação, orientado pela Profa. Dra. Ana Sílvia Davi Médola. São Paulo. 2005.

SOULFILMES- O gingado da Nêga. Documentário-

<http://canalbis.globo.com/programas/bis-docs/materias/no-bis-docs-o-gingado-da-nega-conta-a-trajetoria-de-elza-soares.html> Acesso: 27/03/2015 14h55min.

SOUTO, Luisa. <http://extra.globo.com/tv-e-lazer/em-temporada-no-rival-apos-cirurgia-na-coluna-elza-soares-avisa-estou-mais-gostosa-do-que-nunca-13686106.html> Acesso em: 20/11/2014 às 18h00

SOUZA, Luís Antonio Francisco de; SABATINE, Thiago Teixeira; MAGALHÃES, Bóris Ribeiro de. **Michel Foucault, sexualidade, corpo e direito**. CAPES. Cultura Acadêmica Editora. 2011.

TAVARES, M.C.G.C.. **Imagem corporal: conceito e desenvolvimento**. Manole, São Paulo. 2003.

THÉBAUD, F. Introdução. In: Duby G., Perrot M.. **História das mulheres no ocidente – o século XX**. Porto (Portugal): Afrontamento. São Paulo: Ebradil. 1991.

TORRES, Sérgio Rubens de Araújo. **A Pirataria de CDs e o flagelo do jabá**. Disponível em www.horadopovo.com.br Acesso disponível 16/03/2015.

VELOSO, Caetano. **Verdade tropical**. Companhia das Letras. São Paulo. 1997.

_____. Ambiente de festival. A arte de Caetano Veloso. Rio de Janeiro. Fontana/Phonogram, LP 6470541/2, 1975.

VIDIGAL, Raphael. **Elza Soares: Voz que toma corpo**.

<http://www.esquinamusical.com.br/elza-soares-voz-que-toma-corpo/> Acesso: 28/03/2014 às 11h30min.

VIGARELO, Georges. **Historia da Beleza: O Corpo e a Arte de Se Embelezar, do Renascimento**. Ediouro. Rio de Janeiro. 2006. p.59.

XAVIER, Beto. **Futebol no país da música**. Panda Books. 2009.

ANEXOS A

CRONOLOGIA DA DISCOGRAFIA DE ELZA SOARES

Segundo (ALBIN, 2002-2015)

- (2011) 100 Anos de Música popular Brasileira, Vol. 7 e Vol. 8 (participação) • Discobertas/ ICCA • CD
- (2011) O samba carioca de Wilson Baptista (participação) • Biscoito Fino • CD
- (2010) Pilão Raça = Elza • Discoberta • CD
- (2010) Somos todos iguais • Discoberta • CD
- (2009) Arrepios - Elza Soares & João de Aquino • Selo Pívetz • CD
- (2007) Beba-me - Elza Soares ao vivo • Biscoito Fino
- (2007) Chega de Saudade (trilha sonora do filme) • Universal Music • CD
- (2003) Trilha sonora do filme "Lisbela e o prisioneiro" • vários • CD
- (2003) Um ser de luz - saudação à Clara Nunes • Deckdisc • CD
- (2003) Vivo feliz • Selo Reco-Head • CD
- (2003) A bossa negra • Universal Music • CD
- (2002) Duetos-Chico Buarque • (participação) • CD
- (2002) Do cóccix até o pescoço • Maianga Discos • CD
- (2002) Jorge Aragão ao vivo convida • Indie Records • CD
- (2000) Cole Porter, George Gershwin-canções, versões-por Carlos Rennó. (vários) Independente • CD
- (1999) Carioca da gema • Independente • CD
- (1999) Meus Momentos (disco duplo) • EMI • CD
- (1999) Raízes do Samba • EMI • CD
- (1997) Trajetória • CD
- (1997) Salve a Mocidade. Volume • CD
- (1989) Sei lá Mangueira • Odeon • Compacto simples
- (1988) Voltei • RGE • LP
- (1986) Somos todos iguais • LP
- (1982) Dindi • Odeon • Compacto simples (1980) Elza negra, negra Elza • CBS • LP

(1980) Com que roupa • Odeon • LP

(1979) Se acaso você chegasse • Odeon • Compacto Duplo

(1978) Sei lá Mangueira • Odeon • Compacto simples

(1977) Pilão + raça = Elza • LP

(1975) Com que roupa. Com Miltoninho • Odeon • LP

(1975) Rio carnavais dos carnavais • Odeon • Compacto simples

(1975) Aquarela brasileira • Odeon • Compacto simples

(1975) Aquarela brasileira • Odeon • LP

(1974) Festa da vinda • Odeon • Compacto simples

(1974) Festa da vinda • Odeon • Compacto Duplo

(1974) Capital do tempo • Odeon • Compacto simples

(1974) Se acaso você chegasse • Odeon • LP

(1974) Cadeira vazia • Odeon • Compacto Duplo

(1974) Salve a Mocidade • Tapeçar • LP

(1974) Quem é bom já nasce feito • Tapeçar • LP

(1974) Samba, minha raiz • Tapeçar • LP

(1973) Lendas do Abaeté • Odeon • LP

(1973) Rio carnavais dos carnavais • Odeon • Compacto Duplo

(1973) O pato • Odeon • Compacto Duplo

(1973) Acorda Portela • Odeon • Compacto Duplo

(1973) Mangueira em tempo de folclore • Odeon • Compacto simples

(1973) Elza Soares • Odeon • LP

(1972) Sangue, suor e raça. Com Roberto Ribeiro • Odeon • LP

(1972) Rio-carnaval dos carnavais • Odeon • Compacto simples

(1972) Rainha da roda • Odeon • Compacto simples

(1972) Grade do amor • Odeon • LP

(1972) Swing negrão. Com Roberto Ribeiro • Odeon • LP

(1972) Elza pede passagem • Odeon • LP

(1972) Rio carnaval dos carnavais • Odeon • Compacto simples

(1972) Maria vai com as outras • Odeon • LP

(1972) Grade do amor. Com Roberto Ribeiro • Odeon • Compacto Duplo

(1972) Lendas do Abaeté. Com Roberto Ribeiro • Compacto simples

(1972) Recordações de um batuqueiro. Com Roberto Ribeiro • Odeon • Compacto

Duplo

- (1971) Se acaso você chegasse • Odeon • LP
- (1970) Samba & mais sambas • Odeon • LP
- (1970) Mas que nada/Máscara negra • Odeon (Itália) • Compacto simples
- (1969) Elza, carnaval & samba • Odeon • LP
- (1969) A flor e o samba • Odeon • Compacto simples
- (1969) Onde está meu samba? • Odeon • LP
- (1969) Bahia de todos os deuses • Odeon • Compacto simples
- (1969) Bis • Odeon • Compacto simples
- (1969) Boogie-woogie na favela • Odeon • LP
- (1969) Heróis da liberdade • Odeon • LP
- (1969) Lendas e mistérios da Amazônia • Odeon • Compacto simples
- (1969) A flor e o samba • Odeon • Compacto simples
- (1969) Juntinho de novo • Odeon • LP
- (1968) Balanço zona sul • Odeon • LP
- (1968) Portela querida • Odeon • Compacto simples
- (1968) Lapinha/Pressentimento • Odeon • Compacto simples
- (1968) Onde está meu samba • Odeon • Compacto simples
- (1968) Diálogo de crioulos • Odeon • LP
- (1968) O bonde de São Januário • Odeon • Compacto Duplo
- (1968) Mestre-sala • Odeon • LP
- (1968) Capoeira • Odeon • LP
- (1968) Sei lá Mangueira • Odeon • Compacto simples
- (1968) Elza Soares & Wilson das Neves • LP
- (1967) Palmas no portão • Odeon • Compacto simples
- (1967) Palmas no Portão • Odeon • LP
- (1967) O mundo encantado de Monteiro Lobato • Odeon • LP
- (1967) Negro telefone • Odeon • LP
- (1967) Com que roupa • Odeon • LP
- (1967) Isso não se faz/Unha e carne • Odeon • Compacto simples
- (1967) Portela querida/Sofri • Odeon • Compacto simples
- (1967) O máximo em samba • LP
- (1966) Com a bola branca • Odeon • LP
- (1966) Quizumba/A infelicidade • Odeon • Compacto simples

- (1966) De amor ou paz/Toque balanço • Odeon • Compacto simples
- (1965) O neguinho e a senhorita/O que passou, passou • Odeon • Compacto simples
- (1965) Um show de beleza • Odeon • LP
- (1965) O samba brasileiro • Odeon • LP
- (1965) Verão do meu Rio • Odeon • LP
- (1965) O neguinho e a senhorita • Odeon • LP
- (1964) Na roda do samba • Odeon • LP
- (1964) Receita de balanço/Na roda do samba • Odeon • Compacto simples
- (1963) Só danço samba/Sim e não • Odeon • 78
- (1963) Eu sou a outra/Amor impossível • Odeon • 78
- (1963) Volta por cima • Odeon • Compacto Duplo
- (1963) Vou rir de você • Odeon • Compacto Duplo
- (1963) Sambossa • Odeon • LP
- (1962) Maria, Mária, Mariá • Odeon • Compacto Duplo
- (1962) Ziriguidum/Maria, Mária, Mariá • Odeon • 78
- (1962) Avec no Leblon/Aconteceu um novo amor • Odeon • 78
- (1961) Eu e o Rio • Odeon • LP
- (1961) Beija-me • Odeon • LP
- (1961) Mulata assanhada • Odeon • LP
- (1961) Boato/O samba está com tudo • Odeon • 78
- (1961) Cadeira vazia/Ziriguidum • Odeon • Compacto simples
- (1961) Perdão • Odeon • Compacto Duplo
- (1961) Não põe a mão • Odeon • Compacto Duplo
- (1961) A bossa negra • Odeon • LP
- (1960) Edmundo (In the mood)/Era bom • Odeon
- (1960) Teleco-teco nº 2/Casa de turfista • Odeon • 78
- (1960) Se acaso você chegasse • Odeon • LP
- (1960) Tenha pena de mim • Odeon • LP
- (1959) Se acaso você chegasse/Mack the Knife • Odeon

ANEXOS B

CRONOLOGIA FÍLMICA E PARTICIPAÇÕES EM TRILHAS SONORAS DE ELZA SOARES

O primeiro bloco de obras elencadas serão as participações de Elza Soares em vários filmes como citarei a seguir por ordem cronológica:

1. 1959- Les 400 coups – (participação de Elza Soares na trilha musical)

Intensamente história comovente de um jovem adolescente incompreendido que, deixado sem atenção, investiga a vida de pequenos crimes. Elza Soares canta "Bambino" (Ernesto Nazareth e José Miguel Wisnik).

Sinopse:

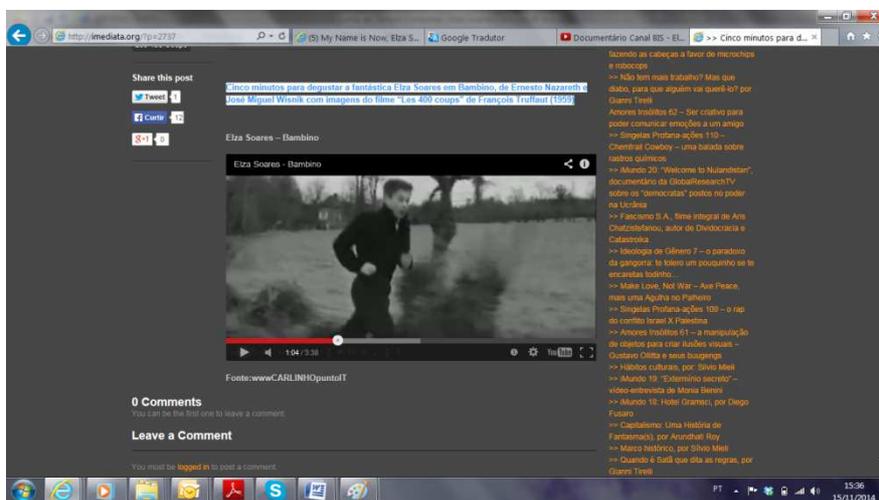
Les quatre cents coups (Os incompreendidos ^(título no Brasil) ou Os quatrocentos golpes ^(título em Portugal)) é um filme francês de 1959, do gênero drama, dirigido por François Truffaut. O nome do filme em francês é uma expressão popular equivalente a "pintar o sete" em português. A obra foi financiada com ajuda do sogro de Truffaut, que produziu uma história quase autobiográfica, inspirada em suas próprias experiências entre o final da infância e o início da adolescência. Seu personagem principal (Antoine Doinel, vivido por Jean-Pierre Léaud) é tido como alter-ego do diretor, e Les 400 Coups é o primeiro dos cinco filmes com o personagem, retomado em outras fases da vida nos filmes L'amour à vingt ans (1962), Baisers volés (1968), Domicile conjugal (1970) e L'amour en fuite (1979). O filme narra a história do jovem parisiense Antoine Doinel, um garoto de 14 anos que se rebela contra o autoritarismo na escola e o desprezo de sua mãe e de padrasto (Gilberte e Julien Doinel). Rejeitado, Antoine passa a faltar as aulas para frequentar cinemas ou brincar com os amigos, principalmente René. Com o passar do tempo, vivenciará algumas descobertas e cometerá pequenos delitos em busca de atenção até ser aprisionado em um reformatório, levado pelos próprios pais.

http://pt.wikipedia.org/wiki/Les_quatre_cents_coups Acesso: 03/04/2015 17h21min

Ficha Técnica:

Diretor: François Truffaut. Escritoras: François Truffaut (cenário), Marcel Moussy (adaptação) (como M. Moussy). Estrelas: Jean-Pierre Léaud , Albert Rémy , Claire Maurier. País: França. Idioma: Francês-Inglês. Data De Lançamento: 03 de junho de 1959 (França). Também Conhecido Como: OS Incompreendidos. Locações: Avenida Frochot, Paris 9, Paris, França. Co Produção: Les Films du Carrosse , Sédif Productions. Especificações técnicas: Tempo de execução: 99 min. Mixagem de Som: Mono Cor: Preto e branco.

FIGURA 79



Fonte-<http://imediata.org/?p=2737>

Cinco minutos para degustar a fantástica Elza Soares em Bambino, de Ernesto Nazareth e José Miguel Wisnik com imagens do filme “Les 400 coups” de François Truffaut (1959)

2. 1961- Briga, Mulher e Samba (Cinemateca Brasileira)

Categorias: Longa-metragem / Sonoro / Ficção. Material original- 35mm, BP, 91min, 2.500m, 24q. Data e local de produção: Ano: 1961. País: BR. Cidade: Rio de Janeiro. Estado: GB

Certificados- Censurado em 17.11.1961, 40 cópias, 100m, trailer. Censurado em 22.11.1961, 20 cópias.

Sinopse:

“O matuto Marcelino vem do interior tentar a vida no Rio de Janeiro. O seu tio Simão, chofer de praça e morador numa

favela com Sofia, vem recepcioná-lo na estação ferroviária. Uma vizinha, Tereza, se interessa pelo recém chegado. No cais, o bandido Zé recebe um pacote, sendo perseguido por policiais. Na boate Caverna se apresenta Mira Diler. No seu camarim encontra-se o criminoso Zé, ferido e sem o pacote. Valentino reclama da ação da polícia que está atrapalhando os seus "negócios". Marcelino ainda não encontrou trabalho; ao mesmo tempo tenta vender suas composições sem sucesso. Ele passa a ajudar o tio como chofer, mas coloca suas preocupações na frente: recusa um freguês para encontrar-se na TV Guanabara com o cantor Francisco Carlos. Marcelino vai à boate procurar Mira, mas vê-se envolvido nas tramas de Valentino. Mira lhe dá esperanças de aceitar suas músicas, desde que vá ao cais buscar uma "encomenda". No segundo trabalho, Marcelino é preso pela polícia. Tereza o visita na cadeia, mas Marcelino se recusa a confessar o estratagema usado por Mira. Simão convence o delegado a facilitar a fuga de Marcelino de forma a fornecer provas de sua inocência. Os bandidos decidem liquidar Marcelino. Tereza acusa Mira de envolver o namorado e é levada para um esconderijo. Marcelino ameaça Mira, mas Valentino o nocauteia com um revólver. No esconderijo, Marcelino enfrenta os bandidos e foge com Tereza. Depois de deixá-la na favela, vai até a boate onde Valentino e Mira comemoram a vitória. Marcelino e Valentino entram em luta, enquanto que os bandidos são enfrentados pelo pessoal da favela que veio em ajuda comandados por Simão e Sofia. Tereza abraça Marcelino, enquanto Mira recebe uma paulada na cabeça. (resumo do Material Examinado)" .(Cinemateca Brasileira) <http://cinemateca.gov.br/cgi-bin/wxis.exe/iah/> Acesso: 03/04/2014 16h26min

Ficha Técnica:

Gênero: Comédia; Musical. Termos descritores. Favela; Ferrovia; Transporte Coletivo; Polícia; Música Popular Brasileira; Televisão; Habitação; Porto. Escritores secundários Caipira [SIC] Termos geográficos. Rio de Janeiro – GB. Produção Companhia(s) produtora(s): Lupofilmes. Produção: Lupo, Ronaldo. Direção de produção: Silva, José Produtor associado: Zonari, Arnaldo. Produtor assistente: Higino, Raimundo. Distribuição Companhia(s) distribuidora(s): Distribuidora de Filmes Sino Ltda. Argumento/roteiro. Argumento: Lopes, Raimundo Roteiro: Lupo, Ronaldo. Direção Direção: Cherques, Sanin. Fotografia. Direção de fotografia: Daissé, Amleto. Câmera: Rosa, José. Assistência de câmera: Silva, J. Vicente da Som. Sonografia: Tavares, José; Ribeiro, Nelson. Efeitos especiais de som: Estúdio Sivam. Montagem. Edição: Valverde, Rafel Justo. Dados adicionais de montagem. Assistência de edição: Erita, Lúcia. Direção de arte. Guarda-roupa: Peixó, Zilma. Cenografia: Horvath,

Alexandre. Dados adicionais de direção de arte. Contra-regra/acessórios de cenografia: Silva, Vinícius. Maquiagem: Carias, Paulo; Castelli, Pedro. Música. Direção musical: Peixe, Guerra. Canção. Autor da canção: Lupo, Ronaldo; Autor da canção: Rêgo, Almeida; Autor da canção: Barbosa, Haroldo; Autor da canção: Almeida, Janet de; Autor da canção: Pujol, Waldemar. Intérprete: Zé do Norte e sua gente famosa; Intérprete: Monsueto e sua Escola de Samba; Intérprete: Silva, Moreira da; Intérprete: Soares, Elza; Intérprete: Madi, Tito; Intérprete: Miltoninho; Intérprete: Ribamar. Locação: Corcovado - RJ; Pão de Açúcar - RJ; Cinelândia - RJ. Identidades/elenco: Lupo, Ronaldo (Marcelino); Fronzi, Renata (Mira Diler); Figueiró, Luely (Tereza); Lório, Átila (Valentino); Davies, Billy (Ananias); Vale, Maurício do (Zé); Costa, Arlindo; Veiga, Faria; Lopes, José; Wester, Ita; Valença, Irmãos; Silveira, Mozael; Montemor, Nestor; Tony Jr.; Carlos, Francisco. Apresentando: Matinhos(Simão). Participação especial: Ferraz, Violeta(Sofia). Conteúdo examinado: SFontes utilizadas: Material examinado: CENS/ISA/EMPCB/ Ficha Filmográfica. Fontes consultadas: O Jornal, 10.12.1961. RB/AN65. FCB LOTE 2/FF, ACPJ/I, ALSN/DFB, LM. Observações: Material examinado: cópia em 16mm com 862m. ACPJ/I menciona a <Fama Filmes> como distribuidora e sonografia de <Reis, Norival>.

Elza Soares faz uma participação no filme, “Briga, Mulher e Samba” interpretando com Monsueto a música Ziriguidum, trás uma alusão a alegria, descontração, divertimento, bem característico da personalidade da cantora. Na Figura 79 destaco uma silhueta jovem, com traços faciais sem nenhuma modificação nas suas características naturais.

FIGURA 80



Fonte

<http://www.youtube.com/watch?v=gefyFIB8Z>

UI

1961

Elza-Soares-e-Monsueto-cantam—Ziriguidum—
Museu Mazzaroppi

3. 1962- O vendedor de lingüiça (participação de Elza Soares na trilha musical e como atriz)

O Vendedor de Lingüiça é um filme brasileiro de comédia de 1962 estrelado por Mazzaropi e dirigido por Glauco Mirko Laurelli. Foi produzido em preto e branco pela PAM Filmes. Números musicais com Pery Ribeiro, Miltinho, Elza Soares e Mazzaropi.

Sinopse:

Gustavo é um vendedor ambulante de lingüiças que todos os dias sai com seu filho Dudu a bordo de um pequeno caminhão e percorre os bairros da periferia de São Paulo oferecendo seu produto. A filha de Gustavo, Flora, trabalha como empregada doméstica para patrões ricos e quando eles viajam, resolve passear pela cidade usando as roupas daquela família. Durante esse passeio ela conhece o milionário Pierre e ambos começam um namoro. Flora pega outras roupas da família e dá ao pai e ao irmão Dudu, para fazer com que passem por uma família rica. O estratagema é descoberto e todos vão parar na polícia, e Pierre sabe da verdade sobre a namorada através dos jornais. Mesmo assim ele quer continuar o namoro mas a família dele tenta impedi-lo.
http://pt.wikipedia.org/wiki/O_Vendedor_de_Lingui%C3%A7a
Acesso: 03/04/2015 17:34

Segundo (EXENBERGER, 2008) menciona o seguinte a respeito do filme:

“O Vendedor de Lingüiça é uma comédia urbana nos moldes da genial crônica urbana O Gato de Madame (1956). O roteiro, porém, não é tão requintado. O modelo é semelhante às chanchadas da Atlântida, com história ingênua recheada com números musicais de Mazzaropi, Elza Soares (cantando como nunca e sem plásticas), Pery Ribeiro, entre outros artistas. O maior mérito do filme é conseguir captar com perfeição o cotidiano de um cortiço paulistano do início dos anos 1960, ainda com cara de década de 1950. O numeroso elenco afinado e divertido convivendo num ambiente de pobreza extrema lembra novelas produzidas décadas depois pela televisão brasileira. As aventuras do vendedor de lingüiça que passa o filme todo tentando resolver os conflitos amorosos dos filhos tem até momentos engraçados, como nas cena em que Mazzaropi e vizinhos dão uma de farofeiros na praia. Felizmente Mazzaropi retoma aqui tiradas que deram certo em filmes como Sai da Frente (1952). Numa cela na delegacia, ao perceber que o delegado é São Paulino, Mazzaropi (corintiano) coloca um broche do time no seu paletó e ainda acusa o dono

do cão (Duque) ladrão de lingüiças de palmeirense. Astro de Sai da Frente (1952), o cão Duque aparece aqui, dez anos depois, já velhinho numa cena crucial do filme". <http://www.epipoca.com.br/filmes/comentarios/11058/o-vendedor-de-linguica/0/117028> Acesso: 03/04/2015 17h39min

(EXENBERGER, 2008) faz um comentário sobre Elza Soares muito interessante: “com história ingênua recheada com números musicais de Mazzaropi, Elza Soares (cantando como nunca e sem plásticas), Pery Ribeiro, entre outros artistas. O que é interessante o quanto a imagem e as supostas plásticas de Elza Soares são destaque em comentários o que me faz refletir como a imagem desta personagem é alvo de comentários, porém há menção na sua musicalidade “cantando como nunca”.

Ficha Técnica:

Diretor: Glauco Mirko Laurelli. Escritores: Milton Amaral, Amácio Mazzaropi (story) Estrelas: Amácio Mazzaropi, Geny Prado, Roberto Duval . País: Brasil Idioma: Português. Data De Lançamento: 30 abr 1962 (Brasil). Créditos da companhia. Co Produção: PAM Filmes. Especificações técnicas. Tempo de 95 min execução: Cor: Preto e branco. <http://www.imdb.com/title/tt0194501/> Acesso: 06/04/2015 11:04

FIGURA 81



Fonte- http://www.youtube.com/watch?v=zsAwXrr_AoI Acesso: 06/04/2015 11:06
1962- Elza Soares no filme “O Vendedor de Lingüiça” 1962. Museu Mazzaropi

4. 1965- O puritano da Rua Augusta (participação de Elza Soares na trilha musical e como atriz)

Mazzaropi é um pai de família super careta e extremamente conservador que deixa os filhos loucos com sua mania de manter a moral e os bons costumes sempre em primeiro lugar. Após sofrer um ataque do coração nada mais vai ser como antes; ele muda e passa a se comportar como um jovem outra vez. Muda o cabelo, as roupas e até o gosto pela música. Será que ele ficou louco? Só você vendo.

Sinopse

Exuberante Elza Soares canta "O neguinho e a senhorinha" fazendo uma alusão ao neguinho que gostou do filho da madame que nós tratamos de sinhá...A cantora reafirma sua excelência musical, beleza destacável e neste filme no momento em que canta, já apresenta traços de quem fez uma mudança em seu olhar , o que remete a afirmar em cirurgia plástica. <http://www.imdb.com/title/tt0234543/> Acesso: 06/04/2015 11h28min

Ficha Técnica:

Direção: Amácio Mazzaropi. **Roteiro:** Alvim Barbosa (escritor), Amácio Mazzaropi (argumento). **Gênero:** Comédia. **Origem:** Brasil. **Duração:** 102 minutos. País: Brasil. Idioma: Português. Créditos da Companhia: Co-produção PAM filmes. **Tipo:** Longa-metragem. Cor: preto e branco. Elenco: Amácio Mazzaropi, Marly Marlei, Marina Freire, Elizabeth Hartmann, Edgard Franco, Henricão, Elza Soares.

Interpreta Elza Soares e Waldyr Mussi e seu conjunto a música "O neguinho e a senhorinha" de Noel Rosa e Abelardo da Silva.

Elza Soares se apresenta neste filme muito fasceira, divertida, leve, com seu corpo exuberante e participando como intérprete e atriz de forma natural como é sua marca até hoje.

FIGURA 82



Fonte-
http://www.youtube.com/watch?v=zsAwXrr_AoI

1965 - Elza Soares no filme "O Puritano da Rua Augusta" – Museu do Mazzaropi

5. 1973- Um caipira em Bariloche (participação de Elza Soares na trilha musical e participação <http://www.imdb.com/title/tt0234543/> o especial)
Acesso: 06/04/2015 11h38min

Sinopse:

“Polidoro, um pobre e inocente homem, é logrado por seu genro e um de seus amigos, e acaba vendendo a sua fazenda a força, pela família. Ele vai morar na cidade grande, onde é discriminado por algumas moças, suas vizinhas. Porém o dinheiro da compra da fazenda nunca chega a Polidoro, que seria pago a vista. Depois de viajar a Bariloche com a esposa do comprador da fazenda (o amigo de seu genro), uma argentina, ela decide que não vai mais embora de Bariloche, e lhe dá alguns manuscritos que incriminam seu genro e seu amigo, e ele volta para a cidade grande de avião. Nas cartas também estava escrito que tudo que a mulher que tinha viajado com ele, que seria herdado de seu marido (eles não tinham filhos), passaria para Polidoro. Assim, a sua família, vai até a fazenda e depois de brigas e até da explosão de uma casa eles conseguem a fazenda de volta. No elenco estão ainda, as participações especiais dos cantores Elza Soares e Paulo Sérgio” http://pt.wikipedia.org/wiki/Um_Caipira_em_Bariloche
Acesso: 03/04/2015 19h27min

Ficha Técnica:

Administração: Amácio Mazzaropi , Pio Zamuner . Escritoras: Renato de Bruno (diálogo), Amácio Mazzaropi. Estrelas: Amácio Mazzaropi , Beatriz Bonnet , Ivan Mesquita . Elenco: Amácio Mazzaropi, Geny Prado, Edgard Franco, Paulo

Sérgio (participação especial) interpretando a música: Todo mundo cantando, de Tony Damito, Elza Soares (participação especial) interpretando a música: "Rio, carnaval dos carnavais" de Padeirinho, Nilton Russo e Moacir. País: Brasil-Argentina. Idioma: português. Créditos da Companhia: PALM Filmes. Tempo de Execução: 100 min. Cor: cor.

Elza Soares neste Clipe aparece com cabelos *black power*, sua marca registrada dos anos 70 e foi marcante no álbum da cantora o que deu um ar moderno e atual para aquele período.

FIGURA 83



Fonte- <http://www.youtube.com/watch?v=InFCzsDRgLU>
1973- Elza Soares – Rio, Carnaval dos Carnavais – Filme: Um Caipira em Bariloche

6. 2003- Lisbela e o Prisioneiro (participação de Elza Soares na trilha musical)

Lisbela e o Prisioneiro é um filme brasileiro de 2003, do gênero comédia romântica, dirigido por Guel Arraes. É uma adaptação da peça de teatro homônima de Osman Lins. O filme é uma produção da Globo Filmes e da Natasha Filmes, junto com o estúdio Twentieth Century Fox. Conta a história do malandro, aventureiro e conquistador Leléu e da mocinha sonhadora Lisbela, que adora ver filmes norte-americanos e sonha com os heróis do cinema.

A trilha sonora é assinada pelo músico consagrado André ... nomes como Sepultura, Zé Ramalho, Caetano Veloso e Elza Soares. Espumas ao Vento interpretada por Elza Soares música de Accioly Neto .

Sinopse:

“Lisbela está noiva e de casamento marcado, quando Leléu chega à cidade. O casal se encanta e passa a viver uma história cheia de personagens tirados do cenário nordestino: Inaura, uma mulher casada e sedutora (Virginia Cavendish, de O Cravo e a Rosa, Dona Flor e seus Dois Maridos e O Auto da Compadecida), que tenta atrair o herói e trair o marido valentão e "matador" Frederico Evandro (Marco Nanini, de Carlota Joaquina, Princesa do Brazil e O Auto da Compadecida); um pai severo e chefe de polícia, Tenente Guedes (André Mattos, de Como Nascem os Anjos); um pernambucano com sotaque carioca e gírias paulistas, Douglas (Bruno Garcia, de Os Maias e O Quinto dos Infernos), visto sob o prisma do humor regional; e um "cabo de destacamento", Cabo Citonho (Tadeu Mello, da trilogia A era do gelo, Xuxa e os Duendes e Didi, O Cupido Trapalhão), que é suficientemente astuto para satisfazer os seus apetites. Lisbela e Leléu vão sofrer pressões da família, do meio social e também com as suas próprias dúvidas e hesitações. Mas, em uma reviravolta final, cheia de bravura e humor, eles seguem seus destinos. Como a própria Lisbela diz, a graça não é saber o que acontece. É saber como acontece e quando acontece”.
http://pt.wikipedia.org/wiki/Lisbela_e_o_Prisoneiro Acesso: 03/04/2015 19h46min

Ficha Técnica:

Diretor: Guel Arraes. Escritores: Guel Arraes (roteiro), Jorge Furtado (roteiro), Pedro Cardoso (roteiro), Osmin lins (peça de teatro). Gêneros: Comédia/Romântica. País: Brasil. Data lançamento: 22/08/2003. Créditos da Companhia- Co-produção Globo Filmes, Natasha Filmes.. Tempo de execução: 106min. Cor: cor. Elenco: Débora Falabella, Selton Mello, Virginia Cavendish, Bruno Garcia, Marco Nanini, André Mattos, Tadeu Mello, Lívia Falcão, Paula Lavigne, Heloísa Périssé, Aramis Trindade, Carlos Casagrande, Michelle Birkheuer – Marion. Trilha Sonora: A trilha sonora é assinada pelo músico consagrado André Moraes e pelo diretor teatral João Falcão e traz nomes como Sepultura, Zé Ramalho, Caetano Veloso e Elza Soares. Um DVD com a apresentação ao vivo de todos os músicos também foi lançado. Porém, alguns artistas, como a banda Los Hermanos, que interpreta a canção "Lisbela", de José Almino e Caetano

Veloso, não figuram por motivos contratuais.
<http://www.imdb.com/title/tt0367975/> Acesso: 06/04/2015 12h38min

FIGURA 84



Fonte-
<http://i.ytimg.com/vi/L1tidRNvd6Y/hqdefault.jpg>

Lisbela e o Prisioneiro

7. (2005- Estrela solitária- Um Brasileiro chamado Garrincha (Elza Soares interpreta Bambino de Ernesto Nazareth e José Miguel Wisnik no encerramento do filme Garrincha – Estrela Solitária de Milton Alencar)

Bambino", letra de José Miguel José Miguel Wisnik, e composição de Ernesto Nazareth, que faleceu em 1934, portanto muitos anos antes de José Miguel Wisnik nascer em 1948, ele que é também professor de Literatura Brasileira na Universidade de São Paulo. Eu recomendo clicar na tag Ernesto Nazareth, com vídeos de composições deste gênio de nossa música. Garrincha - Estrela Solitária é um filme brasileiro que conta a trajetória do jogador de futebol Manuel dos Santos, famoso Garrincha.

Sinopse:

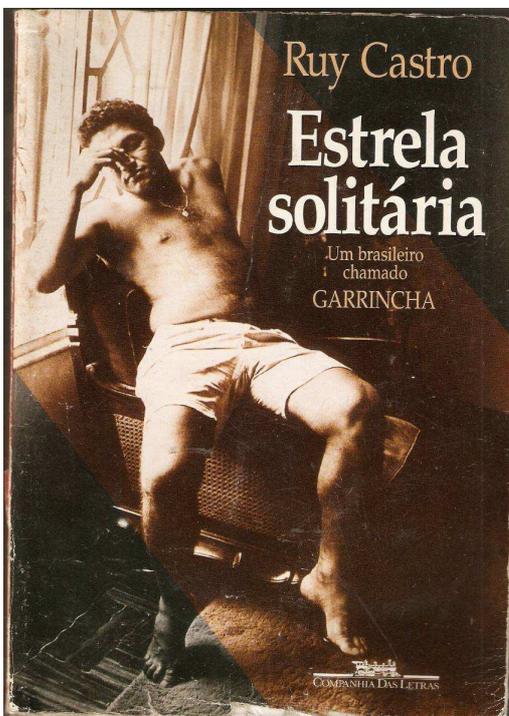
A vida de Garrincha, o "demônio das pernas tortas", dentro e fora do campo, confrontando o mito do futebol mundial ao homem humilde e analfabeto do interior. Em 1980 a escola de samba Mangueira homenageia Garrincha, que desfila em um carro alegórico especialmente preparado para ele. As várias facetas de Mané Garrincha são mostradas a partir das lembranças de pessoas que lhe foram muito próximas e que o amaram de diferentes maneiras. As histórias que Elza Soares, Iraci, Sandro Moreyra e Nilton Santos viveram com Garrincha

compõem uma visão multilateral de sua personalidade e de seu destino de glórias e tragédias.
http://pt.wikipedia.org/wiki/Estrela_Solit%C3%A1ria_-_Um_Brasileiro_Chamado_Garrincha Acesso:03/04/2015

Ficha técnica:

Título original:Garrincha - Estrela Solitária. Gênero:Drama. Duração:01 hs 50 min.
Ano de lançamento:2005. Estúdio:FAM Filmes / Band Filmes .Distribuidora:Milton Alencar. Direção: Milton Alencar. Roteiro:Rodrigo Campos, baseado em livro de Ruy Castro. Produção:Jorge Moreno. Música:Léo Gandelman. Fotografia:Jorge Moclar.
Direção de arte:Sérgio Silveira
Edição:Vera FreireElenco: André Gonçalves (Garrincha), Taís Araújo (Elza Soares), Henrique Pires(Sandro Moreyra), Alexandre Schumacher (Nilton Santos), Ana Couto, Romeu,Evaristo, Eduardo Silva, Paschoal Villaboim, Creio Kellab, Roberta Rodrigues, Chico Diaz, Jece Valadão, Tatiana Merino, Marília Pêra, Miguel Falabella
<http://blogln.ning.com/profiles/blogs/elza-soares-canta-bambino> Acesso: 03/04/2015 20:19

Figura 85



Fonte-
http://cdn.atl.clicrbs.com.br/wp-content/uploads/sites/24/2015/04/estrela-solitaria-garrincha-ruy-castro_MLB-F-186143599_8910.jpg

Acesso: 06/04/2015 14h05min

8. 2007- Elza Soares canta Bambino – Filme Garrincha- Estrela solitária

Figura 86



Fonte- <https://www.youtube.com/watch?v=qcmf2nIjH8>

Imagem enviada em 2007 - Elza Soares canta "Bambino" (Ernesto Nazareth e José Miguel Wisnik) no encerramento do filme "Garrincha - Estrela Solitária", de Milton Alencar

9. 2011- Estamos Juntos (participação de Elza Soares na trilha musical)

Estamos Juntos é filme brasileiro de 2011, um drama dirigido por Toni Venturi e estrelado por Leandra Leal, Cauã Reymond, Lee Taylor, Nazareno Casero, Débora Duboc e Dira Paes.

Sinopse:

“Para Carmem (Leandra Leal), uma jovem e talentosa médica, o mundo começava a se moldar conforme seus planos: uma vida independente na agitada São Paulo, ao lado do seu divertido amigo

DJ, Murilo (Cauã Reymond), e distante das amarras da cidade provinciana de onde veio. Mas quando sintomas de uma grave e inesperada doença surgem na vida desta médica residente, sua rotina se transforma e ela passa a se relacionar cada vez mais com um enigmático homem (Lee Taylor) ao mesmo tempo em que se entrega a uma intensa paixão com o impetuoso músico Juan (Nazareno Casero). Em *Estamos Juntos*, Carmem fará com que as duas realidades em que vive se confrontem, mesmo que elas acabem conquistando ou destruindo uma à outra". http://pt.wikipedia.org/wiki/Estamos_Juntos Acesso: 03/04/2015 20:00

Ficha Técnica:

Direção: Toni Venturi. Escritores: Hilton Lacerda, Bruno Della Latta (contribuindo escritor). Gênero: Drama. País: Brasil/Argentina. Idioma: português/espanhol. Lançamento: 03/06/2011. Créditos da Companhia: Co Produção: Aurora Filmes, Olhar Mágico. Cor: cor. Elenco: Leandra Leal, Cauã Reymond, Lee Taylor, Nazareno Casero, Débora Dubox, Drica Paes. Gênero: Drama. Estúdio: Aurora Filmes. Distribuição: Imagens Filmes Participação de Elza Soares na trilha sonora com a Música Paciência de Lenine.

Figura 87



Fonte- 2011- <https://www.youtube.com/watch?v=FYD-kJATufc>

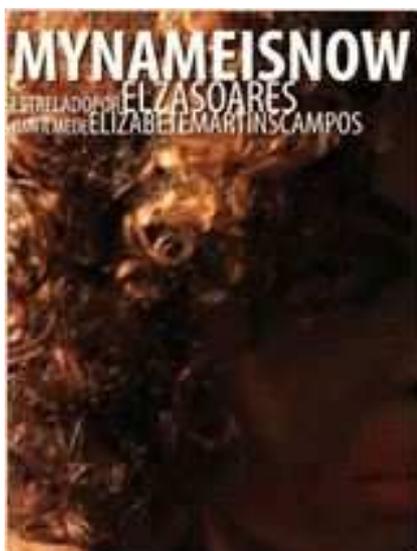
10. 2014- My name is now.

MY NAME IS NOW um filme coma cantor, compositora, atriz, Elza Soares. Um mito vivo encarna a essência de ascendência brasileira.

Ficha Técnica:

Diretor: Elizabete Martins Campos. Escritores> Ricardo Alves jr (roteiro), Elizabete Martins Campos. Elenco: Elza Soares. Direção de Fotografia: Paolo Giron. Montado por: Lorena Ortiz, Pablo Paniagua. Direção de Arte: Lorena Ortiz, Alonso Pafyeze. Som: Pablo Lamar e Alexandre Martins. Gênero: Documentário/Biografia. País: Brasil. Idioma: português. Especificações técnicas: tempo de execução: 71 min. Cor: cor.

Figura 88



Fonte-

http://br.web.img3.acsta.net/r_160_240/b_1_d6d6d6/pictures/14/09/08/17/02/022250.jpg

Acesso 06/04/15 14:24

